

LARANJEIRAS
MARÇO 2020

patrimônio urbano em risco:

o desafio da preservação do
porto velho em maruim/se

PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS



Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de graduação em
Arquitetura e Urbanismo, área de
Conservação e Restauro, da Universidade
Federal de Sergipe, como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof.º Dr. Pedro Murilo
Gonçalves de Freitas

patrimônio urbano em risco:

o desafio da preservação do
porto velho em maruim/se





PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS

PATRIMÔNIO URBANO EM RISCO:
O desafio da preservação do Porto Velho em Maruim/SE

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Murilo Gonçalves de Freitas
ORIENTADOR

Prof. Heloisa Diniz de Rezende
PROF. CONVIDADA

Arq. Espa. Viviane Oliveira de Jesus
EXAMINADOR EXTERNO

dedicatória

**Dedico este trabalho a minha cidade, Maruim
Na esperança que a luz da “cidade das luzes”
Ilumine estes tempos sombrios.**

agradecimentos

Enquanto finalizo este pedaço do caminho, olho para trás - e para os lados - e percebo quantas pessoas estão e estiveram comigo no percurso. Agradeço a Deus por ter ido à frente, por ser luz em meu caminho, por estar comigo quando precisei descansar e por ser força quando precisei retomar.

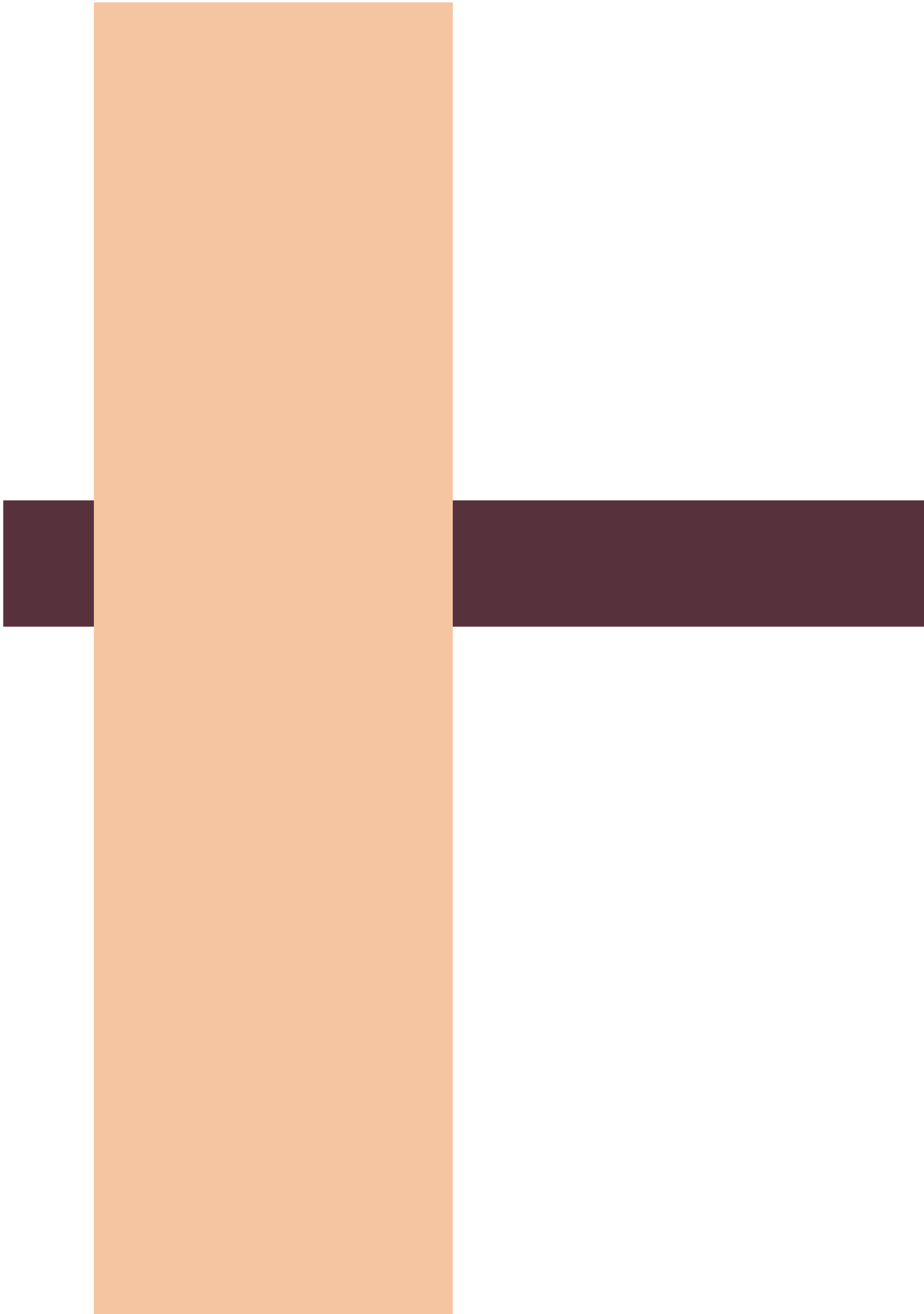
Agradeço aos meus pais, Joelma e Paulinho, por ser a expressão concreta da presença de Deus em minha vida, por serem meus maiores exemplo de garra, de luta e sobretudo de perseverança. Aqui agradeço também aos meus irmãos por acreditarem tanto em mim. Aos meus avós, tios e tias: amo vocês!

Nessa caminhada estiveram comigo tantos e tantos professores, aos quais agradeço individualmente a cada um. Foram, sem dúvida, significativos em minha formação humana e profissional e me ensinaram a dar os primeiros passos para esta profissão. Em especial, agradeço a Eder Donizeti, meu professor de PIBIC, por me abrir tantas possibilidades. Finalmente, agradeço ao meu orientador Pedro Murilo, pela honra de ter meu trabalho orientado por ele, pela alegria de aprender tanto e pela oportunidade de fazer dele um referencial de profissional.

Aos meus amigos! A alguns que foram ficando para trás, aos novos que foram chegando e aos que permanecem até hoje. Obrigado por terem tornado as coisas mais leves, mais bonitas e mais felizes. Amo vocês!

Agradeço também a tantas pessoas que dedicam sua vida à produção do conhecimento. Não as conheço pessoalmente, mas suas escolhas, sua dedicação e seus esforços pelo conhecimento chegaram até mim e foram fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Tantas coisas aconteceram nesse percurso, e tenho claro de que tudo contribuiu para quem eu sou hoje. Um obrigado à vida que me trouxe até aqui!





resumo



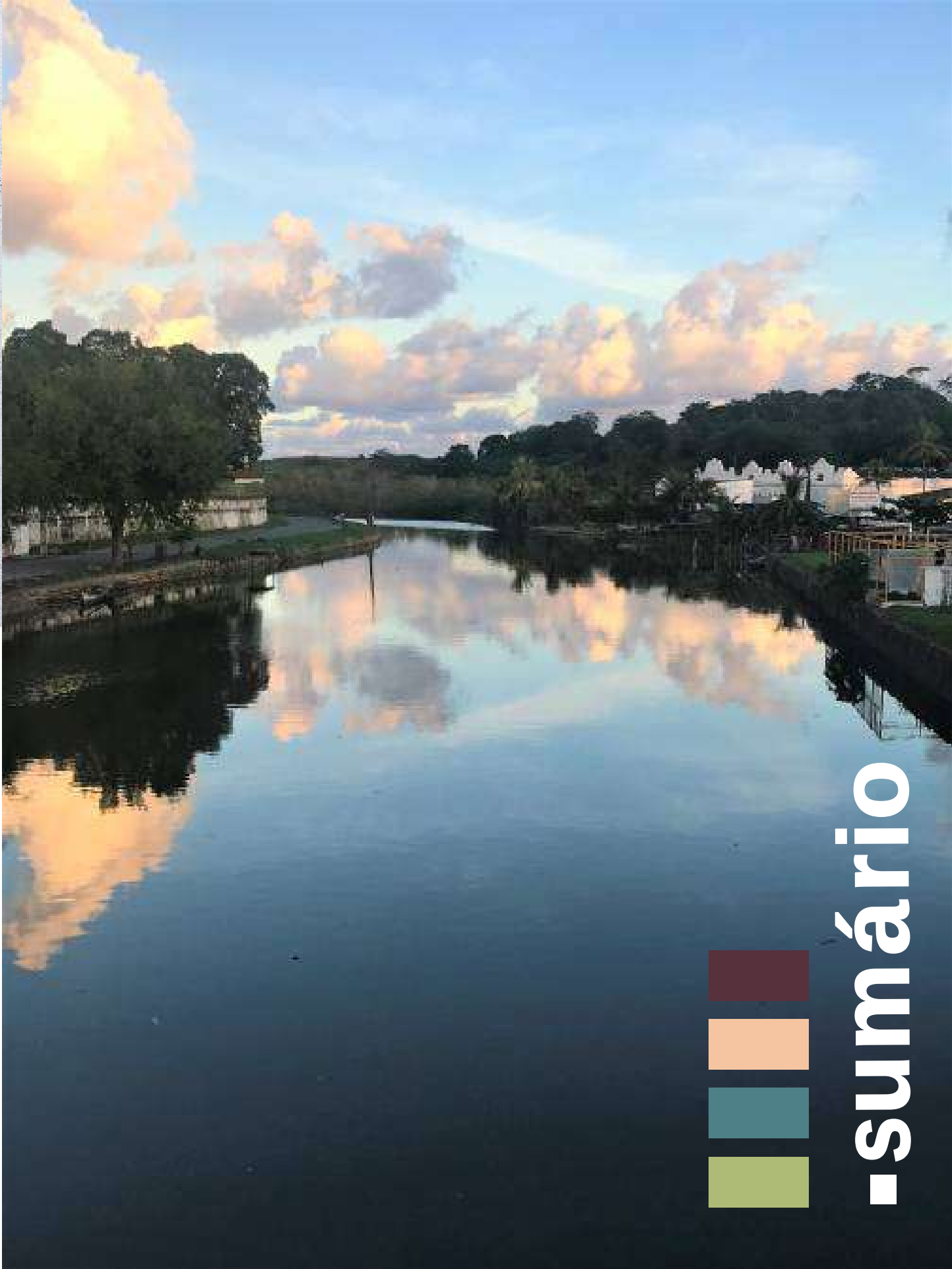
Este trabalho discute a importância das práticas de preservação do Patrimônio Ambiental Urbano, tendo como estudo de caso a cidade de Maruim, localizada a 30km da capital, Aracaju, e considerada a quarta cidade mais antiga de Sergipe. A partir da percepção de diversos tipos de perdas relativas à arquitetura construída, decorrentes do acelerado processo de modernização e expansão do espaço urbano, busca-se reconhecer o valor histórico da cidade ainda visível nos resquícios materiais da sua arquitetura e paisagem. Para tanto, propõe-se um Plano de Gestão da Conservação analisando-se um trecho da cidade que experimenta hoje grande processo de descaracterização: o Porto Velho, localizado à margem do rio Ganhamoroba. Por meio de estudos aplicados que analisam a história da cidade e sua relação com a arquitetura existente, sintetizados em práticas de documentação a exemplo da cartografia, da análise de faces de quadra e inventários de proteção, pôde-se esmiuçar as características essenciais do perímetro de estudo em âmbitos arquitetônico, urbanístico e paisagístico. Com base nestes estudos, apresentam-se critérios de conservação para diferentes áreas do perímetro trabalhado, de acordo com suas especificidades e urgências. Busca-se com esse plano integrar à ideia de desenvolvimento sustentável da cidade, práticas que levem em consideração suas camadas históricas e os antigos e novos modos de construí-la.

Palavras chave: Plano de Gestão da Conservação; perdas; preservação;

LISTA DE FIGURAS

[Figura 1] Perda Material de edificação da Rua Fausto Cardoso.	17
[Figura 2] Perda material na Praça da Bandeira	17
[Figura 3] Perda ambiental, rio Ganhamoroba	18
[Figura 4] Ruínas da ua Porto Velho.	19
[Figura 5] Reforma da Praça da Bandeira	19
[Figura 6] Trapiches 2 de Julho e Bom gosto	22
[Figura 7] Limites Geográficos	27
[Figura 9] Mapa de usos do solo	28
[Figura 8] Mapa dos tipos de solo	28
[Figura 10] Canaviais e Mangue	29
[Figura 11] Recursos Hídricos de Maruim/SE	29
[Figura 12] Mapa de implantação geral da cidade e dos povoados	30
[Figura 13] Perímetro Urbano de Maruim/SE	31
[Figura 14] Valor dos principais produtos arrecadados pelo Cotinguiba. 1840/1850	33
[Figura 15] Cidades, vilas e povoações de Sergipe, 1820	34
[Figura 16] Povoação I – Mombaça	35
[Figura 17] Plano e Planta do P. das redes com o proj. da futura Alfandega da Província. 1846	37
[Figura 18] ANÁLISE 2 - Mapa de João Bloem (1840) sobre centro de Maruim (2019)	38
[Figura 19] ANÁLISE 3 - Plano de Bloem (1840) sobre o atual Porto das Redes (2019).	39
[Figura 20] Trapiche Alfandegário – provavelmente o Porto das Redes, por Adolphine Schramm	40
[Figura 21] Ruína da igreja de São Vicente	41
[Figura 22] Povoação II – Maroim de Baixo.	42
[Figura 23] Vista do alto do bairro Lachez em 1875	43
[Figura 24] Atlas do Império do Brasil. Província de Sergipe, 1868	43
[Figura 25] Casa Comercial Schramm & Cia, entre 1860 e 1870Cotinguiba. 1840/1850	44
[Figura 26] Engenho Pedras	45
[Figura 27] Engenho Pedras atualmente	46
[Figura 28] Mapa dos Engenhos de Sergipe. Bloem, 1844	47
[Figura 29] Engenhos de Maruim	47
[Figura 30] À Fábrica Hannequim, e a Fábrica Nortista. doiba1870Cotinguiba. 1840/1850]	48
[Figura 31] Colônia Alemã em Maruim	50
[Figura 32] Urbanização de 1860	51
[Figura 33] Sobrados na Rua Porto Velho, 1970	54
[Figura 34] Igreja Matriz de Nosso Senhor dos Passos	59
[Figura 35] Planta delimitação de entorno da Igreja Nossos Senhor dos Passos de Maruim/SE	60
[Figura 36] Resultados da Entrevista	65
[Figura 37] Cais Imperial com Fábrica de Tecidos	79
[Figura 38] Degraus do Cais e extensão do Porto Velho	80
[Figura 39] Praça do Tamarindeiro	80
[Figura 40] Resquícios materiais	81
[Figura 41] Vista do Porto Velho em 1860	81
[Figura 42] Mapeamento fotográfico I	82
[Figura 43] Vista Atual do Porto Velho. Colagem de fotografias (Editado para remoção de árvores)	83
[Figura 44] Rua Dr Alcides Pereira, antiga Baixa da Égua	83
[Figura 45] Pavimentação atual	84

[Figura 46]	Estado de conservação	84
[Figura 47]	Mapeamento fotográfico I, paisagem	85
[Figura 48]	Mangues e rio Ganhamoroba	85
[Figura 49]	Color Textil Nordeste Ltda e Metal Ferro	86
[Figura 50]	Colégio Estadual Dr. Alcides Pereira, 1994	87
[Figura 51]	Placas com o nome da praça. Edifício Cruz e sobrado Cruz	87
[Figura 52]	Instituto Cruz, século XX	88
[Figura 53]	Fotografia Panorâmica de Maruim em 1875	88
[Figura 54]	Mapeamento fotográfico I, paisagem	89
[Figura 55]	Edificações da rua Trav. Cel. José de Faro	89
[Figura 56]	Casa Nº 02	92
[Figura 57]	Casa Nº 11	92
[Figura 58]	Casas da rua vereador João Gomes	92
[Figura 59]	Casas da Rua Rodrigues R. Quintino Bocaiuva	93
[Figura 60]	Casas da rua Praça da Bandeira	92
[Figura 61]	Casas da rua Porto Velho	93
[Figura 62]	Casas da rua Rodrigues R. Quintino Bocaiuva	92
[Figura 63]	Casas da rua Cel. Gonçalo Prado	93
[Figura 64]	Casas da rua Praça da Bandeira	93
[Figura 65]	Setores do Patrimônio Cultural de Maruim	101
[Figura 66]	Preservação Integral e Arqueológica	105
[Figura 67]	Preservação da edificação	105
[Figura 68]	Preservação do volume	106
[Figura 69]	Preservação da fachada	107
[Figura 70]	Preservação Urbana de Conjunto Histórico	116
[Figura 71]	Preservação Urbana de Ambiência	117
[Figura 72]	Preservação da paisagem Natural de enconstas	118
[Figura 73]	Preservação da paisagem Natural	119
LISTA DE QUADROS		
[Quadro 1]	Modelo de Questionário	64
[Quadro 2]	Modelo de ficha de inventário	96
[Quadro 3]	Delegacia	108
[Quadro 4]	Ruína nº 12	108
[Quadro 5]	Nº 12A	108
[Quadro 6]	Nº 13	109
[Quadro 7]	Nº 12	109
[Quadro 8]	Sobrado Cruz	110
[Quadro 9]	Nº 12A	110
[Quadro 10]	Edifício Cruz	110
[Quadro 11]	Posto de puericultura	111
[Quadro 12]	Fábrica de bebidas Nortista	111
[Quadro 13]	Preservação do Trapiche 02 de Julho	111
[Quadro 14]	Preservação do Trapiche Bom Gosto	111
[Quadro 15]	Preservação do Sobrado verd	112
[Quadro 16]	Preservação da Casa da Sra Alaíde Viana	112
[Quadro 17]	Preservação da Casa do Tamarineiro	112
[Quadro 18]	Preservação da Casa Neogótica	113
[Quadro 19]	Preservação da Casa do Tamarineiro	113
[Quadro 20]	Preservação da Centro Espírita Amélia Alves	113
[Quadro 21]	Preservação da Colortextil Nordeste Ltda	114
[Quadro 22]	Preservação da Fábrica de Bebidas Hannequim	114
LISTA DE TABELAS		
[Tabela 1]	Portos da Província ao longo década de 1820	33
[Tabela 2]	Engenhos do Cotinguiba	46



■sumário

■ introdução 15

JUSTIFICATIVA 20

OBJETIVOS 22

METODOLOGIA 23

o município de maruim, se 27

1.1 POVOADOS 30

1.2 BAIRROS 31

1.3 UM EMPÓRIO EM SERGIPE DEL REY 32

1.4. MOMBAÇA E A POLÊMICA SOBRE O PORTO DAS REDES 34

1.4.2 NAS TERRAS DO ENGENHO MAROIM DE BAIXO 40

1.5 ESTABELECIMENTOS RURAIS: MOTORES DA ECONOMIA DE MARUIM 45

1.6 UMA SOCIEDADE DE ESTRANGEIROS 48

1.7 A PAISAGEM URBANA CONSTRUÍDA 50

2 em busca do porto velho de maruim 57

2.1 BASES DO PATRIMÔNIO URBANO 57

2.2 A PRESERVAÇÃO EM MARUIM 59

2.3 PLANO DE CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL 61

2.4 PLANO DE CONSERVAÇÃO PARA MARUIM/SE 63

2.5 APROXIMAÇÃO 63

2.5.1 O PORTO VELHO HOJE 77

2.5.2 O PORTO 79

2.5.3 AS FÁBRICAS 86

2.5.4 A PRAÇA 87

2.6 ANÁLISE URBANA E ARQUITETÔNICA 90

2.3 SELEÇÃO DOS BENS DE INTERESSE CULTURAL 94

2.4 OS INVENTÁRIOS 95

o plano de gestão e conservação da patrimônio de maruim 101

3.1 GESTÃO DO PATRIMÔNIO 102

3.2 AS ESCALAS DE PRESERVAÇÃO 103

3.2.1 ESCALA ARQUITETÔNICA 105

3.2.2 ESCALA URBANA 115

3.2.3 ESCALA PAISAGÍSTICA 118

3.3. ESPAÇOS PUBLICOS E ÁREAS VERDES 120

■ conclusão 121

■ bibliografia 123

1

3

introdução

Maruim é um município histórico situado às margens da BR 101, a 30 km da capital do Estado de Sergipe, Aracaju. Obteve sua independência como Vila em 1834 e partir de então despontou como uma das vilas mais prósperas, em decorrência do comércio na região do Vale do Cotinguiba. Segundo Josué Modesto dos Passos Subrinho (1983, p. 13), a monocultura canavieira foi a grande responsável pela inserção da Província no mercado colonial. Nesse contexto, os Engenhos de açúcar começaram a se disseminar pelo território, principalmente nas terras férteis do Cotinguiba, chegando ao número de 140 em 1802. Os Dados publicados por Diana Diniz et al (1991, p. 80) afirmam que na cidade Maruim foram contabilizados 23 Engenhos de açúcar até o final do Século XIX.

Para exportar o açúcar ali produzido, eram construídos portos em pontos estratégicos, que eram abastecidos pelos engenhos espalhados pelo território. No Cotinguiba, destacam-se o Porto de Maruim, de Laranjeiras e de Santa Ana (atual Riachuelo), que como afirma Maria Almeida (1984, p. 78), foram os grandes responsáveis por tornar a barra do Cotinguiba a mais movimentada, com 2/3 da frequência total das embarcações.

A partir de meados do século XIX, o comércio funcionava como um vetor de desenvolvimento. O historiador Felte Bezerra (1984, p. 97) constata que a expansão do comércio em Maruim fez com que ela se tornasse o maior núcleo de estrangeiros no estado. O maruinense Joel Aguiar (2004, p. 25-28) apresenta no capítulo nomeado “os estrangeiros em Maruim” alguns nomes e a influência de comerciantes das mais diversas nacionalidades. Por esse motivo, era necessária a construção de Consulados que representassem estes estrangeiros.

Esses fatores compõem mais que a paisagem de Maruim. São elementos determinantes para o crescimento e evolução da cidade, responsáveis por lhe conferir o status de mais importante pólo comercial de Sergipe no final do século XIX (SILVA, 1994).

Apesar desse passado importante, o arruinamento, a descaracterização e a derrubada de muitas edificações do século XIX com o pressuposto de moderniza-las é a principal ameaça ao patrimônio local, causando perdas materiais e memoriais. Não obstante o seu valor histórico, a cidade não possui documentação técnica nem gráfica acerca do seu patrimônio urbano e arquitetônico e os estudos históricos já realizados sobre a cidade concentram-se pouco na descrição dos edifícios e em sua ambiência característica.

O arquiteto e urbanista Leonardo Castriota (2009, p.88) alerta que não há como impedir as transformações a que as cidades estão expostas, contudo, elas devem acontecer sem deixar de lado a coexistência entre épocas e linguagens. O desvínculo entre modernização e história faz emergir um tema que não é novo, mas que progressivamente torna-se mais

desafiador: a preservação de espaços símbolo da memória coletiva e o atual “esvaziamento das espacialidades, dos pertencimentos e uma ressignificação da paisagem”(CAON, 2011, p. 57).

Ao analisar a trajetória dos espaços urbanos de hoje, a historiadora Júlia Ermínia Riscado (2018) considera que a principal desafio que se observa especialmente nos centros históricos é a dificuldade de conciliar desenvolvimento urbano com a preservação das camadas históricas da cidade. (RISCADO, 2018, p. 296).

De acordo com Andrey Schlee (2018), diretor do Depam (Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização) e doutor em Arquitetura e Urbanismo, preservar o patrimônio é uma questão de sobrevivência. Em entrevista concedida ao CAU/GO, ele fala da importância da consciência acerca da própria memória e identidade e que isso influencia diretamente na construção do futuro:

Destruir o estoque edificado e substituí-lo por outro – a cada nova geração – significa adotar uma atitude perdulária e irresponsável com o passado e com o planeta. É desconsiderar e descartar a energia, a força de trabalho, a matéria prima, os materiais, o conhecimento que já foram empregados. (SCHLEE, 2018)

Segundo Caon (2011, p.57), o motivo da destruição do patrimônio está na ideia de que ele desvaloriza a propriedade imobiliária e inibe o processo de ocupação do solo no que tange a verticalização das construções. Ou seja, significa dizer que nesse tipo de transformação urbana, o capitalismo atua como principal agente modelador da sociedade.

No município de Maruim, a quarta cidade mais antiga do estado Sergipe, esse processo se revela através da velocidade com que as edificações são substituídas por novas. É possível perceber que a transformação do seu patrimônio cultural tem sofrido perda em três níveis que no final se inter-relacionam: a perda material, perda do traçado histórico e perda ambiental.

Primeiramente, podemos destacar a perda material como a perda arquitetônica, que se dá através da destruição e das alterações que sofrem as edificações históricas. As modificações atingem diversos níveis, como alterações na fachada, na forma, no gabarito, na tipologia, abertura e/ou fechamento das envasaduras (portas e janelas), divisão da edificação em duas ou mais edificações, etc.

A imagem abaixo mostra o ciclo histórico de uma edificação localizada na rua Fausto Cardoso, bairro Centro, que foi quase inteiramente modificada (Figura 1). Ao longo dos anos, a edificação teve seu acesso alterado para a rua Fausto Cardoso e mais dois acessos surgiram para a lateral quando sua planta foi alterada e dividida em três. Por muito tempo teve seu uso destinado a residência e serviço. Quando desocupada experimentou arruinamento natural devido às intempéries, até que em 2018 teve a lateral e o frontão principal destruídos

em vista de uma parede de alvenaria e telhado, a fim de servir como depósito de uma loja de material de construção. Em 2019, umas das partes foi completamente alterada para construir uma residência de dois pavimentos.

[Figura 1]:
Perda Material de
edificação da Rua
Fausto Cardoso.

1) Edificação no final
do século XIX e início
do XX. Fonte: Adailton
Andrade, 2016;

2) Edificação de
uso residencial e
de serviços. Fonte:
Google, 2012;

3) Destruição da
parede lateral. Fonte:
Hefraim Andrade,
2018;

4) Edificação em
estado atual.
Fonte: Autor, 2019.



Em seguida, há a consequente perda do traçado, que pode ser exemplificada como a divisão dos lotes, mudança do alinhamento da rua, destruição da pavimentação. As imagens abaixo (Figura 2) mostram a abertura de via em um local que anteriormente comportava o remanescente da pavimentação em pedra calcária, assentada por volta de 1860. Além disso, a área é conhecida como Praça do Tamarineiro graças a uma árvore centenária que estava plantada no local até 2010, quando foi arrancada por uma forte ventania.

[Figura 2]:
Perda material na
Praça da Bandeira

1) Tamarineiro.
Fonte: SILVA, 1994;

2) Praça do
Tamarineiro. Fonte:
Google, 2012;

3) Abertura de
via e retirada da
pavimentação em
pedra calcária.
Fonte: Autor, 2019;

4) Plantio de nova
árvore e reforma
da praça em 2019.
Fonte: Autor, 2019.



Finalmente, deve-se também considerar a perda ambiental, que se refere aos bens naturais que fazem parte da história da cidade, como o rio Ganhamoroba e as colinas, que ao longo dos anos tem sido degradados. Desconsiderar os rios em uma cidade do século XIX seria esquecer a razão inicial da sua ocupação, que na visão de Brianne e Paulo Bicca (2008, p. 86), cumpriam de modo impar a função de exportar a produção do açúcar.

O rio, que foi o principal responsável pelo desenvolvimento da cidade de Maruim, teve seu leito rebaixado, suas margens desmatadas e ocupadas por edificações de forma desordenada. Ao longo do tempo, suas margens tornaram-se depósito de lixo e seu curso recebe esgoto (Figura 3). Pode-se observar que a região de mangue próxima à cidade concentra grande quantidade de lixo e aquela paisagem que tantas vezes foi retratada por viajantes como Ave-Lallemant (1980, p. 333) como sendo característica marcante da cidade, encontra-se com alto grau de poluição. Abaixo, a visão do rio a partir do Porto Velho.



Apesar de ser considerado um dos locais de maior importância histórica, a região do Porto Velho tem sido classificada como uma área de risco em função das diversas transformações que o sítio vem sofrendo ao longo dos anos (Figura 4). Está situada em um bairro que, apesar de concentrar as edificações mais importantes para o desenvolvimento da forte economia da cidade na segunda metade do século XIX, é banhado pelo Rio Ganhamoroba, que como dito, encontra-se poluído.



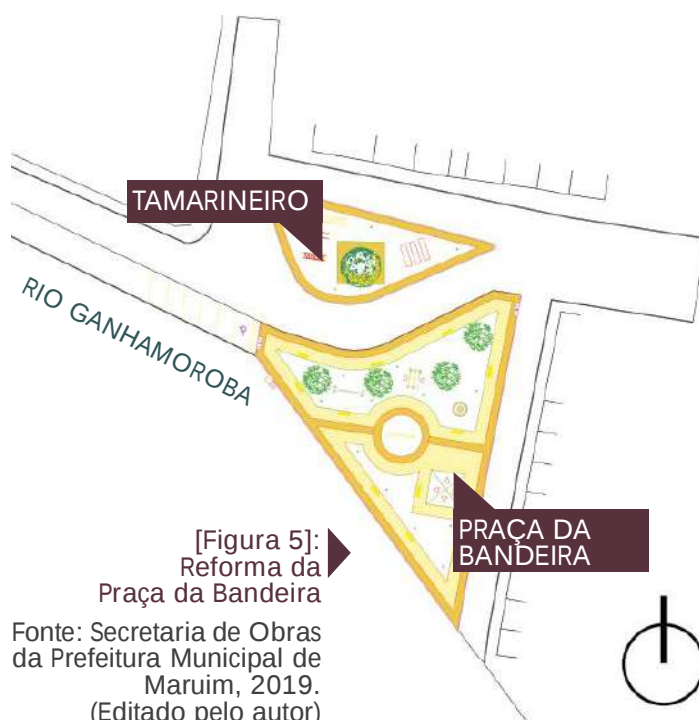
Além da substituição de elementos e destruição de outros, outro condicionante significativo para as perdas nas cidades antigas é o conjunto de intervenções que tem sido imposto a elas. Estas intervenções muitas vezes não consideram a memória do espaço como lugar de convívio social e acabam inibindo as principais características que lhe conferiam autenticidade. As especialistas em tecnologia Isis Soares e Cláudia Oliveira identificam que falta a estrutura teórica própria do campo disciplinar do restauro (SOARES; OLIVEIRA, 2013, p. 139).

◀ [Figura 4]
Ruínas da Rua Porto Velho.
Fonte: Autor, 2019

Além da substituição de elementos e destruição de outros, outro condicionante significativo para as perdas nas cidades antigas é o conjunto de intervenções que tem sido imposto a elas. Estas intervenções muitas vezes não consideram a memória do espaço como lugar de convívio social e acabam inibindo as principais características que lhe conferiam autenticidade. As especialistas em tecnologia Isis Soares e Cláudia Oliveira identificam que falta nestes projetos o conhecimento teórico próprio do campo disciplinar do restauro (SOARES; OLIVEIRA, 2013, p. 139).

O resultado disso são as “modernas” intervenções na malha dos centros históricos. Há projetos que literalmente impõem sobre o tecido da cidade perspectivas tão novas que acabam por “soterrar” e muitas vezes perder para sempre fragmentos da cidade que não podem mais ser recuperados. São expressão da falta de conhecimento técnico e teórico sobre a atuação nos bens de interesse cultural (SOARES; OLIVEIRA, 2013, p.139).

Em Maruim, o projeto de reforma elaborado pela prefeitura e concluído em 2018 (Figura 5) tinha por objetivo a requalificação do espaço da Praça da Bandeira, situada no Porto Velho, mas acabou por fazer perder boa parte da pavimentação em pedra calcária no entorno do Tamarineiro. Em 2012, o Tamarineiro que estava plantado na parte Norte da praça já não se encontrava mais. Contudo, o espaço em que ele estava possuía continuidade com a rua Porto Velho através da pavimentação em pedra calcária até ser retirada pelo projeto.



▶ [Figura 5]:
Reforma da
Praça da Bandeira
Fonte: Secretaria de Obras
da Prefeitura Municipal de
Maruim, 2019.
(Editado pelo autor)

JUSTIFICATIVA

A motivação inicial para tomar o município de Maruim como estudo de caso é o fato de que eu moro na cidade. Ao longo do tempo de graduação, acompanhei diversas alterações no espaço urbano, sobretudo demolição de edificações e desvalorização de espaços símbolo da história da cidade, e isto sem perceber nenhuma preocupação por parte dos poderes públicos ou da população em geral.

Em seguida, o desejo de estudar este município deveu-se à percepção de um valor que é próprio a todas as cidades: o valor histórico. Apesar de serem imprescindíveis, os limites geográficos, bairros e ruas não são os únicos responsáveis por constituir uma cidade, pois atuam sobre ela forças que lhe caracterizam e individualizam tanto quanto os aspectos acima mencionados. Sobre isso, Raquel Rolnik (1995) assinala que o processo de construção da cidade é semelhante ao ato de juntar palavras e organizar a fala e a escrita. Ou seja, construir uma cidade é uma forma de escrever. Desta forma,

o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que as construíram, denota o seu mundo. É por isso que as formas e tipologias arquitetônicas desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas como se lê e decifra um texto. (ROLNIK, 1995, p. 17)

Sendo assim, o desenho das ruas e o histórico de construção e sobreposição das edificações devem ser lidos como a história material da cidade. Isso faz perceber que desde que foi constituída, a cidade cumpre “um papel memorial de monumento” e isso sem que os seus construtores ou habitantes se deem conta disso. À medida em que é estudada ao longo da história e possibilita lições de aprendizado tanto como fonte de embasamento quanto de conhecimento, a cidade, segundo Françoise Choay, revela também sua figura propedêutica (CHOAY, 2006, p. 162).

A figura propedêutica da cidade, mais precisamente da cidade antiga, surge da necessidade de colocá-la em contraposição à cidade contemporânea e fazer dela um objeto de investigação. Os arquitetos e engenheiros deram a esse estudo o nome de Urbanismo e apesar de que ele não trabalha necessariamente na preservação das cidades antigas, toda vez que ele se coloca como empecilho ao crescimento desordenado, contribui para a formação da “identidade conceitual” da cidade antiga (CHOAY, 2006, p.158).

Sobre isso, o Italiano Gustavo Giovannoni afirma que esse papel historial é capaz de justificar não só o destino dos tecidos antigos, mas de tudo que compreende a cidade de hoje. Segundo o autor, o conceito de monumento não poderia mais se referir a uma edificação isolada, ou seja, fora do contexto urbano, pois isso significaria também perder parte do significado que ele possui. É nesse contexto que surge a disciplina da conservação e restauro

do patrimônio urbano (CHOAY, 2006, p.172)

O ICOMOS, através da Carta de Washington de 1987, afirma que independente de como as cidades foram construídas, se de forma ordenada ou de modo espontâneo, são “a expressão material da diversidade das sociedades através da história, sendo, por esse fato, históricas.” (ICOMOS, 1987, p. 1)

O conceito de patrimônio urbano se constitui a partir da dialética entre história e historicidade. Acerca desse conceito, Castriota (2009, p. 85-87) apreende a cidade como um “artefato humano”, ou seja, um bem imóvel de origem coletiva e em constante transformação e sobreposição de camadas. Nesse ponto, nos colocamos diante de um dilema: se por um lado não se pode impedir o processo de transformação que é intrínseco à cidade, fazendo dela um museu, por outro, deve haver uma renovação da paisagem que aconteça de maneira equilibrada, de modo que haja preservação e evolução de modo equivalentemente.

A partir destes conceitos, fica posto que analisar o patrimônio de uma cidade é refletir sobre o sentido histórico e cultural que a sua paisagem urbana em conjunto e o seu processo de ocupação possuem e não somente as edificações isoladas. É a partir daí que o foco da análise deixa de ser o estilo, a estética ou somente a edificação e passa a ser a relação que cada elemento constitutivo da paisagem desempenha, gerando uma qualidade ambiental que é própria de um espaço urbano equilibrado.

Com base nessas premissas, percebe-se que o estudo dos indícios da materialidade deixados pelo tempo sobre o ambiente urbano de Maruim poderá ajudar a construir uma leitura técnica da sua história. Alguns mapas disponíveis sobre a História de Sergipe apresentam informações relevantes sobre a formação urbana de Maruim, contudo essas informações poucas vezes foram cruzadas com a bibliografia acerca da história da cidade. Por sua vez trabalha pouco com os registros materiais, concentrando-se na maioria das vezes nos registros documentais e orais.

Assim, o estudo do patrimônio urbano existente é uma forma de documentação, capaz de contribuir para a conservação da sua memória e preservação da sua matéria. A compreensão dos valores que são intrínsecos aos espaços e dos diversos fatores que constroem sua autenticidade é uma forma de questionar tanto os espaços deixados à ruína quanto aos que ainda são utilizados, como os Trapiches 2 de Julho e Bom Gosto (Figura 6), atualmente utilizados pela secretaria de obras da prefeitura para depósito de materiais e escritórios, respectivamente.



[Figura 6]

Trapiches 2 de Julho e Bom gosto

Acima, trapiches em estado de conservação razoável. Fonte: SILVA, 1994, p. 82.

Abaixo, os mesmos trapiches em situação atual. Fonte: Autor, 2019

O Patrimônio Cultural de Maruim apresenta muitas possibilidades de estudo e compreensão do panorama econômico do século XIX em toda a província. Ao mesmo tempo, a ausência de documentos técnicos indica a necessidade de se elaborar estudos mais aprofundados sobre sua história física, tanto no sentido de documentar o patrimônio existente quanto no de intervir para conservação suas características ambientais.

OBJETIVOS

GERAL:

Elaborar um plano de conservação e gestão para as imediações do antigo Porto de Maruim a fim de preservar o seu Patrimônio Cultural da perda, arruinamento e destruição.

ESPECÍFICOS:

1. Produzir documentação gráfica que valorize a história da cidade.
2. Oferecer meios técnicos para aprofundar o conhecimento e as formas de preservação do patrimônio edificado
3. Analisar a evolução urbana do município e entender como a arquitetura

contribuiu para a formação dessa história e de sua posterior compreensão

4. Promover conhecimento sobre meios técnicos capazes de salvaguardar juridicamente a área de estudo.

5. Apresentar subsídios para estudos futuros, principalmente nas áreas de arqueologia e história.

METODOLOGIA

O trabalho inicial é o de Levantamento Histórico, realizado por meio da pesquisa bibliográfica. Através de DINIZ et al (1991), fica exposto por meio de números e tabelas o quadro econômico no qual Maruim esteve inserido ao longo do século XIX. Em um olhar sobre o território da Sergipe Provincial, Maria Thetis Nunes (2006) apresenta as empresas, as personalidades, a política e a relação de Maruim com as outras cidades que mantinha comércio. Ao mesmo tempo, se compreende a formação urbana através da análise de mapas gerais do estado, do Atlas do Império do Brasil (1868) e dos mapas de Bloem sobre os quilombos e engenhos (1844) e a planta do “centro de Maruim” (1846).

No capítulo 2 são apresentados alguns conceitos importantes para o desenvolvimento do trabalho, como o próprio conceito de Patrimônio Urbano, explicitando a sua formação e desenvolvimento. Esta leitura tornou possível compreender qual é e como o patrimônio em Maruim tem sido enxergado e valorizado até então. À medida em que o conceito de Plano de Gestão da Conservação (PGC) é definido e apresentado através de exemplos, é possível enxergar a necessidade da elaboração deste mecanismo de conservação como solução para os problemas de perda identificados.

Objetivando a elaboração do PGC, algumas etapas foram propostas e desenvolvidas ao longo deste e dos demais capítulos. A primeira delas é a de aproximação, que passa pela compreensão do significado que este patrimônio cultural provoca nas pessoas, em especial dos moradores, que segundo Ulpiano Menezes (2009, p. 27) são o “protótipo do habitante”, ou seja, aqueles que possuem relações de pertencimento e memória com o local. Por isso, são feitas entrevistas aos “habitantes” das ruas Porto Velho, Rua Cel. Gonçalo Prado, Rua Rodrigues R. Quintino Bocaiuva, travessa Cel. José de Faro e rua Lachez de Baixo com o objetivo de compreender como eles reconhecem o ambiente em que residem e qual o valor que lhe atribuem. Além disso, foi possível coletar informações sobre a propriedade, as principais alterações nas edificações antigas e a existência de algum indicio material histórico, seja em antigos muros, antigas fundações, paredes, etc. Em seguida, foram feitas observações in loco a fim de identificar os resquícios da história escrita e oral e mapeá-los. Com base nesse mapeamento, foram elaborados desenhos de observação e construídos mapas de análise e

evolução urbana.

Com base nos tipos de inventário elucidados pela arquiteta Júlia Farah Ribeiro (2017, p. 245), se compreende como os inventários podem atuar na preservação do patrimônio de Maruim e como colaboram para a construção do seu PGC. Finalmente, são elaborados os inventários que, em geral, contém a descrição de tipologias arquitetônicas, proprietário, época de construção, registros fotográficos antigos e novos, localização no mapa, datação, relevância histórica, estado de conservação e grau de alteração.

Decorrida minuciosa investigação, no capítulo 3 é possível sugerir políticas e critérios de preservação para o Patrimônio Ambiental Urbano da cidade. Já estando delimitada a área de intervenção, o perímetro é classificado em três escalas de Preservação: a Arquitetônica, a Urbana e a Paisagística. Dentro dessas escalas existe ainda outra setorização que traz critérios específicos para cada subdivisão. São apontados ainda algumas recomendações acerca da requalificação dos espaços públicos e áreas verdes.

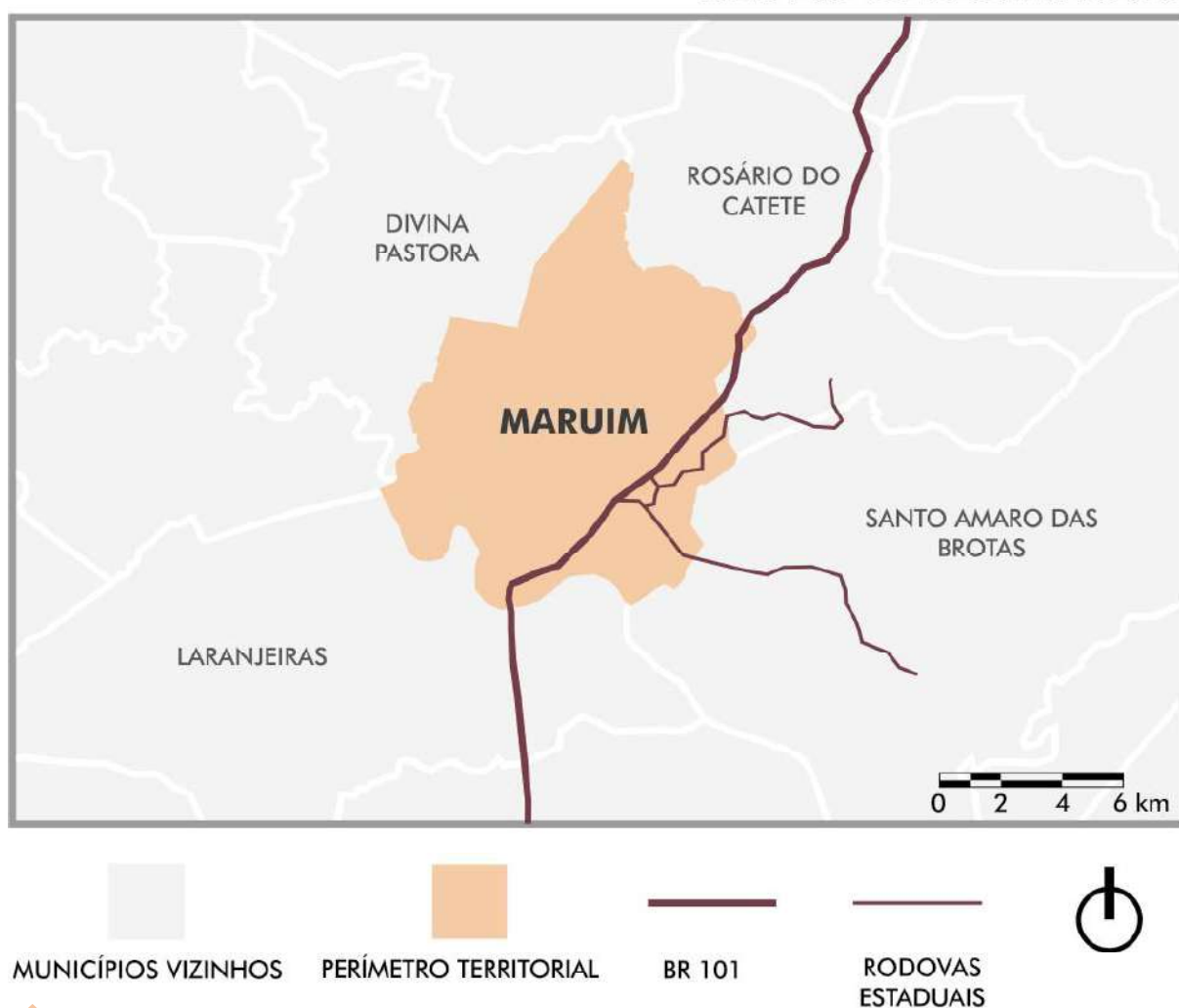
A pesquisa é concluída trazendo a reflexão sobre os riscos a que as cidades estão expostas, sobretudo as sergipanas. Outra questão levantada é a necessidade de associar a preservação do patrimônio à gestão da cidade, reforçando o papel dos poderes públicos na missão de preservar as cidades.

capítulo um



Maruim é uma cidade localizada ao leste do estado de Sergipe, na microrregião do baixo Cotinguiaba, na bacia do rio Sergipe. Faz fronteira com as cidades de Divina Pastora, Rosário do Catete, Laranjeiras e Santo Amaro das Brotas. Por ela passam a BR 101 e duas outras rodovias estaduais (Figura 7).

LIMITES GEOGRÁFICOS



[Figura 7]
Limites Geográficos

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019

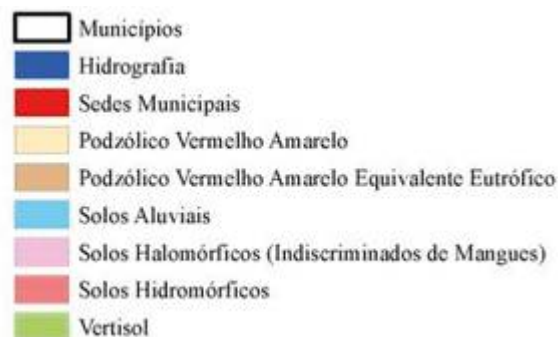
De acordo com o Serviço Geológico do Brasil – CPRM, a topografia do município está representada por formas dissecadas em colinas, feições tubulares e planícies fluviais (LUIZ et al., 2002, p.4). O Solo predominante em todo o território do Cotinguiaba é o massapê, que constituído por argila, húmus, calcário e sais minerais apresenta as condições ideais para o desenvolvimento da cana de açúcar em toda a região (Figura 8).

Na classificação dos solos, o predominante é o Podzólico Vermelho Amarelo, hoje denominado Argissolos. Outro solo bastante predominante é Halomórfico (indiscriminado de mangues), que segundo o engenheiro agrônomo Paulo Jacomine (2009) é caracterizado por ser lamacento, escuro e com grande teor de sais, em geral é coberto pela vegetação dos mangues. Possui em menor proporção o Vertisol, hoje denominado Vertissol, e ainda os Hidromórficos e Aluviais (JACOMINI, 2009, p. 177-178).



[Figura 8]
Mapa dos tipos de solo

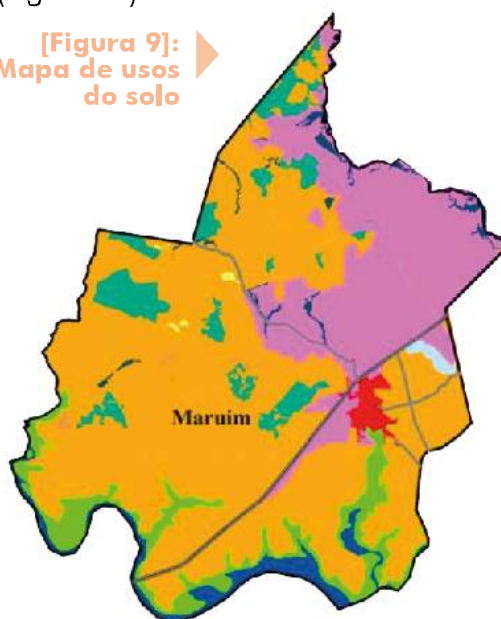
Fonte: SRH e SEMARH apud CARMO; NOBRE; RUIZ-ESPARZA, 2016, p. 3-4



Quanto aos usos, se observa que a maior parte do território é constituída por pastagens (Figura 9). No extremo nordeste e nos arredores do perímetro urbano estão as áreas de cultivo que em sua maioria são destinadas a cana-de-açúcar pelos motivos já expostos. Outra característica marcante é a existência dos manguezais, que vão de encontro ao perímetro urbano e são parte integrante da sua paisagem (Figura 10).

[Figura 9]:
Mapa de usos do solo

CONVENÇÕES



Fonte: SRH e SEMARH apud CARMO; NOBRE, RUIZ-ESPARZA, 2016, p. 3-4

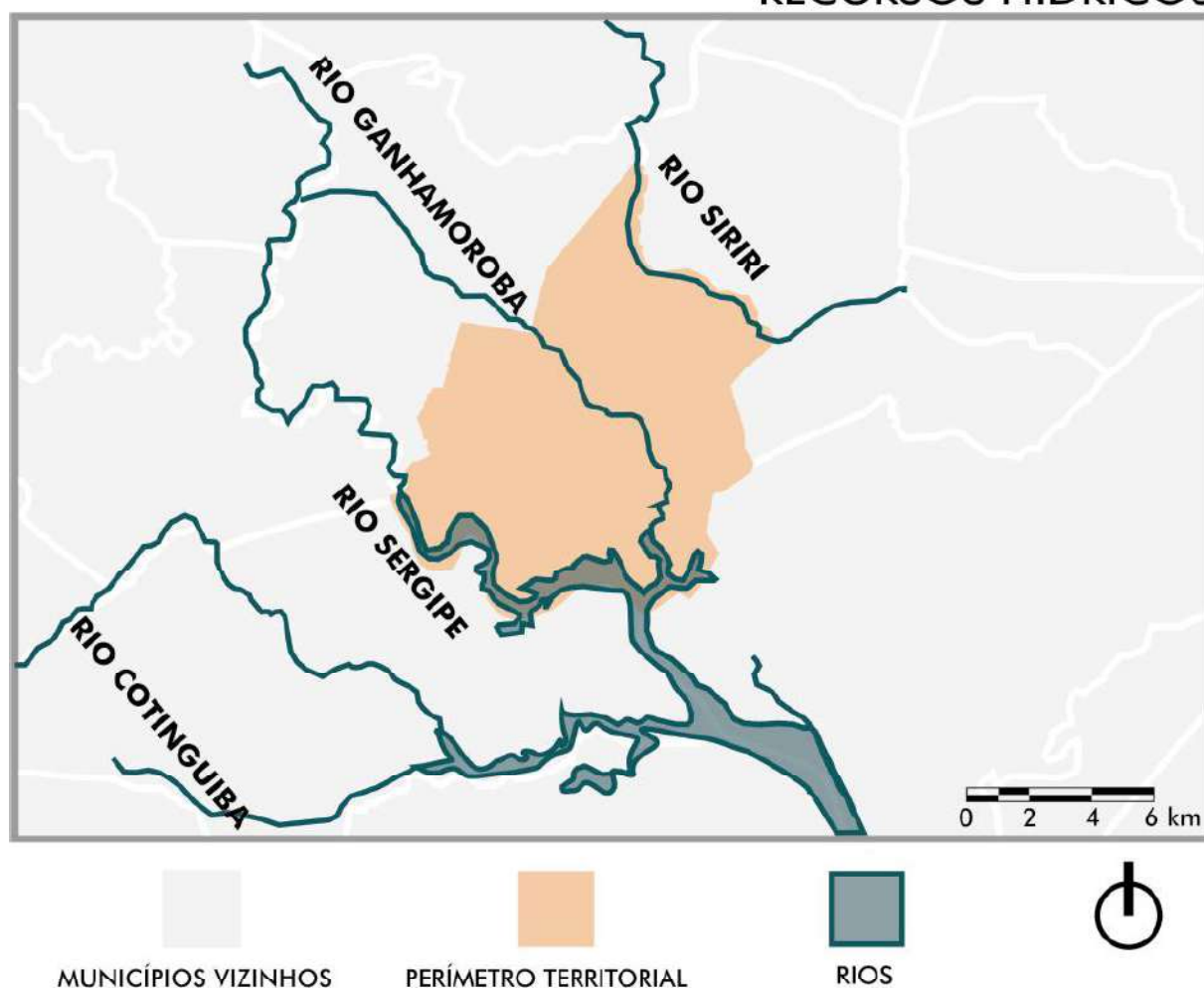
[Figura 10]
Canaviais e Mangue

Fonte: Autor,
2019



O território da cidade não é extenso, possui apenas 94,293 km², mas por ele passam três rios: o rio Sergipe, divisa entre Maruim e Laranjeiras; o rio Siriri, divisa entre Maruim e Rosário do Catete; e o rio Ganhamoroba, que banha a cidade e se constitui como a principal drenagem do município (Figura 11).

RECURSOS HÍDRICOS



[Figura 11]: Recursos Hídricos de Maruim/SE

Fonte: Autor, 2019

1.1 POVOADOS

Na cidade, existem sete povoados distribuídos pela extensão territorial do município (Figura 12). Em geral, ocupam a região Sudoeste do território e representam a zona rural da cidade, mas somente alguns tem como base econômica o Setor Primário. São eles: Pedra Branquinha, Pau Ferro, Oiteiros, Caititu, Gentil, Guiomardia e Mata de São José. Possui ainda uma povoação muito importante para a economia do município, formada exclusivamente por trabalhadores da Usina Pinheiro.



[Figura 12]
Mapa de
implantação
geral da
cidade e dos
povoados

Fonte:
Elaborado
pelo autor,
2019

Todos os povoados, inclusive a Usina Pinheiro, mantem relações comerciais, institucionais e de serviços com a cidade. Essas relações são possibilitadas por transportes públicos e privados que usam as estradas de chão batido.

O último senso realizado na cidade pelo IBGE aconteceu em 2010 e identificou uma população de 16.343 habitantes, sendo que 12.041 residem na área urbana e 4.302 na área rural. A população estimada em 2018 era de 17.153 habitantes (IBGE, 2010).

1.2 BAIRROS

A cidade não possui Plano Diretor de Ordenamento Territorial, mesmo com potencial turístico evidente, nem mapa com delimitação precisa dos bairros, contudo, sabe-se que existem 9 bairros no perímetro urbano. São eles: Centro, São José, Lachez, Conjunto Albano Franco, Coelho, Boa Hora, Arapiraca, São Vicente e Sítio dos Padres (Figura 13).



[Figura 13] Perímetro Urbano de Maruim/SE
Fonte: Autor, 2019

O bairro Centro é o que comporta a maior variedade de usos, entre eles o institucional, administrativo, residencial e comercial. Além disso, possui o maior número de edificações históricas e o único bem tombado pelo IPHAN no município, a Igreja Matriz do

Senhor dos Passos. Nesse bairro também está o local mais dinâmico no que se refere ao lazer na cidade, que é a praça Barão de Maruim.

O bairro São José é mais distante da BR 101 fica ao sul da cidade, assim como o Centro, às margens do rio Ganhamoroba e de outros córregos que afluem ao rio. Apesar de ser o maior da cidade, esse bairro abriga pessoas com baixo poder aquisitivo, inclusive um loteamento que por muito tempo foi considerado favela.

O bairro Lachez está situado na margem esquerda do rio Ganhamoroba, possui duas indústrias e além das tipologias residenciais urbanas, apresenta diversas residências de chácara. É também nesse bairro que está o cemitério da cidade. Boa parte da população que aí mora vive da pesca e da relação com o rio. Sua ligação ao centro da cidade se dá através de duas pontes. O Conjunto Albano Franco é prioritariamente residencial, mas apresenta comércios pontuais. Por ser um bairro relativamente novo, possui as mais modernas residências da cidade.

O Bairro Boa Hora tem esse nome graças à Igreja dedicada a Nossa Senhora da Boa Hora, que junto com o praça de mesmo nome, são a porta de entrada à cidade. Possui equipamentos de lazer, educacionais, comerciais e importantes equipamentos institucionais, como fóruns eleitoral e de serviços públicos, cartório e postos de saúde.

Os bairros Arapiraca, São Vicente e Sítio dos Padres são os bairros mais afastados da sede municipal, pois ficam do outro lado da BR 101. Apresenta ruas com poucas residências e em geral os arruamentos levam aos povoados da cidade. São os bairros mais carentes da cidade.

1.3 UM EMPÓRIO EM SERGIPE DEL REY

Como afirma Josué Modesto dos Passos Subrinho, desde a sua criação em 1590, a Província de Sergipe Del Rey dedicava-se prioritariamente à criação de gado, somado a uma irrisória produção de fumo e à agricultura de subsistência. O que se produzia de açúcar desde a colonização até o final do século XVIII era através de campos de criação complementares de lavoura canavieira da Bahia. Contudo, a partir do século XIX a produção dessa matéria prima toma maiores proporções, principalmente na Região do Cotinguiba (SUBRINHO, 1983, p. 12-17).

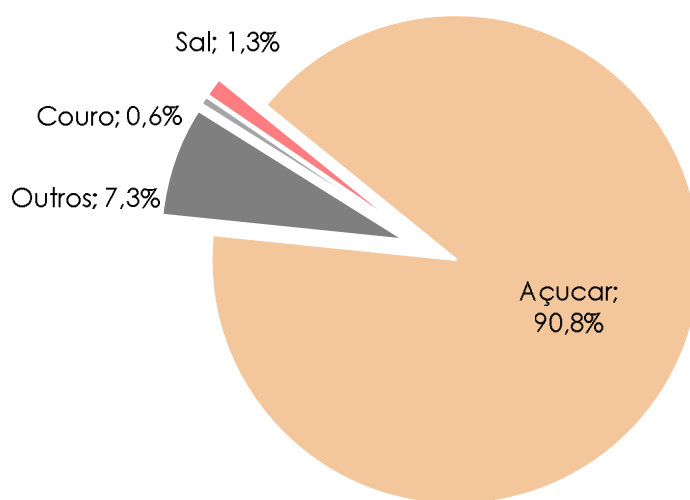
A região banhada pelo rio Cotinguiba possui 232,5 km² de extensão desde a Serra Comprida em Areia Branca até o encontro com o leito do rio Sergipe. Essa região faz parte da Zona da Mata do estado e abarca quatro municípios. Como afirma o geógrafo Wesley Santos, além da possibilidade de transporte da produção açucareira através das bacias

hidrográficas, as boas condições de clima (úmido e subúmido) e de solo (massapê) justificam o desenvolvimento do cultivo da cana-de-açúcar e da notável produção agrícola (SANTOS, 2012, p. 10-15).

Ao escrever sobre esta região, a historiadora Maria da Glória Santana de Almeida, ressalta duas das suas importantes contribuições para o desenvolvimento da Província: a produção e o comércio da monocultura açucareira (Figura 14).

[Figura 14]:
Valor dos principais produtos
arrecadados pelo Cotinguiba.
1840/1850

Fonte: Arquivo Público do estado de
Sergipe APUD Almeida, 1984, p.
104.
(Editado pelo autor)



Quanto ao comércio, a historiadora ressalta a importância que a barra do Continguiba exerceu em toda a Província, pois nela estavam instalados os portos de Maruim, Laranjeiras e Santa Anna (Riachuelo), que representavam 2/3 da frequência total de embarcações em toda a Sergipe Del Rey (Tabela 1), fazendo com que ela fosse a mais movimentada até 1880 (ALMEIDA, 1984, p. 78).

[Tabela 1]:
Portos da
Província ao
longo década
de 1820

Fonte: ALMEIDA,
1984, p.104
(Editado pelo
autor)

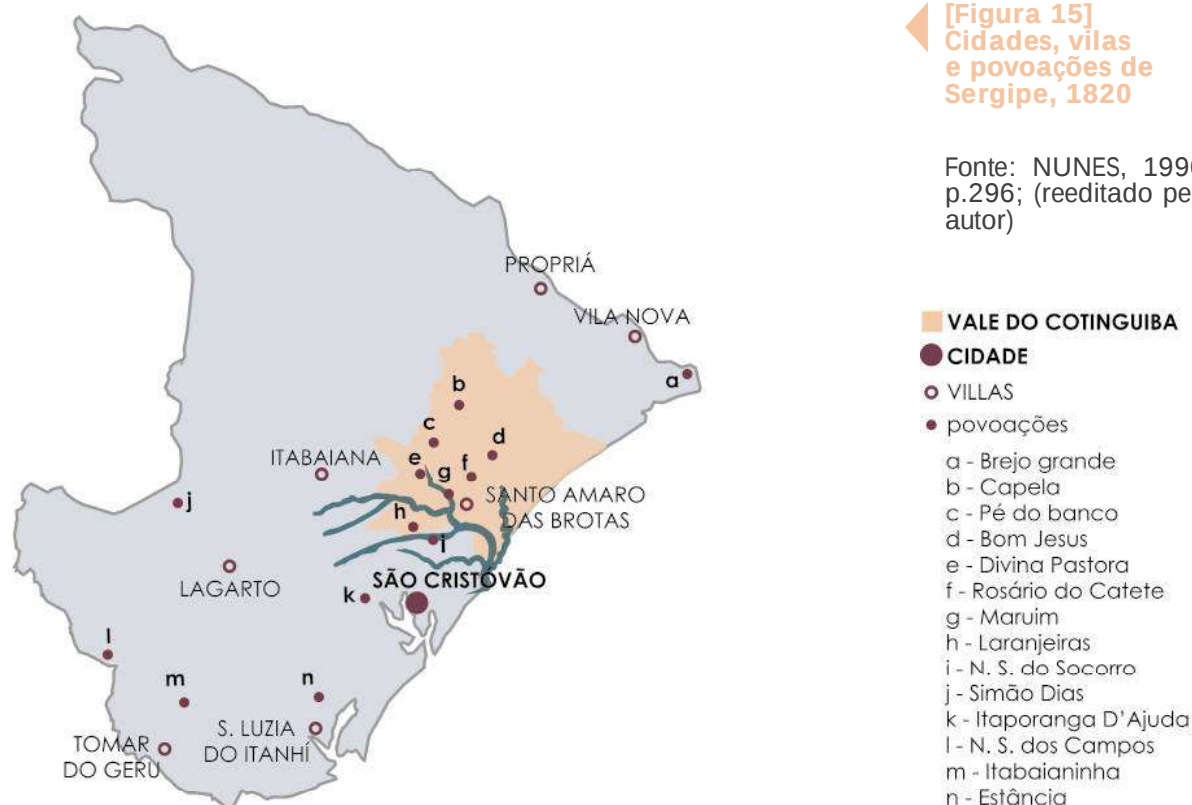
Número de navios por ano	Portos da Província			
	Cotinguiba	Vaza Barris	São Francisco	Real
1823	151	7	7	-
1824	190	12	13	38
1825	149	18	24	21
1826	153	-	15	-
1828	138	-	-	-
Total de navios	781	37	53	59

O comércio foi sem dúvida o fator determinante para a modernização da província e sobretudo de Maruim, que recebeu a influência dessa atividade em todas as etapas da sua formação, desde as primeiras povoações até o desenvolvimento e expansão da cidade. Além disso, foi o responsável pelo crescimento populacional, pois tinha papel catalisador nos novos centros urbanos, atraindo inúmeros trabalhadores em áreas diversificadas – agricultores, pecuaristas, administradores, comerciantes, etc (AGUIAR, 2004, p. 25-26).

Em Maruim, o Comércio influenciou dois importantes momentos históricos, ambos graças à cana-de-açúcar, a grande responsável pela hegemonia do vale do Cotinguiba. O primeiro, a implantação na Povoação Mombaça (Povoação I) e o segundo, após a mudança de localização, a Povoação Maruim de Baixo (Povoação II). A mudança de local buscava atender às necessidades do mercado, fixando-se onde ele melhor se desenvolvesse.

1.4. MOMBAÇA E A POLÊMICA SOBRE O PORTO DAS REDES

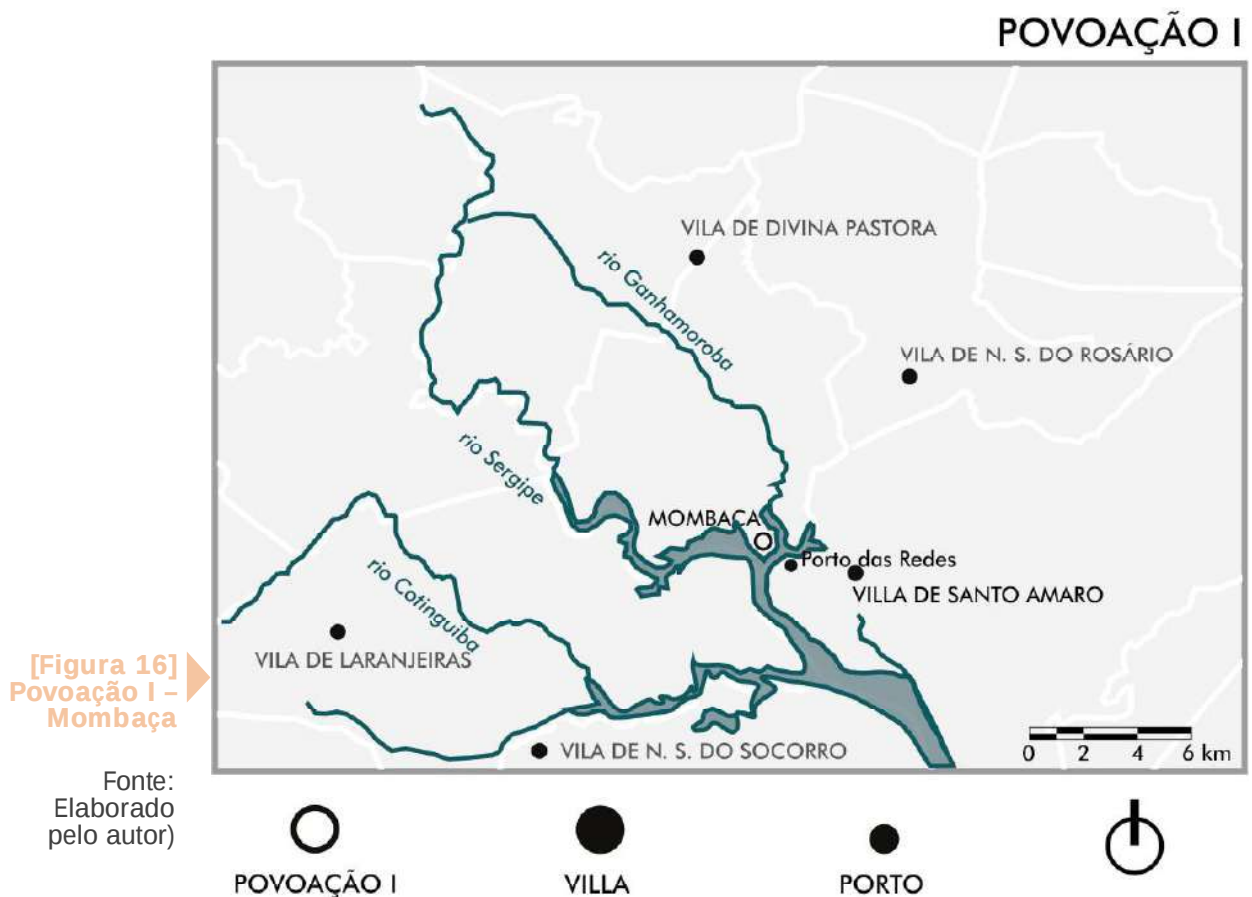
No século XVIII, a capitania de Sergipe era constituída por uma cidade - São Cristóvão - e por sete vilas. Vale observar que elas estavam situadas tanto em regiões costeiras quanto na confluência de rios. Além delas, também podem ser identificadas 14 povoações (Figura 15). A arqueóloga Luciana Santos destaca a região do Cotinguiba, por apresentar um aglomerado dessas vilas, em especial a Vila de Santo Amaro, que possuía 8 povoações em suas proximidades (SANTOS, 2014, p.51).



A vila de Santo Amaro foi fundada em 1699, em um ponto topográfico elevado que garante boa visão do seu centro. Além disso, está na região de encontro entre o rio Cotinguiba e o rio Sergipe. Sobre esta vila, Antônio Risério (2010) confirma que “no interior de sua circunscrição, póvoas prosperavam. Em 1820, eram elas: Capela, Rosário da Catete, Maruim, Bom Jesus, Pé do Banco (atual Siriri) e Divina Pastora”. Quando o padre Manuel Aires de Casal (1817, p. 250) a visitou em 1817, essa vila já tinha se tornado pequena, pouco populosa e apresentava uma economia incipiente. Enquanto ela começava a experimentar a decadência no início do século XIX, as outras povoações começaram a se desenvolver (RISÉRIO, 2010, p. 344). Em seu território encontrava-se um importante entreposto e foi graças a ele que se desenvolveu a “Aldeia de Maroim”.

Pouco mais duma légua ao poente (da Vila de Santo Amaro) está a Aldeia de Maroim na extremidade dum braço do Rio Sergipe, entreposto de grandíssima quantidade de caixas de açúcar, com um pequeno mercado nos sábados, a qual com o tempo deve ser povoação considerável. (CASAL, 1817, p. 250)

Esta povoação foi denominada Mombaça e como afirmam os escritos do professor e historiador Gilvan Rosa (1998, p. 31), está à esquerda do rio Sergipe, no encontro deste com o rio Ganhamoroba. À frente, ainda, estava situado o “porto mais comercial de Sergipe”, denominado Porto das Redes (Figura 16).



O Porto das redes estava localizado no centro de convergência da produção açucareira da região do Cotinguiba. A povoação que se desenvolveu ao seu redor não era notável, mas o número de exportações que fazia era superior aos demais portos em toda a província (NUNES, 1996, p. 193).

Graças ao seu crescente desenvolvimento, o Porto das Redes foi escolhido como local para a implantação da Alfândega de Sergipe. O projeto foi elaborado em 1846 por João Bloem, que na época era o Tenente Coronel do imperial corpo de engenheiros (Figura 17). Segundo Nunes (2006, p. 110), a proposta era uma resposta à ideia de que o local era o mais apropriado à boa arrecadação e ao comércio.

De acordo com publicação do Governo do Estado (SEPOG, 2015, p. 27), o plano do Porto das Redes desenhado por Bloem mede 63 x 95 cm e “constitui-se em uma planta baixa do centro de Maruim, com desenhos das quadras, topografia, medições e arborização voltada para a instalação da futura alfândega com regulamento para o porto da Província”. Em concordância com a referida publicação, Jouberto Uchoa Mendonça e Maria Cruz e Silva escrevem sobre as características da planta desenhada por Bloem, relacionando as edificações e praças desenhadas por ele com as do centro de Maruim (MENDONÇA; SILVA, 2018), conforme é apontado no mapeamento (Figura 18) que mostra a Planta de Bloem sobre o centro de Maruim.

Contudo, uma certa incoerência paira sobre essas informações quando a Planta de Bloem é sobreposta a uma foto aérea do centro de Maruim. Em contrapartida, quando esta mesma é sobreposta ao Porto das Redes, no município de Santo Amaro das Brotas, observamos diversas semelhanças e correspondências às informações que são descritas no próprio plano (Figura 19).



[Figura 17]:
Plano e Planta do Porto das redes com o projeto da futura Alfandega da Província.
Bloem, 1846

Fonte: SILVA, 2018, p.13

A Planta expressa dois desenhos sobre o mesmo espaço, um em vermelho e o outro em preto. O que está em vermelho representa as características físicas do sítio, como as curvas do terreno, os níveis da maré e o levantamento da povoação existente. As representações de construções não demonstram nenhum planejamento a nível de desenho urbano, mas sim de adequação ao terreno – todas elas estão acima da linha “maré baixa”, no nível “maré praia”. Neste mesmo desenho, é possível ver ainda a massa de vegetação e alguns viveiros espalhados pelo espaço. No canto superior do mapa existe uma pequena porção de terra separada do Porto das Redes pelo rio denominado “rio de Maroim”, nomeada pelo autor de “Ponta e Sítio da Mombaça”. Neste local foram representadas algumas edificações espalhadas entre a vegetação abundante. Uma informação bastante importante é Norte geográfico, representado por uma seta grande e fina.

O desenho em preto representa o projeto para a Alfândega de Sergipe. É composto por ruas e quadras retangulares – que foram devidamente nomeadas - e por uma praça central denominada Praça Augusta. No projeto, vale destacar uma Igreja “Matriz, Invocação de S. João Baptista” no centro da praça, cujas extremidades receberam o plantio de árvores no alinhamento com as quadras. Há ainda diversas anotações sobre o nome do documento, o autor, legenda, ano, rios, escala e referências de distância.

análise 2



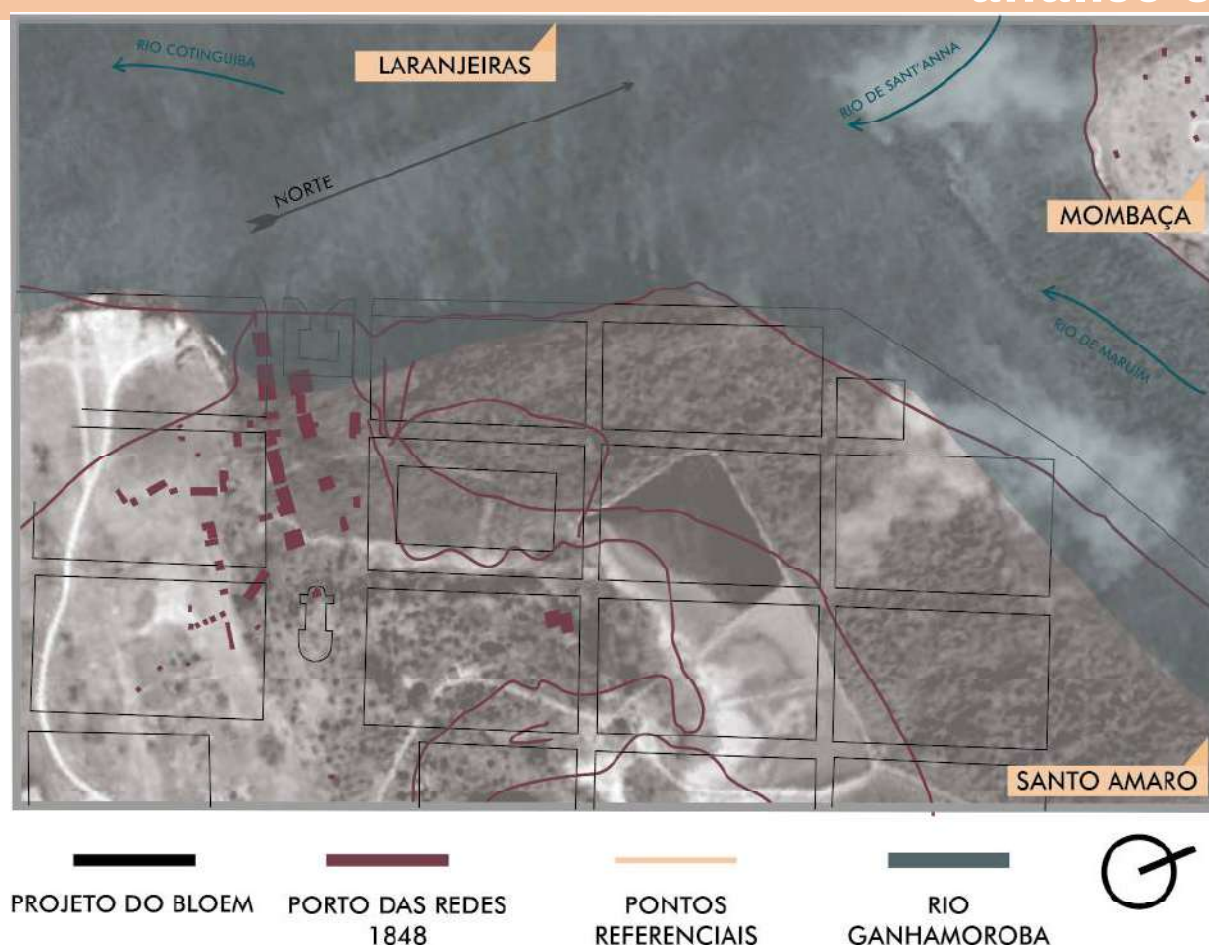
[Figura 18]
ANÁLISE 2
Mapa de João Bloem (1840) sobre centro de Maruim (2019)

Fonte: Google Earth(editado pelo autor),2019

Ao posicionar a “Igreja de São João Batista” desenhada por Bloem no mesmo ponto da Igreja Matriz do Senhor dos Passos, observam-se claras disparidades. A conformação geográfica, a localização dos rios e o sentido das ruas assinalados não correspondem ao centro de Maruim, ainda que seja seguida a mesma orientação do Norte

O único rio que corta o centro de Maruim é o rio Ganhamoroba. No desenho de João Bloem são mencionados três rios: o rio Cotinguiba, o rio de Sant’Anna e o rio de Maruim. É mencionada também uma estrada que leva para Laranjeiras ao atravessar o rio, mas atravessando o rio o que se encontra é o bairro Lachez.

O mapa apresenta outras informações que necessitam de estudo mais aprofundado. Contudo, aquilo que foi mencionado é suficiente para concluir que o Projeto de João Bloem não se destinou ao centro de Maruim, como a bibliografia mencionada descreveu, mas sim a uma outra região não muito distante, já que rios próximos são mencionados.



[Figura 19]
ANÁLISE 3
Plano de Bloem (1840) sobre o atual Porto das Redes (2019).

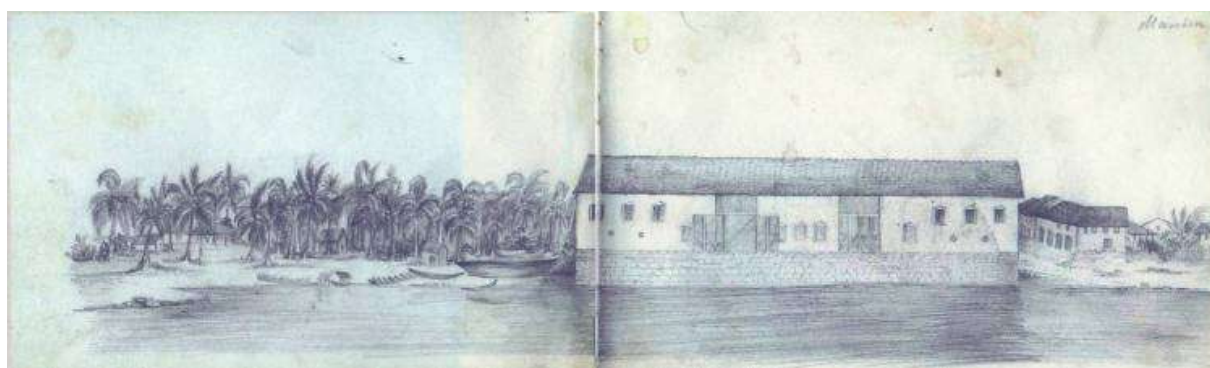
Fonte: Google Earth (editado pelo autor), 2019

Uma importante informação contida no mapa é a existência de um sítio denominado Mombaça (margem superior direita). Essa localização corresponde à primeira povoação de Maruim, que como já foi apresentado, ficava na margem esquerda do rio Sergipe.

Como pode ser encontrado em diversas fontes históricas, em Riachuelo existia um engenho denominado Sant'Anna. Portanto, é bem provável que o rio de Sant'Anna seja o atual rio Sergipe, que passa por Riachuelo em frente ao local em que, segundo Antônio Martins Bezerra (2012, p. 39-40), ficava este engenho. O mesmo acontece ao Rio Ganhamoroba, que é denominado Rio de Maruim por Bloem.

O engenheiro escreve no plano sobre uma estrada que leva a Laranjeiras. Se essa planta se aplicasse ao centro de Maruim, seria impossível uma estrada que levasse àquela vila na outra margem do rio, como acontece no Porto das redes, que fica em frente ao território de Laranjeiras. Nesta região de recorte do mapa, são identificados três municípios: Santo Amaro, Laranjeiras e Maruim, e estes podem ser identificados nessa região do Porto das Redes, conforme identificado no mapa acima.

Os relatos contidos no diário de bordo da visita de Dom Pedro II a Maruim e o desenho da senhora Adolphine Schramm contribuem com algumas informações sobre o Porto das Redes que podem ser comparadas ao Plano do Porto das redes elaborado por Bloem em 1846. Na transcrição do diário feita pelo historiador Rogério dos Santos (2009) o Porto das redes é apresentado como “uma linda situação, onde se vê um belo coqueiral. Ali foi por muito tempo a Alfândega da província” (SANTOS, 2009, p. 87). Abaixo, é apresentada uma reprodução fotográfica de um crayon pintado por Adolphine Schramm, onde em primeiro plano está o “Trapiche Alfandegário”, ao fundo estão algumas casas dentro do “coqueiral”. É possível fazer alguma correspondência entre as edificações no desenho de Adolphine (Figura 20) e as residências da planta de Bloem.



[Figura 20]:
Trapiche Alfandegário – provavelmente o Porto das Redes, por Adolphine Schramm
Fonte: SILVA, 2018, p.21

Quando Dom Pedro II atravessou o rio Sergipe em direção a Maruim, “o sino da casinha de oração, que ali (Porto das redes) há, repicou nesta ocasião” (SANTOS, 2009, p.86). Na planta de Bloem, existe o projeto de uma igreja denominada “Matriz, invocação de São João Baptista” e no local em que ela seria construída havia uma edificação, que pela localização já poderia ser alguma capela ou edificação religiosa. A existência dessa e das demais edificações devem ser investigadas por meio de um adequado exame arqueológico.

1.4.2 NAS TERRAS DO ENGENHO MAROIM DE BAIXO

Em certo momento histórico do qual não há datação houve a mudança da aglomeração urbana do povoado Mombaça em direção ao interior do território, igualmente às margens do Rio Ganhamoroba. Este será o último e definitivo local escolhido para a cidade, que seguia os modelos de implantação observados nas demais cidades do Império.

De acordo com a tradição (SILVA, p. 17, 1994; ROSA, 1998) o motivo do deslocamento para a segunda povoação foi a incapacidade de viver no local, que era infestado por mosquitos – “o maruim”. O local que então foi ocupado localiza-se ao lado esquerdo do

rio Ganhamoroba e pertencia ao Engenho Maruim de Baixo, cujo proprietário era o português Manoel Rodrigues de Figueiredo, sobre o qual não existem informações mais específicas. Nestas terras a povoação se instalou e construiu algumas casas nas proximidades da Igreja de São Vicente (Figura 21), datada de 1742.

[Figura 21]
Ruína da igreja de São Vicente

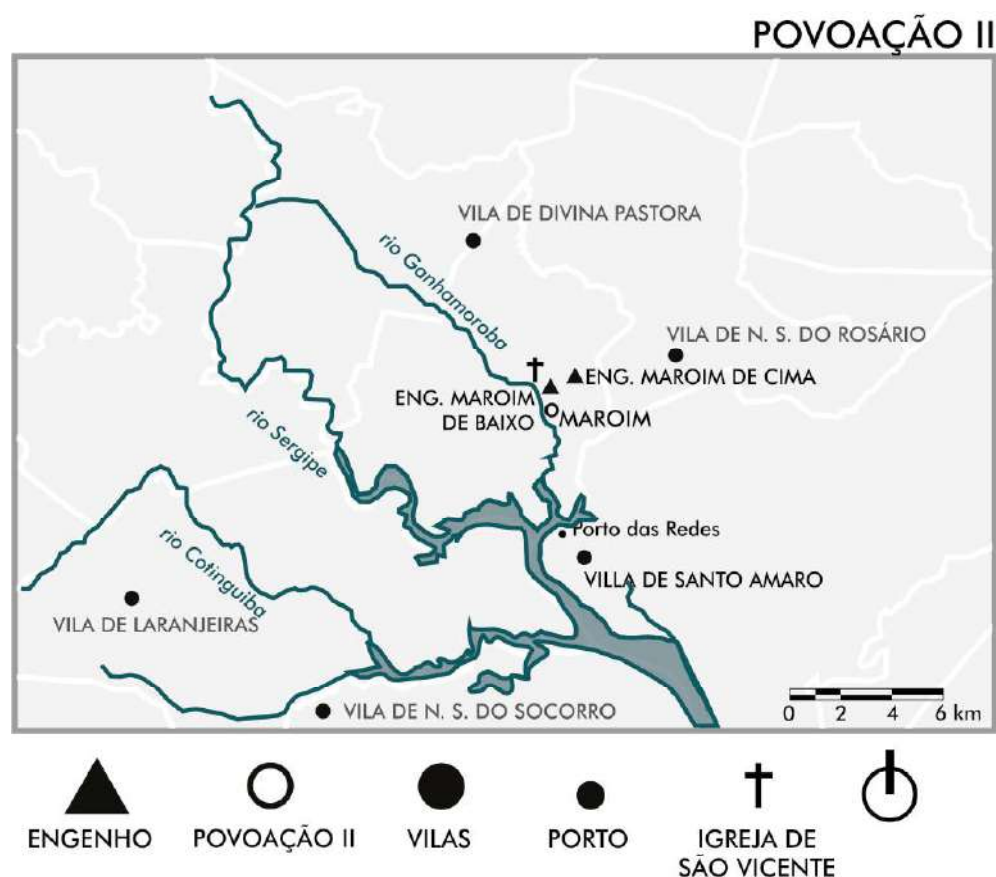
Fonte: Adailton Andrade, 2017



Em 1816, chegou a Sergipe o comerciante português José Pinto de Carvalho, que achou vantajoso em instalar ali um Trapiche, que segundo ele foi a primeira casa de arrecadação edificada. A região abrigaria o mais importante Porto de exportação e importação do Vale do Cotinguiba, como fica expresso em seu depoimento:

Resolvido a fixar aqui minha residência, cuidei de examinar os diferentes portos da comarca, e vendo que em todos eram os gêneros de importação e exportação lançados na praia por falta absoluta de casas de arrecadação, fiz edificar um trapiche no porto de Maruim, exemplo que em breve foi seguido nos demais portos (CARVALHO, 1863, p. 65).

Segundo Almeida (1984, p.222), Maruim assumiu a configuração atual a partir do contato com o engenho Maruim de Baixo, pois em 1833 o povoado já tinha se organizado em torno deste engenho (Figura 22). A localização foi a razão do desenvolvimento comercial que se observou na cidade até o final do século XIX, tornando-a entreposto de grande quantidade de açúcar a ser exportado para toda a Província.



[Figura 22]
Povoação II
– Maroim de
Baixo.

Fonte: Autor,
2019

A povoação de Maruim cresceu muito graças ao Trapiche do português José Pinto de Carvalho e isso fez com que ela, junto com Laranjeiras, se transformasse em vetor de desenvolvimento naquele século. Os relatos feitos pela população de Santo Amaro revelam que cerca de quatro mil carros transitavam pela cidade a fim de conduzir o açúcar até esse trapiche (ROSA, 1998, p.33-35).

Em razão desse intenso movimento comercial, surgiu a primeira proposta de transferência da sede da Vila de Santo Amaro para Maruim, concretizada em 1833, sem, contudo, trazer satisfação nem à população nem às autoridades provinciais (NUNES, 1998, p.194). Sobre isso, Felisbello Freire (1891, p.299) afirma que a população de Santo Amaro se revoltou – chegando a pegar em armas - conseguindo fazer com que a sede voltasse para lá. Todavia, dado o desenvolvimento que se percebia em Maruim, em 1835 ela foi elevada à categoria de Vila, graças ao seu poder municipal que “tinha tanto contribuído para o desenvolvimento da civilização da província. Ella era uma sub-corte. Por ella passavam os habitantes do norte que visitavam a capital, e ahi escovavam sua casaca” (FREIRE, 1891, p. 299).

Como afirma o professor Francisco Roberval Mendes (et al., 2011, p. 47), existe uma imagem que povoa nosso imaginário quando se trata dos primeiros assentamentos da colônia portuguesa: um discreto conjunto de casas e armazéns balizados por torres de igreja, recortando seu perfil contra a paisagem e a exuberante vegetação. Embora o autor se refira à

formação das cidades no período da colonização, essa visão não somente traz a compreensão de alguns elementos da implantação e do desenho da cidade daquela época, mas também dos anos que se seguiram até o Primeiro e Segundo Império. E esse é o perfil de Maruim em 1854, quando já tinha sido elevada à categoria de cidade, sendo a quarta da Província. A partir de 1860, o centro urbano de Maruim (Figura 23) já havia sido estabelecido.

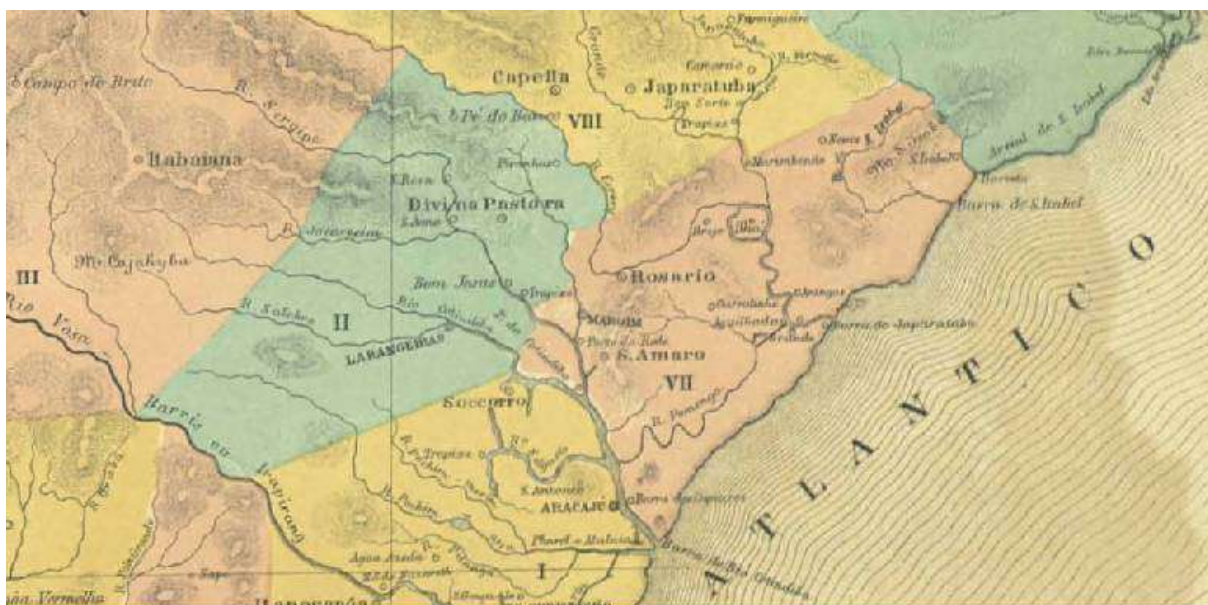


[Figura 23]:

Vista do alto do bairro Lachez em 1875

Fonte: Acervo pessoal de Maria Lúcia Marques Cruz e Silva, 2018

No mapa da província, organizado em 1868 pelo professor Candido Mendes de Almeida (1868, p. 54), Maruim é apresentada como Comarca – divisão administrativa do império - junto com outras 8, das quais somente 6 eram cidades (Figura 24).



[Figura 24]

Atlas do Império do Brasil. Província de Sergipe, 1868

Fonte: ALMEIDA, 1868, p. 54

Nesse contexto, a cidade presencia florescimento de outros setores que movimentaram não somente a sua economia, mas de toda a província, como a exportação e importação de artigos estrangeiros e o comércio e tratamento do algodão. A cidade abrigou a mais importante Casa Comercial do vale do Cotinguiba, a Schramm & Cia, pertencente ao alemão Otto Schramm (Figura 25). Por muito tempo, a casa comercial praticamente levou a economia da Província e promoveu o desenvolvimento da região, exportando cerca de 30% da produção de todo o território sergipano em 1880 (SUBRINHO, 1991, p. 37).

Foi nesta Casa Comercial que esteve localizada a mais importante máquina a vapor de desencaroçar algodão da Província, com capacidade diária de desencaroçar 600 arrobas de algodão. (NUNES, 2006, p.24). Esta casa exportadora, fundada em 1839, possuía diversas propriedades açucareiras, além de filiais em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Hamburgo, na Alemanha (BEZERRA, 1984, p.97). Na província de Sergipe, na cidade de Maruim, inicia sua participação do comércio do algodão da província a partir de 1864 quando passa a ser a principal exportadora do açúcar baiano (DINIZ, 1991, p. 115).



[Figura 25]
Casa Comercial Schramm
& Cia, entre 1860 e
1870 Cotinguiba. 1840/1850

Fonte: SILVA, 1994, p. 82

A Schramm & Cia não possuía trapiches somente em Maruim – o Grande e o Dois de Julho, mas também em Laranjeiras, no Rio Sergipe, em Japaratuba e Aracaju, com o objetivo de manter sua rede comercial também nas principais áreas produtoras do Cotinguiba (SUBRINHO, 1991, p.38).

Além dela, existiram outras casas comerciais como a Fonseca & Cia, que negociava tecidos e molhados; Silva Maia & Cia, que negociava ferragens, tecidos e molhados; Sabino Ribeiro & Cia - mais tarde Ribeiro & Cia – que era exportadora de açúcar; Cruz irmãos & Cia, exportadora de açúcar; Soares e Prado; e Maynart e Irmãos (SILVA, 1994).

1.5 ESTABELECIMENTOS RURAIS: MOTORES DA ECONOMIA DE MARUIM

A Arquitetura Rural no Brasil, segundo Geraldo Gomes (p. 28), sofre com o desinteresse e o esquecimento quando comparada à Arquitetura Religiosa e a Civil, pois é comum a confusão entre o valor arquitetônico e o valor decorativo. As edificações rurais têm como característica primordial o pragmatismo funcional, como é o caso dos engenhos de açúcar. Quando despertam interesse estético, isso acontece sem intenção principal do construtor. Além disso, o conjunto dessa Arquitetura é bastante heterogêneo e por isso está sujeito a variações sociais, econômicas, de tempo e de espaço (p. 30)

Antes mesmo da sua independência, o território de Sergipe era ocupado por diversos exemplares dessa arquitetura, já que servia aos currais de gado, meios de subsistência e campos de criação complementares para a lavoura canavieira baiana. Este contexto se altera somente com independência econômica sergipana da Província da Bahia, se dará na segunda metade do século XVIII. Após essa trajetória, a principal razão para a integração de Sergipe no comércio colonial foi o estabelecimento de engenhos de açúcar ao longo de todo o seu litoral (Sobrinho).

Em Maruim, situada em uma importante zona de interesse comercial na província, foram implantados 23 engenhos, dentre os quais se destaca o Engenho Pedras (Figura 26), considerado pelos estudiosos como o mais proeminente da Província, cuja usina é ativa ainda hoje (DINIZ, 2013, p. 80).

Construído em 1807, é um símbolo do poder da cultura açucareira em Sergipe. Como afirma Maria Almeida (1975) em publicação intitulada Uma Unidade açucareira em Sergipe :o Engenho Pedras, que conjunto arquitetônico era formado pela casa grande, pela capela, pela usina e pelas residências operárias, e estava organizado em torno de uma praça central retangular.



[Figura 26]
Engenho Pedras

Fontes: ALMEIDA, 1975

Seu conjunto arquitetônico era formado por casa grande, capela, usina e pelas residências operárias. Estava organizado em torno de uma praça central retangular. Contudo, somente a capela e algumas residências que ainda são utilizadas se encontram em bom estado de conservação, visto que muitas edificações e a casa grande estão em ruína (Figura 27).



[Figura 27]
Engenho Pedras
atualmente

Fonte: Autor, 2019

Comparando a quantidade de engenhos de Maruim com as cidades vizinhas, observa-se que ela possui um número inferior que, contudo, é proporcional à extensão territorial da mesma (Tabela 2). Mesmo nessas condições, Maruim, junto com Laranjeiras, eram as que possuíam mais riquezas e desenvolvimento gerados pelo intenso movimento canavieiro. Esse contexto afirma a ideia de que a vocação da cidade era ao comércio, muito mais que a produção. Os engenhos eram construídos aos poucos pelos comerciantes que enriqueciam e começavam a exportar o que eles mesmos produziam.

Região do Cotinguiba	Municípios	1808	1838	1856	1875	1881	1900
	Santo Amaro	40	09	10	10	10	07
	Laranjeiras	-	49	73	52	97	39
	Rosário	-	43	60	42	43	39
	Riachuelo	-	-	-	35	-	31
	Divina Pastora	-	40	57	-	66	38
	Maruim	-	20	22	17	23	17

[Tabela 2]
Engenhos do
Cotinguiba

Fonte: DINIZ
et al, 1991,
p. 80

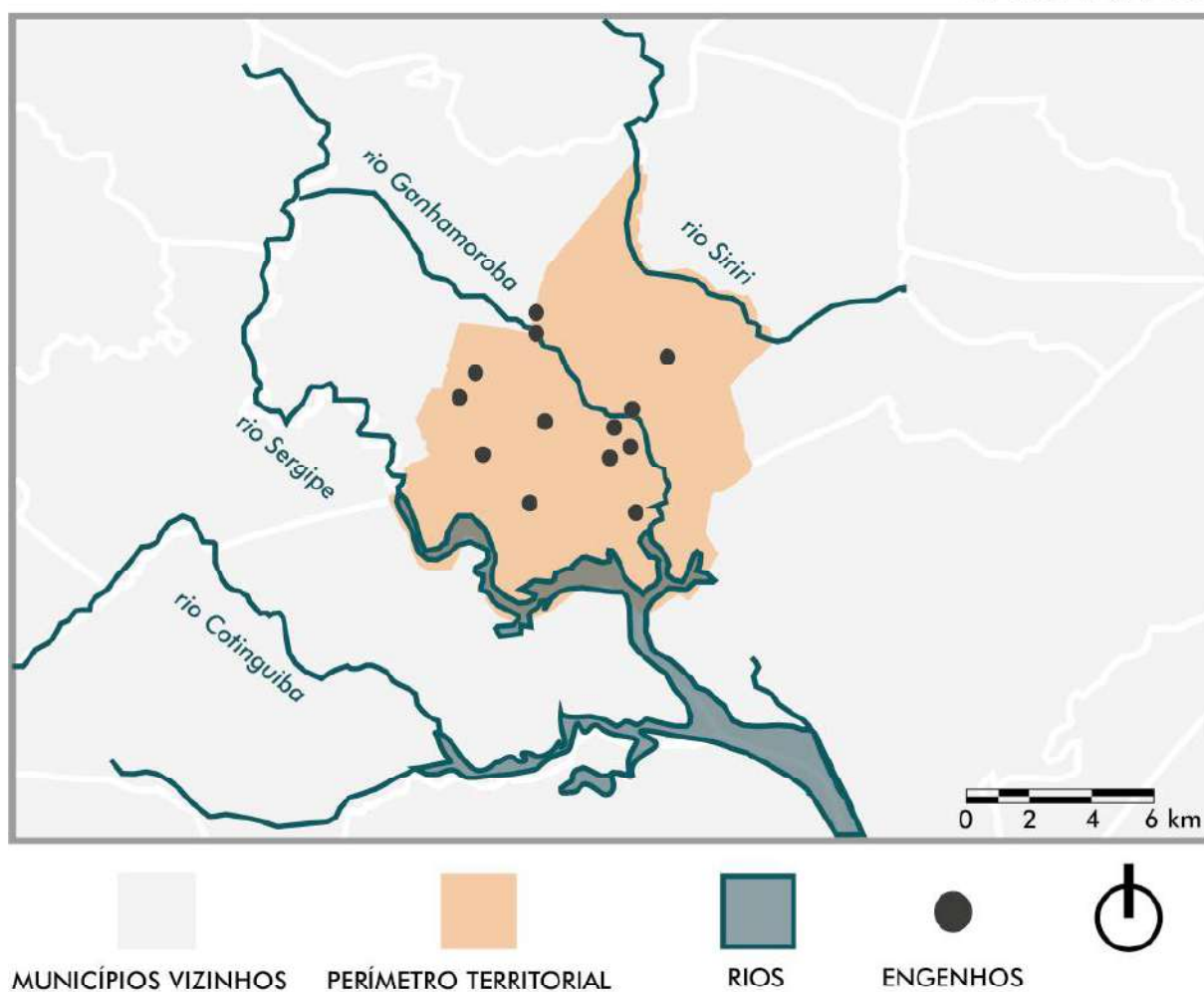
O Mapa desenvolvido por Bloem em 1844 (Figura 28) localiza os engenhos identificados por ele em todo o território de Sergipe. Em recorte da região do Cotinguiba, entre é possível visualizar e ler alguns. Além de perceber as estradas que ligavam esses engenhos e vilas. Os engenhos são: Maruim de baixo, Maruim de cima, Siebra, Engenho do Mato, Pombinha, Santo Antônio, Jordão, Barreiras, Berta, Engenho da Praia, Barreiras, Engenho das Pedras e Engenho Unha do Gato. Eles estão dentro do perímetro urbano atual de Maruim (Figura 29), mas por causa das mudanças de delimitação das vilas que porventura tenham acontecido de 1844 para cá, a relação de engenhos foi comparada com a lista do IPHAN (IPHAN, 2010).

[Figura 28]
Mapa dos
Engenhos de
Sergipe. Bloem,
1844

Fonte: AMARAL,
2007, p. 142.



ENGENHOS



[Figura 29]
Engenhos de Maruim
Fonte: ALMEIDA, 1975

Haviam ainda os alambiques - estabelecimentos responsáveis pela produção da cachaça, que se apresentavam de duas formas: a primeira como pequenos engenhos que não eram capazes de produzir açúcar e dessa forma dedicando-se a fabricação de aguardente; a segunda como anexo à dependência pessoal do proprietário que poderia ser um senhor de engenho, responsável por fornecer o melaço para a fabricação da aguardente (SUBRINHO, 1983, p.19).

Em Maruim, tem-se o registro numérico de quatro alambiques em 1854, contudo só existem dois estabelecimentos documentados (Figura 30): a Fábrica Hannequim, uma destilaria de álcool e cachaça, e a Fábrica de bebidas Nortista, que fabricava aguardente de cana, vinagre e diversos tipos de vinho (SILVA, 1994, p. 114).



[Figura 30]
A Fábrica
Hannequim,
e a Fábrica
Nortista.

Fonte: Acervo pessoal de Maria Lúcia Marques Cruz e Silva, 2018

Os sítios se disseminaram por toda a província, diferente das fazendas de gado que se concentravam no agreste-sertão por causa das condições climáticas desfavoráveis ao cultivo da cana-de-açúcar. Eram pequenas propriedades rurais que cultivavam feijão, milho, arroz, mandioca e até mesmo cana-de-açúcar para fornecer aos engenhos vizinhos. Em Maruim, até 1854, foram registrados 40 sítios que produziam especialmente para o comércio local. Em levantamento realizado em 1994, no Cadastro de Sergipe de 1950, foram identificadas 62 propriedades agrícolas, entre elas sítios, fazendas e usinas (SILVA, 1994, p. 86-87).

1.6 UMA SOCIEDADE DE ESTRANGEIROS

No Brasil Império, a sociedade se organizava hierarquicamente como em uma pirâmide, cuja base era ocupada pelos escravos, seguidos do operariado, depois pelos comerciantes, profissionais liberais, militares e no topo estava a nobreza. A vinda da Família Real ao Brasil em 1808 e a consequente abertura dos Portos proporcionou a chegada dos nobres e a emergência dos comerciantes, pois agora fazia-se necessária a instalação de várias instituições e órgãos burocráticos com os quais o imperador podia operar mudanças significativas, dentre elas, as urbanísticas (MENDES et al, 2011, p. 57).

A partir desse período, começam a se instalar nas cidades brasileiras estrangeiros de diversas nacionalidades, alguns trazidos pelo próprio imperador, entre eles, comerciantes em busca das riquezas que estas terras ofereciam. Aqui chegando, encaminhavam-se para as regiões rurais e onde houvesse disponibilidade de terra, próximo a vilas e a “centros urbanos em desenvolvimento: Estância, Laranjeiras e Maruim” (NUNES, 2006, p.49). Esse foi um fator determinante para o desenvolvimento de muitas cidades, entre elas Maruim, que em 1822 já comprova a presença estrangeira através dos comerciantes, médicos, serviçais, lavradores e principalmente dos cônsules (SILVA, 1994, p. 92):

Com a criação da Comarca de Maruim em 1854, o progresso da cidade exigia a presença de uma autoridade jurídica e, em 1878, quando o presidente da província Dr. Francisco Idelfonso Ribeiro de Menezes a visitou, já existiam consulados para tratar dos interesses dos estrangeiros, os quais tinham as seguintes procedências: da França, da Suíça, de Nápoles, da África Inglesa, de Liverpool, da Alemanha e de Portugal.

A importância dos estrangeiros, principalmente dos alemães, se manifesta na herança arquitetônica que deixaram ao constituir em Maruim uma “sociedade de estrangeiros” (SUBRINHO, 1983, p.22). Alguns indícios levam a acreditar que eles tenham se instalado nas imediações do Porto Velho, pois essa região era a mais efervescente do ponto de vista comercial. Quando Dom Pedro II desembarcou ali, encontrou hasteadas na praça da bandeira – conhecida como praça do Tamarindeiro – as bandeiras da Inglaterra, da Alemanha, da Suécia, da Noruega, de Nápoles e da Áustria (SILVA, 1994, p. 92).

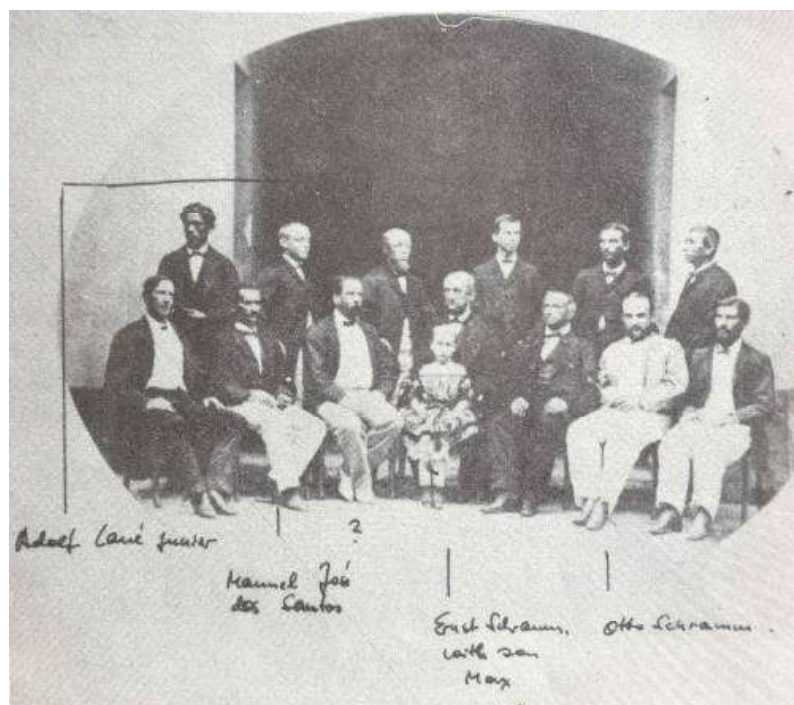
Os primeiros a chegar em Sergipe foram os franceses. Os principais nomes eram Lachez, Bardou, Lévêque, Dominique e Henri Laport. Segundo Bezerra, eles se localizaram na zona do Cotinguiba e

especialmente em Maruim, que daquela época em diante se ia tornando o principal centro comercial de Sergipe. A passagem do primeiro dos franceses ficou eternamente gravada na referida cidade sergipana, que possui um de seus bairros denominado “Lachez”. (BEZERRA, 1984, p.97)

A partir de então Maruim atraiu muitos europeus tornando-se o maior núcleo de estrangeiros no estado. Entre eles, os alemães foram os que tiveram uma participação decisiva no desenvolvimento comercial da cidade. Alguns dos principais nomes foram Laue, Heyman, Chmidt, Loeser, Jungclausen e os já mencionados Schramn (Figura 31). Graças à Casa Comercial destes últimos, cerca de trinta alemães imigraram para Maruim, entre eles comerciantes, médicos e trabalhadores da lavoura (BEZERRA, 1984, p.97).

Os alemães que se estabeleceram em Maruim eram artífices especializados, engenheiros, comerciantes, médicos e operários que exerceram grande influência na vida local e produziram uma descendência que possibilita a convi-

vência em Sergipe de pessoas com sobrenomes notoriamente alemães como Hagenbeck, Munck, Löeser e outros. (CARVALHO, 2006, p. 159, apud ENNES, 2011, p. 12)



[Figura 31]
Colônia Alemã em Maruim

Fonte: SILVA, 1994, p.952018

Além da contribuição comercial, os alemães foram os responsáveis por introduzir uma “agradável, requintada e fina cultura europeia, estendida às pessoas, à casa, ao seu arranjo, costumes, modos de vida”, como fica explícito nos comentários deixados pelo médico alemão Robert Avé-Lallemant em sua viagem pelo Cotinguiba em 1859 (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 333). Vinda de Hamburgo, Alemanha, em 1858, Adolphine Schramm deixou importantes contribuições no que se refere ao conhecimento da vida na cidade de Maruim no século XIX, ao todo tem-se o registro de 32 cartas destinadas a amigos e familiares alemães. Em uma das famosas Cartas de Maruim, endereçada à sua mãe em 23 de dezembro de 1858, Adolphine escreve: “Maruim é, no que se refere a casas, um lugar muito modesto. No entanto, há vida animada na cidade e existem cerca de 12 a 14 lojas bastante grandes, onde se podem fazer boas compras” (FREITAS, 1991, p. 8).

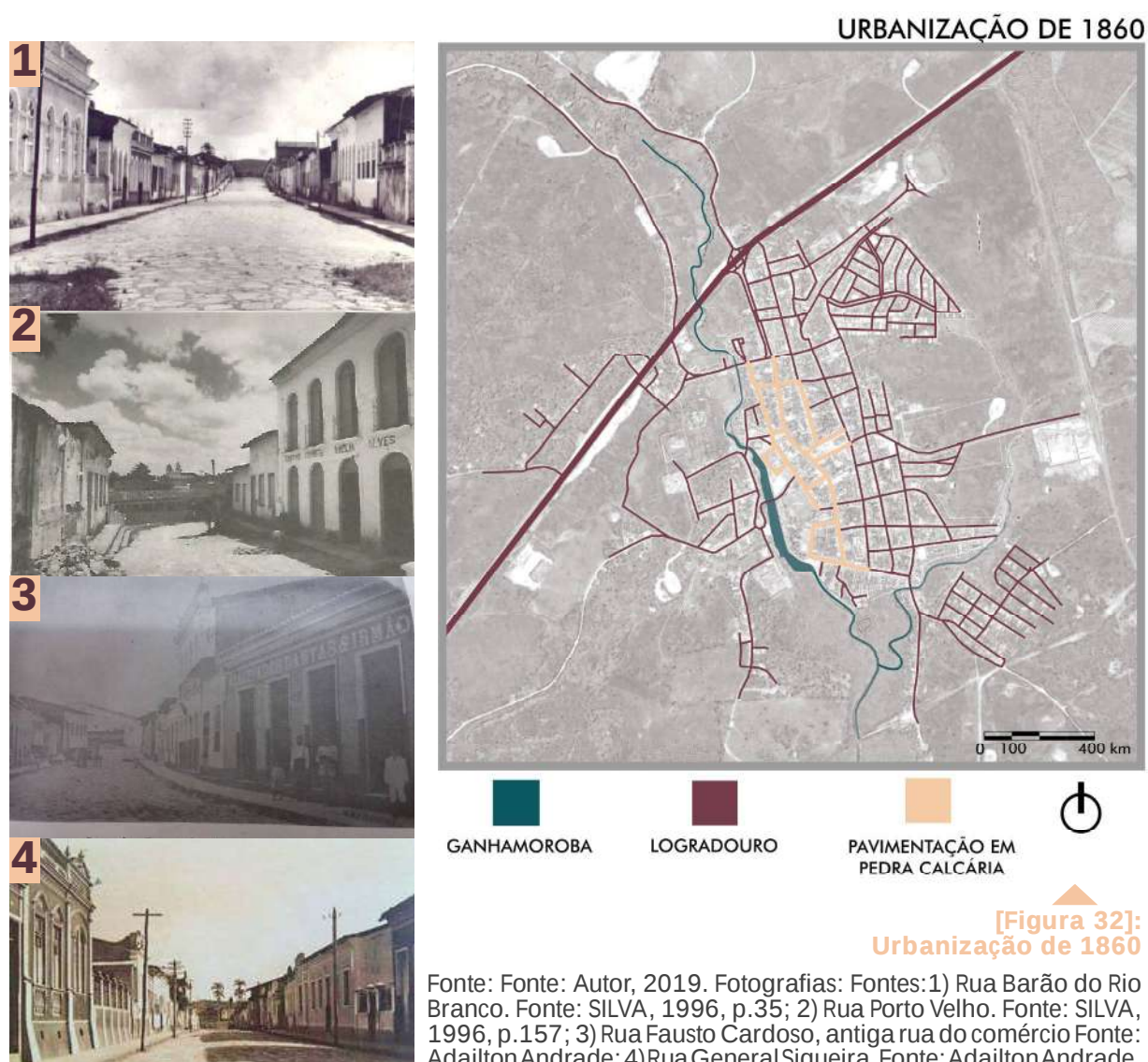
1.7 A PAISAGEM URBANA CONSTRUÍDA

Para analisar as tradições arquitetônicas e urbanísticas em Maruim, consideremos a Povoação II, que em 1835 apresentava condições de destaque até mesmo em relação à sede da Villa em Santo Amaro. No contexto da transferência da sede, a população de Santo Amaro

emitiu um parecer para a Câmara dos deputados em 04/09/1833. Foi publicada na Revista IHGS, ano II, 1914 e traz algumas informações sobre a organização urbana da cidade:

A povoação do Maroim, que conterà em si cento e tantas moradas de casas, he de pessima habitação, situada ao pé do porto do Engenho denominado – Maroim de Baixo – cheia de pantanos, charcos, e imundices pelo inverno, mormente as ruas, por onde transitão tres a quatro mil carros, que na safra conduzem caixas de assucar para um Trapiche, que há naquelle porto, annexo cás moradas (Revista IHGS, 1914 apud ROSA, 1998, p.34)

Graças ao intenso movimento comercial, a população da cidade passou rapidamente de “cento e tantas moradas de casas” para 723 em 1852 (FREIRE, 1891, p.321). Em 1860, na ocasião da visita do Imperador, estavam “todas as ruas calçadas e limpas” (SANTOS, 2009, p. 88). Com base em fotografias e resquícios de ruas com pavimentação em pedra calcária, foi elaborado um mapa apontando possíveis ruas urbanizadas nessa década (Figura 32).



Junto com as casas térreas, o Sobrado é um dos principais tipos de habitação e representa, segundo o Nestor Goulart Reis Filho (2006, p. 28), a moradia típica das famílias abastadas da sociedade colonial. Sobre esse tipo, o arquiteto e engenheiro L. L. Vauthier, que esteve no Brasil entre 1840 e 1846 afirma:

E em seguida, que serão essas construções alongadas, que não ar nem luz senão pelas duas extremidades? Essa forma rígida, esse tipo único, comprimido na largura, não se presta nada, bem o compreendeis, a uma grande variedade de disposições internas. Assim, quem viu uma casa brasileira viu quase todas. (VALTHIER, 1943, p. 143)

Com base nos estudos da professora Edja Trigueiro (2012), os sobrados possuíam de 2 a 4 pavimentos e por isso representavam a divisão dos estratos sociais (TRIGUEIRO, 2012, p.202). O piso térreo era geralmente de chão batido e por isso não era destinado à moradia, mas sim ao comércio, aos escravos, animais ou simplesmente ficava vazio. Os andares superiores eram destinados aos serviços residenciais onde o fluxo acontecia pelo corredor e se distribuía pelos demais cômodos (REIS FILHO, 2006, p. 24).

Quanto à disposição interna dessas edificações, alguns autores podem trazer importantes considerações:

Duas portas na fachada, uma levando ao saguão de entrada e à residência propriamente dita, a outra dando acesso ao que se acredita ter sido uma loja; dos cômodos supostamente ocupados por escravos na parte posterior do térreo (TRIGUEIRO, 2012, p.203)

Térreo:

Nos bairros elegantes, o alto funcionário e o negociante reservam o andar térreo inteiro às cocheiras e estrebarias, ao passo que na cidade comerciante nele espalha os seus espaços de armazéns. (REIS FILHO, 2006, p.28)

Pavimento superior:

A grande sala de frente com o oratório do lado [...] Essa sala abre-se diretamente para a varanda que se estende por quase toda a largura da fachada [...] A sala da frente era o centro da vida de cerimônia da família colonial [...] da sala sai um corredor estreito que vai até os fundos com portas de ambos os lados dando para os quartos que não passavam Às vezes de pequenas alcovas sem ar nem luz [...] No fim do corredor fica a sala de jantar com a cozinha à direita. (SMITH, 1969, p. 51)

A sociedade do século XIX é essencialmente a mesma do período colonial (REIS FILHO, 2006, p. 28). A chegada da Família Real ao Brasil em 1808 não provocou alterações arquitetônicas de imediato. Somente a partir de 1822 difundiu-se uma arquitetura oficial,

com diversidade nos programas arquitetônicos e nos estilos cujo objetivo era eliminar os ares da colônia (MENDES et al, 2011, p.67). As mudanças, contudo, só foram preeminentes a partir da metade do século, que segundo Reis Filho (2006, p.36), iniciaram-se discretamente com a difusão da arquitetura neoclássica pela Missão Cultural Francesa e pela Academia Imperial de belas-Artes, contribuindo assim para o abandono das velhas soluções coloniais. Nas residências, contudo, o passo inicial foi a adaptação como objetivo modernizador, que consistia em introduzir elementos decorativos, como descreve Mendes:

Antigos beirais coloniais, gradativamente, foram substituídos por cornijas sob platibandas almofadadas ou balaustradas, dispostas como coroamento das fachadas, com pouco cuidado em relação à proporção. As tradicionais treliças de madeira, protetoras dos interiores, foram drasticamente suprimidas por ordem real e, em seu lugar, brevemente as caixilhadas de vidro miúdo iriam ocupar os vãos das janelas [...]. (MENDES et al, 2011, p.68)

Na Província de Sergipe Del Rey, o desenvolvimento econômico veio da grande expansão da indústria açucareira e do comércio, o que fez com que a vida urbana ganhasse um novo impulso. Sobre isso, Maria Thetis Nunes afirma:

Cresce a construção de sobrados residenciais, muitos deles com fachadas revestidas de azulejos, nos centros urbanos localizados nas regiões produtoras de açúcar – Laranjeiras, Estância, Maruim, Capela e as casas-grandes dos engenhos. Estes, porém, não apresentavam a grandiosidade que marcaram muitas de outras regiões açucareiras. (NUNES, 2006, p.294)

Em Maruim, a ocupação na região do Antigo Porto se deu durante o Primeiro reinado, mas ainda seguia as velhas soluções do antigo século, que seguindo Reis Filho (2006, p.34) eram o: alinhamento das ruas, avanços sobre os limites laterais, paredes grossas, etc. O cronista Avé-Lallemant continua a dar relatos sobre a cidade de Maruim em :

Mas a cidade mesmo e suas construções não causam de forma alguma má impressão... veem-se boas casas. A igreja, completamente nova, com duas torres, bonita, e as ruas mesmo, expressão que, aliás, nas pequenas cidades do norte do Brasil, é eufemismo, refletem sua atividade comercial e intenso trabalho. (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 332)

A técnica construtiva predominante do período colonial fez edificar as edificações com paredes autoportantes, cuja função era vedar e sustentar a cobertura. Em geral, utilizavam-se de pedras, aplicadas de forma bruta ou aparelhada, construídas com as juntas secas ou argamassadas. Graças à largura dessas paredes, as edificações poderiam ser construídas em grandes alturas, apresentando alta resistência contra intempéries (MENDES et al, 2011, p.75-78).

Não é conhecida a data da construção das primeiras edificações em Maruim, contudo sabe-se que foram os Trapiches que conduziram esse processo. A chegada dos estrangeiros em

1836, graças ao início da política de colonização estrangeira outorgada pelo presidente da Província, Dr. Fernandes e Barros, levou à construção de novas casas e consulados.

Em outras cartas de Adolphine Schramm pode-se observar alguns elementos importantes para compreender o contexto em que as edificações eram construídas:

Você deve achar estranho que fale tanto de limpeza numa casa nova. Se visse, no entanto, a qualidade da mão-de-obra, não ficaria mais espantada. Por Exemplo, o pintor, mal acabou uma porta, fez mais tarde por engano uma mancha com outra cor, depois derramou no chão recém-pintado uma matéria corante marrom e outra de óleo preto. Os calafetadores lambuzaram tudo novamente com resina, e as fendas ficaram com três dedos de largura. (FREITAS, 1991, p.21)

Na região do Porto Velho, na rua de mesmo nome, resiste a ruína de um dos últimos sobrados que ainda podem ser encontrados em Maruim. Possuía três pavimentos ao que se pode observar de sua ruína e de fotos antigas. Aliás, o sobrado ao lado - atual Centro Espírita Amélia Alves - possui a mesma tipologia e é possível perceber que também esteve em ruína até julho de 1978 quando foi restaurado para servir ao seu uso atual (Figura 33).



[Figura 33]
Sobrados na Rua Porto Velho, 1970

Fonte: Arquivo pessoal de Lindinalva Canuto, com data provável de 1990, segundo a fonte.

O patrimônio urbano e edificado de Maruim é um importante subsídio para a compreensão da história, das técnicas e da cultura da cidade. Contudo, mesmo os exemplares arquitetônicos significativos e que são referência na memória da cidade encontram-se em estado de perda. Além da documentação, o patrimônio de Maruim necessita de proteção.

capítulo dois



A produção urbana e arquitetônica da cidade de Maruim, aliada aos acontecimentos históricos e culturais que foram apresentados no capítulo anterior, são a principal herança deixada pelo século XIX na cidade. Os valores arquitetônicos e urbanísticos constituídos neste século permanecem vivos nos resquícios presentes nos bairros que resistiram ao desenvolvimento urbano desregulado.

Conhecer o valor histórico característico desse fragmento urbano em Maruim e todas as degradações a que está exposto evidencia a urgente necessidade de preservação. Contudo, são inúmeros os desafios encontrados para se alcançar isso, principalmente por depender do reconhecimento histórico que se tem sobre o local. São desafios de ordem política, econômica, ambiental, educacional, cultural e até mesmo fiscal. São desafios constantes em todo o Brasil, mesmo em locais onde o turismo é mais forte.

Em Sergipe, mesmo em cidades com centros históricos tombados, como São Cristóvão e Laranjeiras, é possível observar que muitas edificações sofrem perdas e reformas descaracterizantes, muitas delas até chegam ao arruinamento. Se isto acontece em centros tombados, quanto mais não acontecerá em pequenas cidades, como Maruim, que mesmo com uma clara importância histórica, não possuem mecanismos de controle e preservação nem mesmo de ordem municipal.

2.1 BASES DO PATRIMÔNIO URBANO

Ao longo dos anos, a compreensão de patrimônio foi se transformando e tornando-se cada vez mais ampla, capaz de abarcar não só monumentos isolados, mas conjuntos e cidades históricas. A arquiteta Manoela Rufinoni (2013, p. 112) assinala que a década de 1940 foi determinante no processo de amadurecimento desse conceito, pois a sociedade assistia aos conflitos do pós-guerra nas cidades europeias quando era evidente a destruição das mesmas. Assim, a urgência desse problema faz surgir um novo impulso na investigação do ambiente das cidades, principalmente no que tange seu restauro. Os debates levantados neste percurso tiveram como cume e síntese a redação da Carta de Veneza, em 1964.

Entre as contribuições da Carta, destaca-se a expansão do conceito de patrimônio cultural, estendendo-o “não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural” (ICOMOS, 1995, p. 2). Além disso, a Carta já apresenta o sítio urbano com a noção de monumento histórico.

Segundo Rufinoni, no Congresso do Patrimônio Arquitetônico Europeu, em 1975, ocorreu a “inserção da tutela e da conservação de conjuntos urbanos dentro dos quesitos a serem abordados pelos instrumentos de planejamento urbano, tema que vinha

sendo explorado com frequência cada vez maior” (RUFINONI, 2013, p.153). Nessa ocasião é então redigida a Declaração de Amsterdã, que dá outra vez uma ampliação do conceito de patrimônio ao considerar como patrimônio também “os conjuntos, bairros de cidades e aldeias que apresentem um interesse histórico ou cultural” (CONSELHO DA EUROPA, 1975, p. 1). A Declaração sugere um instrumento de integração entre o planejamento urbano e a conservação do patrimônio e esse instrumento é o inventário. Segundo ela, isso permitirá a melhor identificação das especialidades de cada área e a definição de métodos de atuação mais adequados a cada realidade (RUFINONI, 2013, p.155).

Em 1987 é publicada a Carta de Washington e o seu conteúdo complementa o debate construído tanto na Carta de Veneza quanto na Declaração de Amsterdã. Como seu próprio nome já diz – Carta Internacional para a salvaguarda das cidades históricas – seu foco está sobre a proteção das cidades e bairros ameaçados pela degradação e destruição, fruto do modo de atuação da urbanização vigente (ICOMOS, 1987, p. 1).

No Brasil, o conceito de preservação do patrimônio também passou por um processo de amadurecimento. O primeiro órgão criado para a salvaguarda do seu Patrimônio foi o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), no ano de 1937. Sua primeira fase da atuação, considerada “heroica”, era caracterizada por elencar os bens culturais isolados e não deixar que eles arruinassem. É nessa época que ocorrem os primeiros tombamentos em Sergipe, na cidade de São Cristóvão, inicialmente das edificações isoladas e em seguida do conjunto arquitetônico, constituindo o seu centro histórico.

Em 1946, o órgão foi constituído em Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1970 foi transformado em Instituto (Iphan), cuja prática se dirigia mais a conjuntos, já que a década assistia a um considerável crescimento econômico e, por essa razão, a um impulso pela modernização das áreas urbanas. Em resumo, o objetivo da recém-criada instituição era “promover a proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro para fortalecer identidades, garantir o direito à memória e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do País” (IPHAN, 2018, p. 3).

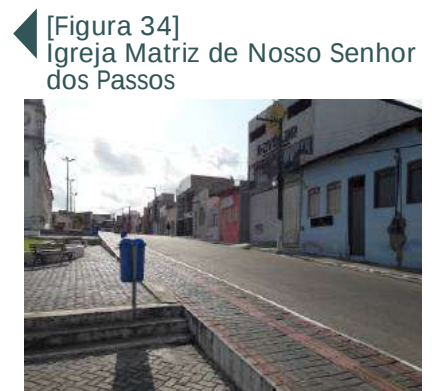
Entre os mecanismos do governo que trabalharam junto ao Iphan, pode-se destacar o Programa de Cidades Históricas (PCH), voltado à recuperação dos centros urbanos nordestinos; o Programa Monumenta, que atuou com obras de restauro e requalificação urbana em 26 cidades brasileiras e o PAC Cidades Históricas que deu seguimento aos trabalhos anteriores e foi instalado em 44 cidades em todo o país (IPHAN, 2018, p.3). Entre as atividades desenvolvidas por eles em vista da valorização dos mais variados tipos de bens culturais, destacam-se: a identificação e restauração dos bens selecionados; a elaboração de inventários e documentação dos bens culturais; a busca da integração das comunidades brasileiras no interesse da preservação da identidade; e o retorno dos resultados dos trabalhos e pesquisa ao público, especialmente ao do local de origem da pesquisa. (IPHAN, 1980, p. 29-30).

Estes mecanismos, sobretudo o PCH, refletem a intenção de trazer o debate da preservação, bem como a responsabilidade e gestão do patrimônio das cidades, para o âmbito local. Tinham por proposta retirar do IPHAN o peso da responsabilidade de administrar sozinho todos os bens da nação e distribuí-lo pela administração estadual e municipal. Em Sergipe, contudo, somente o IPHAN atua na salvaguarda das cidades com conjuntos e edificações tombadas nacionalmente, enquanto que as demais cidades, mesmo imbuídas de valor histórico em âmbito nacional e municipal, não recebem por parte do estado e do município, respectivamente, nenhum tipo de proteção ou ao menos diretriz de preservação.

2.2 A PRESERVAÇÃO EM MARUIM

A cidade de Maruim é um exemplo de cidade que recebeu o tombamento de uma edificação isolada e de valor nacional, graças à sua arquitetura excepcional. Isso no século XXI, quando os debates sobre Patrimônio Urbano já estão amadurecidos. Embora a cidade possua um conjunto urbano de interesse histórico e cultural, passa pelo processo de urbanização abordado na Carta de Washington, marcado pela destruição e perda dos bens.

Publicado no Diário Oficial da União no dia 10 de setembro de 2014, o tombamento da Igreja Matriz de Nosso Senhor dos Passos (Figura 34), assim como do seu acervo, justificou-se pelo “seu elevado valor artístico a ser inscrita no Livro do Tombo das Belas Artes”, conforme processo 1482-T-01 publicado pela presidenta Jurema Machado (2014, p. 14).

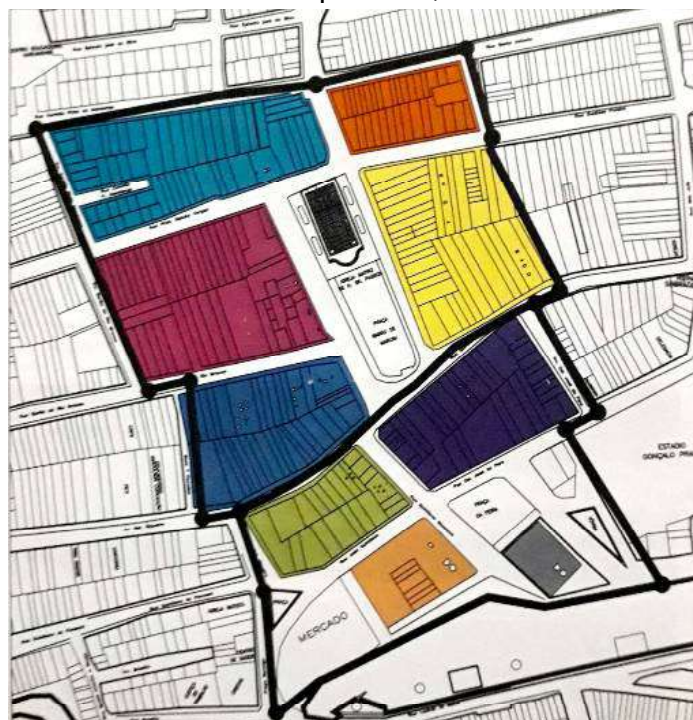


[Figura 34]
Igreja Matriz de Nosso Senhor dos Passos

Fonte: Autor, 2019

Nas extremidades, praça Barão de Maruim (poligonal de entorno) e no centro, a Igreja Matriz de Nosso Senhor dos Passos.

No mesmo processo, foi delimitada uma área de entorno a fim de preservar a



[Figura 35]
Planta delimitação de entorno da
Igreja Nossos Senhor dos Passos de
Maruim/SE

Fonte: Thamires C. Leonel de Almeida,
2018

É possível acompanhar a atuação do IPHAN sobre o imóvel tombado, mas já sobre a delimitação de entorno não se pode observar o mesmo afinco, visto que de 2014 para cá diversas edificações inseridas nessa perimetral sofreram alterações, algumas delas bastante bruscas. Isso se deve tanto à dificuldade de fiscalização por parte do órgão e quanto pela falta de conhecimento da população sobre a existência e exigências de pertencer a este entorno. Para isso, seria necessário a presença mais propínqua de um órgão de preservação.

Esta, que deveria ser uma função assumida também pelo governo municipal, nunca foi sequer mencionada. Isto fica claro quando se percebe a inexistência de um Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), mesmo diante do potencial histórico e turístico da cidade (requisitos para a elaboração de um PDDU). Em entrevista à Dra. Sarah França, que foi membro participante da elaboração do Plano Diretor para a cidade Maruim em 2007 pela FAPES (Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe), em consultoria prestada à Petrobrás, ficam claras as motivações para a elaboração desse instrumento de política urbana. A razão principal foi a interferência de um gasoduto em oito municípios do estado (FRANÇA, 2019). O plano foi elaborado, mas não foi entregue à prefeitura e nem está disponível para o acesso público na FAPES. Para o plano, o valor histórico não foi sequer mencionado; para a prefeitura, não foi considerado suficiente para a retomada do estudo ou reelaboração do plano.

2.3 PLANO DE CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

O Centro de Estudos Avançados em Conservação Integrada – o CECI – chama de “desafio” o atual planejamento das cidades que busca relacionar o desenvolvimento sustentável e a conservação do patrimônio cultural (LACERDA; ZANCHETI, 2012, p. 94). Segundo a instituição, estes são ainda maiores quando se trata de sítios históricos e da sua adaptação às necessidades contemporâneas. Por isso ela apresenta alguns pontos que devem ser observados antes e durante o planejamento, tais como sensibilizar a sociedade acerca do valor dos bens culturais, garantir a manutenção e a conservação dos valores arquitetônicos e urbanísticos, garantir a salvaguarda dos bens específicos, irreprodutíveis e únicos, e monitorar continuamente o estado de conservação dos bens.

Levando em conta esses pré-requisitos, também sugeridos pelas organizações internacionais de conservação do patrimônio, o planejamento da conservação é reunido e concretizado através de um Plano de Gestão da Conservação (PGC), que segundo Ana Paula Arato Gonçalves (2016)

é um documento desenvolvido para guiar as decisões sobre o futuro de um determinado patrimônio cultural, similar a um plano diretor urbano, porém seu desenvolvimento segue uma metodologia específica e sempre tem como objetivo a preservação do significado desse patrimônio (GONÇALVES, 2016).

A arquiteta afirma ainda que um PGC deve apresentar qual é o patrimônio, que significado ele possui, quais os seus valores e quais meios para a sua preservação. Estes meios de preservação funcionam como diretrizes gerais diante da necessidade de intervenção ou somente manutenção, a fim de que nenhum valor inerente ao bem seja perdido.

Responsável técnico do CECI, o arquiteto Jorge Eduardo Lucena Tinoco (2014, p. 94) afirma que há uma lacuna no conhecimento acerca da elaboração de um planejamento integrado por parte dos profissionais da conservação e restauro. Afirma ainda que não fazer previsões nem estabelecer parâmetros de custo é uma ação lesiva financeiramente, já que um PGC “é constituído por um conjunto de documentos técnicos comprometidos com ações de curto, médio e longo prazos para a realização de ações conservativas” (TINOCO, 2014, p. 95)

Para melhor compreender esse instrumento, serão apresentados três PGCs diferenciados entre si, mas que podem ser relacionados quanto à metodologia de elaboração: o primeiro possui um viés mais urbano, o segundo está voltado para edificações de valor histórico e cultural e o terceiro refere-se às investigações com o auxílio da Arqueologia em uma realidade estadual.

O primeiro, o Plano de Implementação das Ações de Manutenção do Patrimônio do Distrito Federal (PAMP-DF) decretado em 18 de dezembro de 2018 traz como principal objetivo traçar diretrizes e orientações para as atividades que envolvam procedimento relacionados à conservação ou recuperação funcional (BRASIL, 2018). Ele dialoga sobre a propriedade do imóvel (pública ou privada) e a responsabilidade do DF sobre a manutenção das edificações tanto públicas quanto privadas. Apresenta a explicação de alguns conceitos fundamentais para a leitura e execução dos decretos estabelecidos. Estabelece a responsabilidade sobre o monitoramento da aplicação e dos efeitos do plano. Algumas ações práticas do plano e que merecem ser destacadas são o o PMaC (Plano de Manutenção e Controle Predial), o PIP (Plano de inspeção predial) e Manual de Operação, Uso e Manutenção do Patrimônio. Por fim, apresenta os responsáveis pela regulamentação, que são as secretarias, tais como Seplag, Sef e Sinesp.

O arquiteto Tinoco (2014, p. 98) escreve sobre as etapas de um plano de conservação integrada elaborado e aplicado pelo CECI para a Basílica de Nossa Senhora da Penha, em Recife. Após a apresentação e declaração da autenticidade do bem, é feita a aproximação (localização, propriedade, histórico), os registros cadastrais, a compreensão das patologias e danos e o cronograma físico-financeiro. Fazem parte desse processo o inventário do acervo dos bens arquitetônicos integrados, do mobiliário e das alfaías. Também foram elaborados manuais de inspeção e manutenção periódicas. Definição de uma comissão responsável pela preservação dos bens protegidos juridicamente, ou seja, tombados.

O Programa de Conservação do Patrimônio Histórico e Arqueológico (CELSE, 2017) desenvolvido em Sergipe traz uma proposição diferente dos anteriores pois tem como objetivo, além da salvaguarda do patrimônio histórico e arqueológico local, a avaliação do impacto de um empreendimento sobre o mesmo. Contudo, ele segue o mesmo esquema metodológico. A primeira ação é o zoneamento do potencial arqueológico, seguido das prospecções e levantamentos. Em seguida é apresentado o apoio institucional e a destinação do material arqueológico, que será analisado e dada a devida conservação. Finalmente, a educação patrimonial surge como proposta de esclarecimento e divulgação do patrimônio identificado.

Estes exemplos combinam reflexões pertinentes no campo da conservação, pois abordam áreas (urbana, arquitetônica e arqueológica) que em conjunto são percebidas como necessárias dentro de um Plano para a conservação do Patrimônio de Maruim. Desta maneira, estes Planos serão retomados no desenvolvimento da metodologia para o Plano de Conservação e na etapa de estabelecimento de critérios de preservação dos bens identificados.

2.4 PLANO DE CONSERVAÇÃO PARA MARUIM/SE

Tendo por base o conceito de Plano de Gestão da Conservação e os exemplos apresentados anteriormente, torna-se necessário estabelecer mecanismos e diretrizes para a preservação do Patrimônio Cultural da cidade. O PGC proposto para Maruim pode ser dividido em três etapas:

ETAPA I – Aproximação: O início do processo se dá através do reconhecimento histórico e da coleta e organização de dados documentais que revelem o significado cultural, ou seja, a realização de entrevistas. Como foi mencionado, o conceito de patrimônio cultural dialoga com o modo com que os usuários e a população em geral enxergam o ambiente urbano em questão. Essa documentação gerada pelas entrevistas é o subsídio para a construção da narrativa de significância e autenticidade desse patrimônio urbano.

ETAPA II – Diagnóstico: nesta etapa há a coleta e a construção de dados importantes para o desenvolvimento das políticas de conservação para a área escolhida, como os mapas de análise, de seleção dos bens e os inventários. Também é possível concluir sobre o estado de conservação do patrimônio, quais são as necessidades que tornam necessária a existência de um plano de conservação que assegure a preservação do significado cultural.

ETAPA III – Diretrizes: trata-se do desenvolvimento da solução para as questões levantadas nas fases anteriores. Quais as políticas e estratégias para a implantação das diretrizes urbanas, quem será o responsável pela manutenção dos bens, a que imóveis e espaços se destina, quais os graus de preservação, sobre possíveis tombamentos e as questões específicas.

2.5 APROXIMAÇÃO

O Patrimônio de Maruim, no que se pode identificar hoje, localiza-se nos bairros Centro, São José, Lachez, Boa Hora e Coelho, que ainda possuem alguns elementos que o caracterizem como tal - as edificações, pavimentação e a própria paisagem natural. Dentro desse contexto, destaca-se o Porto Velho, localizado dentro do perímetro urbano da cidade, no Bairro São José, em região denominada Praça da Bandeira e é a esse local que este trabalho quer ser ater.

Analisar o Porto Velho de Maruim sob o prisma do Patrimônio Cultural, significa enxergá-lo como um conjunto urbano, que em síntese é constituído por duas paisagens: a natural e a urbanizada. A paisagem natural é constituída pelas colinas e por sua vegetação, pela mata ciliar, pelo mangue e pelo rio Ganhamoroba. A paisagem urbanizada é aquela que ao longo dos anos tem sido objeto da intervenção humana como forma de dominar o espaço. Ela é formada por edificações, pela definição dos espaços públicos e pelas ruas.

A principal motivação para o enfoque nesta área deve-se ao fato de que ela concentra a materialidade e a memória mais importantes para o crescimento urbano da cidade - do ponto de vista histórico e cultural - e que resistem até hoje. Logo, esse seria o principal ponto de partida para a definição de um perímetro de análise que abranja seu entorno imediato e sua área de influência.

Antes, é imprescindível considerar que o conceito de patrimônio cultural é resultado do sentido de lugar que a sociedade estabelece com o espaço urbano, ou seja, ele é fruto da memória coletiva. A doutora em história Sandra Pelegrini compreende “o patrimônio cultural como lócus privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade” (2007, p.87). Segundo ela, a relação entre os sujeitos e os lugares tende a agrupá-los e identificá-los com a preservação dos bens culturais dos grupos, etnias e demais designações a que pertencem (PELEGRINI, 2007, p.98).

O Ceci, Centro de estudos Avançados da Conservação Integrada, (LACERDA; ZANCHETI, 2012, p. 131 - 132) sugere que uma das formas de identificar os valores e significados atribuídos a determinados objetos é através da pesquisa oral, ou seja, das entrevistas. Esse método de diagnóstico deve ser iniciado após a definição dos grupos focais a quem as perguntas serão dirigidas e das fichas ou questionários. A mestra em Arquitetura e Urbanismo Lícia Cotrim, em acordo com esse método, faz uso das entrevistas “visando buscar a leitura do cidadão comum” (LEÃO, 2011, p. 27).

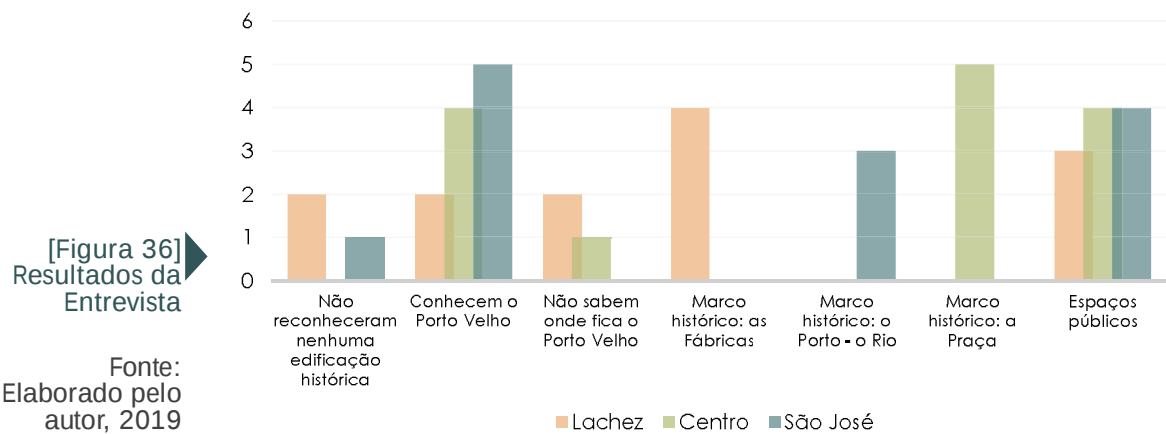
As fichas elaboradas para esta pesquisa contêm perguntas simples e objetivas (Quadro 01) e foram aplicadas nos bairros Centro, São José e Lachez, de modo a encontrar nesses três bairros quais são os limites espaciais que definem e apresentam o Porto Velho. Além dos dados relativos ao entrevistado (nome e idade), a identificação do bairro é um dado importante visto que a administração municipal não possui uma definição oficial dos limites entre os bairros. Foram feitas somente três perguntas aos entrevistados: as duas primeiras se referem aos lugares e às edificações importantes para a história da cidade Maruim, o que possibilita compreender se há ou não o reconhecimento do valor histórico e, caso ele exista, seja possível identificar os seus componentes. A última se refere especificamente ao Porto Velho, restringindo a abordagem e estimulando o pensamento sobre o mesmo, a fim de saber o nível de conhecimento sobre sua existência e seu significado.

ENTREVISTADO 01	
Nome:	
Idade:	
Bairro:	
Há algum lugar importante para a história da cidade próximo à sua casa? Se sim, qual?	
Há alguma edificação histórica? Se sim, qual?	
Você conhece a região do Porto Velho? Se sim, ela traz alguma representação histórica para você?	

◀ [Quadro 1]
Modelo de
Questionário

Fonte:
Elaborado pelo
autor, 2019

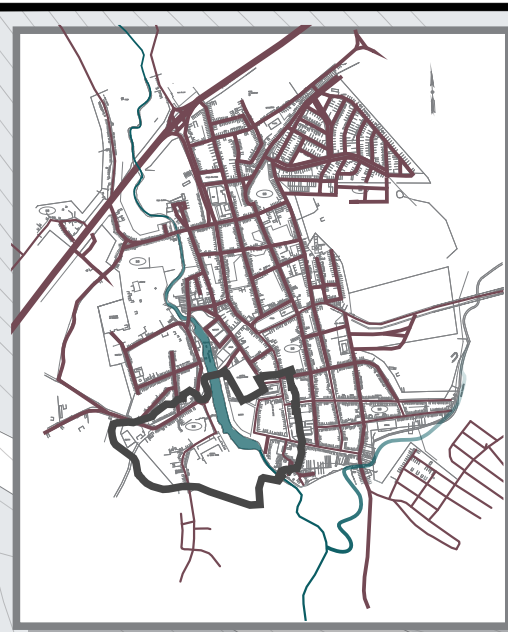
Nas entrevistas realizadas no dia 21 de novembro de 2019, 15 moradores foram entrevistados - 5 em cada bairro – e desse modo alguns aspectos puderam ser compreendidos. As respostas de cada grupo de entrevistados permitiram a percepção das particularidades de cada bairro e quais os pontos de onde seriam consideradas as visuais enquanto paisagem cultural. No bairro São José, o ponto mencionado por todos os moradores foi o Porto Velho, o espaço entre a Praça da Bandeira e o Tamarineiro. No bairro Lachez, o espaço mencionado por 4/5 dos entrevistados foi o das Fábricas. No bairro Centro, todos os entrevistados mencionaram ou o Instituto Cruz, conhecido como antigo Fórum, ou o à antiga Praça João Rodrigues Cruz, ambos em homenagem à mesma personalidade (Figura 36).



Assim, temos que o **Ponto A** é o Porto Velho propriamente dito e compreende a Praça da Bandeira e as edificações que a circundam. O limite visual ao norte, atravessando o rio Ganhamoroba, é a Fábrica de Tecidos, que junto com as edificações e a colina marcam a paisagem desse ponto visual. O **Ponto B** abrange o entorno imediato do bairro Lachez, na rua Lachez de baixo. A Sudoeste, se visualiza a avenida que é limitada pela antiga Fábrica de bebidas Hannequim. A Oeste compreende, a Fábrica de Tecidos e a rua Lachez de baixo, que vai até o cume da colina, constituída por casas e fazendas. O **Ponto C** abrange todas as edificações que circundam o Colégio Alcides Pereira, antiga praça João Rodrigues.

A metodologia que estabeleceu os critérios de delimitação espacial se justifica através de visuais obtidas a partir do giro em 360° desses pontos de força (A, B e C). Definido o ponto A na Praça da Bandeira, os outros dois podem ser fixados com base nas considerações feitas acima: no bairro Lachez, o ponto B fixado na margem direita do Rio Ganhamoroba e o ponto C outro nas esquinas do Colégio Estadual Alcides Pereira, antiga Praça João Rodrigues. A localização dos pontos de força abrangeu também os ambientes naturais mencionados nas entrevistas: o rio Ganhamoroba, o Parque Otto Schramm, o Tamarineiro, a Praça João Rodrigues Cruz e a Praça da Bandeira.

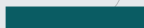
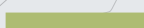
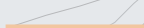
Dentro das quadras, a poligonal (ver Prancha I) seguiu os limites das construções que estão dentro da área de visão dos pontos de força. Já nas áreas não edificadas, cuja paisagem é predominantemente natural, o limite seguiu as curvas de nível das colinas que também estão no campo de visão. Dentro desse perímetro, foram fotografadas e sinalizados no mapa de Documentação Fotográfica as principais visuais a fim de apresentar de forma geral o ambiente urbano em seu conjunto (ver Prancha II).



**PERÍMETRO URBANO
DE MARUM/SE
SEM ESCALA**

**DELIMITAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO
Esc.: 1/500**

LEGENDA

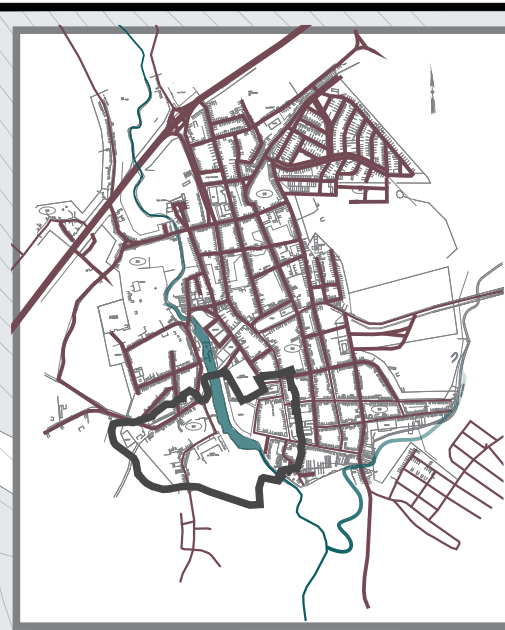
-  RIO GANHAMOROBA
-  EDIFICAÇÕES
-  SETOR A - BAIRRO SÃO JOSÉ
-  SETOR B - BAIRRO LACHEZ
-  SETOR C - BAIRRO CENTRO
-  RUAS
-  CONTORNO DA ÁREA DE ESTUDO



PRANCHA I

AUTOR: PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS

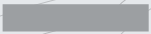
DATA: 11/12/2019



**PERÍMETRO URBANO
DE MARUM/SE
SEM ESCALA**

**DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA
Esc.: 1/500**

LEGENDA

-  RIO GANHAMOROBA
-  EDIFICAÇÕES
-  FOTOGRAFIA - PONTO C
-  FOTOGRAFIA - PONTO A
-  FOTOGRAFIA - PONTO B
-  CONTOURO DA ÁREA DE ESTUDO



PRANCHA II
AUTOR: PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS
DATA: 05/12/2019

FOTO 01



FOTO 02



O caminho que é feito por quem sai da praça da Matriz em direção ao bairro São José passa por um Sobrado de esquina que representa para essa centralidade urbana um marco visual pela sua forma, tamanho e estado de conservação.

FOTO 03



O Sobrado de esquina chama atenção tanto para ele quanto para outras edificações que estão em situação semelhante.

FOTO 04



Voltadas para o espaço chamado "Praça João Rodrigues", podem ser visualizadas várias edificações históricas e ao fundo uma paisagem natural que antecede o rio.

FOTO 05



FOTO 06



Do lado esquerdo estão as principais edificações de interesse urbano da rua e do lado direito está o espaço em que estava a Praça João Rodrigues, hoje edificado. Apesar das alterações, a rua e as calçadas amplas são herança do espaço público

FOTO 01



FOTO 02



O caminho que é feito por quem sai da praça da Matriz em direção ao bairro São José passa por um Sobrado de esquina que representa para essa centralidade urbana um marco visual pela sua forma, tamanho e estado de conservação.

FOTO 03



FOTO 04



O Sobrado de esquina chama atenção tanto para ele quanto para outras edificações que estão em situação semelhante.

Voltadas para o espaço chamado "Praça João Rodrigues", podem ser visualizadas várias edificações históricas e ao fundo uma paisagem natural que antecede o rio.

FOTO 05



FOTO 06



Do lado esquerdo estão as principais edificações de interesse urbano da rua e do lado direito está o espaço em que estava a Praça João Rodrigues, hoje edificado. Apesar das alterações, a rua e as calçadas amplas são herança do espaço público

FOTO 07



Outra edificação de esquina que funciona como importante marco visual é o Instituto Cruz. A rua em que ele está localizado leva ao Parque da cidade. É um dos principais símbolos nesta rua.

FOTO 08



A partir do Instituto Cruz é possível reconhecer a paisagem marcada por uma maioria de casas térreas e que por essa razão ainda se pode observar a torre da Igreja Matriz.

FOTO 09



Este trecho da rua Porto Velho está bastante alterado, com construções novas e com bastante alterações. É uma rua com baixo movimento, apesar de bem iluminada à noite.

FOTO 10



Ao transpor as edificações imponentes nas esquinas anteriores, outra paisagem se desvenda a partir dos Trapiches que já começam a ser observados.

FOTO 11



Nesta rua, as edificações foram bastante alteradas e houve a mudança mais significativa no gabarito das residências.

FOTO 12

Nesta imagem, já podem ser observados os altos sobrados que existem na quadra voltados para o outro lado da rua. A quantidade de árvores no interior dos lotes também é uma característica marcante nesta quadra específica.

FOTO 13

A paisagem que se observa ao subir a rua Porto Velho é o que se pode chamar de síntese espacial. Ela contém uma paisagem urbanizada e natural marcantes e que funcionam como símbolo dessa centralidade urbana.

FOTO 14

A partir da elevação que a rua proporciona, pode ser observada a igreja matriz como elemento paisagístico marcante. A construção de uma única edificação alta poderia acabar com essa visual importante.

FOTO 15

Ao final da rua Porto Velho, a colina marca uma paisagem natural quase intocada enquanto construções mas bastante afetada pela poluição.

FOTO 16**FOTO 17**

Saindo da rua porto velho o espaço se abre para um espaço público marcado na memória e na bibliografia do lugar, mas que, contudo, sofreu diversas alterações. Ao lado direito, está o Tamarineiro.

FOTO 18



Atravessando a praça, se volta aos Trapiches e à larga rua que os corta, quase como uma extensão do espaço aberto das praças à margem do rio.

A praça da bandeira mesmo passando por reforma há poucos nos dá sinais claros de abandono e descaso.

FOTO 19



Como plano de fundo destes empraçamentos, se observa a Fábrica de tecidos, o Rio e as colinas do bairro Lachez.

FOTO 20



As edificações mais próximas à praça concentram edificações menos alteradas, onde podem ser vistos resquícios de tipologias antigas e materiais construtivos vernaculares.

FOTO 21



Um beco entre o trapiche a sequência de casas sinalizam o adensamento nessa área, com várias construções sem alinhamento e construídas de forma improvisada nas margens do rio, como pode ser observado no mapa.

Fonte: Autor, 2019

FOTO 22



A lateral esquerda do Trapiche leva a outra ocupação às margens do rio, que como pode ser observado no mapa, apresenta edificações irregulares e em geral em situação econômica menos favorável.

FOTO 23



A ruína na esquina dá início a um gabarito que por enquanto é mantido por toda a rua e a importância disso é a visualização da Igreja Matriz.

FOTO 24



A rua possui edificações com 1 e 2 pavimentos, por isso não se percebe muitas interferências na paisagem que desfigurem o conjunto histórico históricas.

FOTO 25

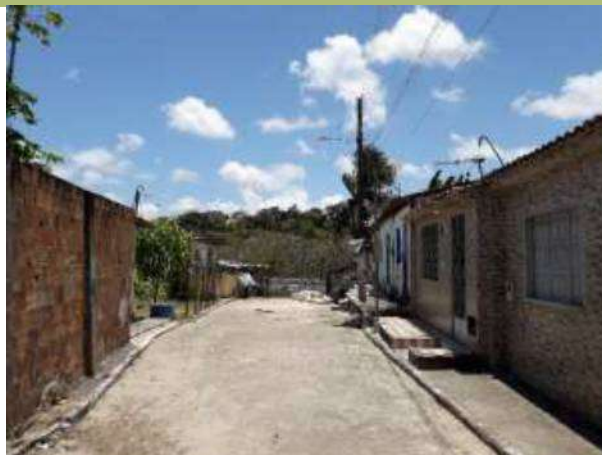


O conjunto que se apresenta nesta rua encontra-se bastante íntegro, embora não esteja em bom estado. Ao fundo já se observa o Parque.

FOTO 26



FOTO 27



Seguindo o beco do Trapiche, descobre-se a sua relação a rua pois é por ela que se chega até o rio.

FOTO 28



O bairro Lachez, apresenta uma importância indiscutível na composição da paisagem do Porto Velho.

FOTO 29



Nesse bairro estão os elementos mais significativos da paisagem: o rio, as colinas, o mangue e a colônia de pescadores.

FOTO 30



A Fábrica de tecidos é o local e a edificação mais simbólicas para o bairro Lachez e funciona como elemento que o identifica e qualifica.

FOTO 31



FOTO 32



A partir do bairro Lachez, é possível ter a melhor visualização do Porto Velho, do Parque e da “orla” do rio Ganhamoroba.

FOTO 33



FOTO 34



FOTO 35



A orla do rio ganhamoroba é marcada por edificações térreas simples e arborização. Essa rua mantém uma relação muito próxima com o rio e com o bairro Lachez, pois é nela que está o entreposto de pesca - local onde os barcos atracam e por onde os peixes são escoados até o lugar de venda.

FOTO 36



Vista da orla, onde se pode observar o ponto de atracação das canoas. Neste local os pescadores descarregam as embarcações.

FOTO 37



À esquerda estão as construções dos pescadores, que em geral são de taipa ou madeira. Ao fundo se observa uma Fábrica de Tecidos.

FOTO 38

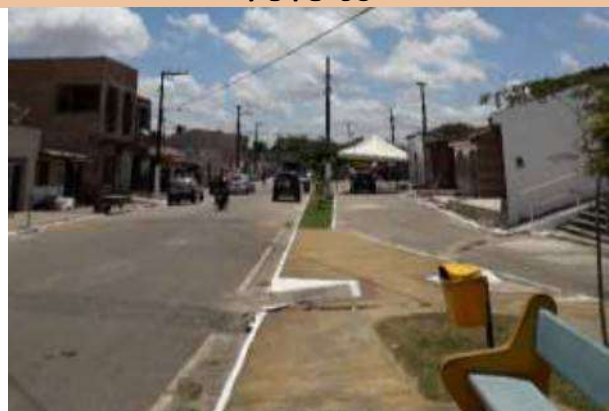


FOTO 39



A avenida que marca esse espaço é encerrada pela fábrica de Gesso. São edificações mais novas e que não mantém relação com os outros espaços já analisados.

FOTO 40



FOTO 41



As ruas do Lachez de Baixo apresentam edificações do século XX, mas a paisagem do bairro, constituída pelo rio e pelas colinas é bastante interessante em seu conjunto.

FOTO 42



Rua estreita que leva a um canal criado a partir do rio ganhamoroba. As edificações dessa rua vão até o limite do canal.

FOTO 43



Vista da avenida do lachez de Baixo. Ao fundo a paisagem natural e a Empresa Metal PUV, antiga Fábrica de Gesso.

FOTO 44



FOTO 45



A antiga fábrica de gesso encerra a paisagem da avenida. A fábrica está instalada em um terreno de dimensões maiores que as demais construções. Ela não é fácil percebida pela grande quantidade de árvores de grande porte que foram plantadas nos limites do terreno.

FOTO 46



Árvores de grande porte localizadas no terreno da Metal PUV e marcam o fim de várias ruas que desembocam na avenida Lachez de baixo.

Fonte: Autor, 2019

O ambiente fotografado passou pelas mesmas ruas onde as entrevistas foram aplicadas, buscando construir uma visão daquilo que foi mencionado pelos habitantes. As fotografias, além de documentação, mostram o uso que as ruas, dos espaços e das edificações pelos habitantes de forma mais autêntica e legível. Apresentam ainda uma leitura do conjunto dos bairros e a relação da paisagem construída e da paisagem natural.

2.5.1 O PORTO VELHO HOJE

Uma das metodologias aplicadas a fim de compreender o espaço delimitado foi a da análise cartográfica. Segundo Paul Anderson, “Se tivéssemos que definir o que é a Cartografia em somente duas palavras, diríamos que Cartografia é ‘comunicação’ e ‘análise’” (p. 10, 1982). Dessa maneira, para analisar o espaço urbano e edificado de Maruim foram elaborados vários mapas temáticos a fim de dar uma compreensão detalhada da área que se pretende estudar a partir de vários prismas e pontos de vista.

A Prefeitura Municipal não possui um mapa com a definição dos lotes e da área construída, somente uma planta de esgoto contento as quadras, elaborada pela DESO e atualizada em 2007. Assim, para a continuidade do trabalho foram construídos todos os mapas necessários a partir de imagens de satélite do Google somadas à base dada pela Secretaria de Obras, a fim de facilitar a leitura e análise do ambiente urbano e edificado.

De modo geral, a área de estudo é cortada ao meio pelo rio Ganhamoroba e perpassa pelos bairros Centro, São José e Lachez. No sentido Leste e Oeste (CORTE AA), a topografia é predominantemente plana. No sentido Norte e Sul (CORTE BB), é marcado por colinas, ambas no bairro Lachez. No extremo sul da cidade, nas margens do rio Ganhamoroba, está o Mangue, e no sentido Sudoeste, estão as colinas marcadas por uma vegetação arbórea maciça e por campos - sítios e fazendas (ver Prancha III).

Através do mapa de cheios e vazios (ver Prancha IV), se observa que as quadras que estão nesse perímetro são adensados e sem muitos lotes vazios. As edificações são construídas no alinhamento da rua, quase todas sem recuos lateral e frontal, algumas até posterior. O interior das quadras quase nunca apresenta construções, sendo destinados a quintais, onde criam-se animais, cultivam-se plantas e espécies arbóreas e servem ao serviço doméstico.

As edificações nessa área são predominantemente térreas (ver Prancha V), o que é um fator importante a ser considerado para a análise de um ambiente com potencial histórico. Primeiro porque o gabarito baixo permite a manutenção da linguagem tipológica das edificações históricas nessa área, que eram quase sempre térreas. Segundo, a altura das edificações permite a visualização das encostas e da vegetação presentes nas colinas. Em ruas estreitas e apertadas, as edificações com dois pavimentos quase sempre representam um peso na visualização da paisagem.

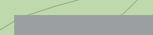
O mapa de usos do Solo (ver Prancha VI) nos faz compreender que o perímetro é misto e com usos bem distribuídos, tornando um ambiente mais dinâmico e com possibilidade de utilização em vários horários do dia. Compreende-se quais são as atividades desempenhadas pelas pessoas, as funções a que o espaço serve, o estado de utilização do lote, se está ou não sendo usado e a propriedade (público, privada, etc). O espaço serve prioritariamente ao uso residencial, que em si mesmo favorece o surgimento do segundo principal uso, o comercial.

Outra característica peculiar dessa área da cidade é a existência de duas indústrias. Os espaços de lazer e uso público também ocupam um lugar central nesse recorte.

PERÍMETRO URBANO DE
MARUIM/SE
SEM ESCALA

IMPLANTAÇÃO
Esc.: 1/500

LEGENDA

-  RIO GANHAMOROBA
-  EDIFICAÇÕES
-  VEGETAÇÃO DE MANGUE
-  VEGETAÇÃO URBANA
-  CONTORNO DA ÁREA DE ESTUDO



CORTE AA

CORTE BB

10 m

5 m

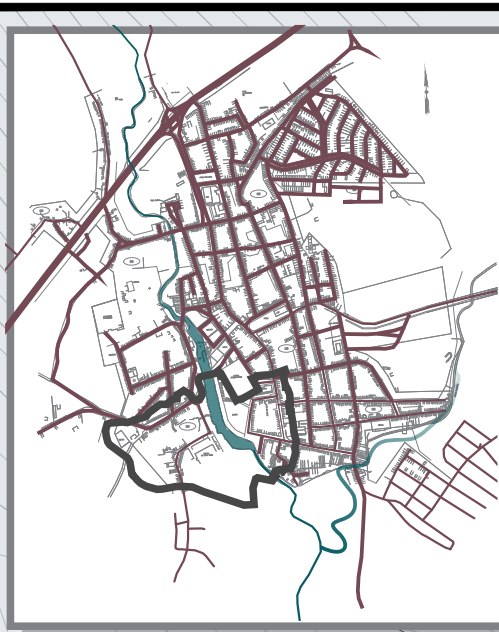
35 m

3 m

PRANCHA III

AUTOR: PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS

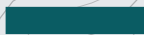
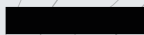
DATA: 11/12/2019



PERÍMETRO URBANO
DE MARUM/SE
SEM ESCALA

CHEIOS E VAZIOS
Esc.: 1/500

LEGENDA

-  RIO GANHAMOROBA
-  CHEIOS
-  CONTORNO DA ÁREA DE ESTUDO

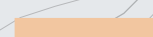


PRANCHA IV
AUTOR: PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS
DATA: 11/12/2019

**PERÍMETRO URBANO
DE MARUIM/SE
SEM ESCALA**

GABARITO
Esc.: 1/500

LEGENDA

-  RIO GANHAMOROBA
-  1 PAVIMENTO
-  2 PAVIMENTOS
-  RUAS
-  CONTORNO DA ÁREA DE ESTUDO



PRANCHA V

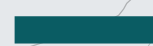
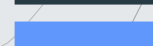
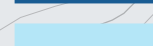
AUTOR: PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS

DATA: 11/12/2019

**PERÍMETRO URBANO
DE MARUIM/SE
SEM ESCALA**

**USOS DO SOLO
Esc.: 1/500**

LEGENDA

-  RIO GANHAMOROBA
-  RESIDENCIAL
-  INSTITUCIONAL
-  SERVIÇOS
-  COMERCIAL
-  MISTO
-  SEM USO
-  RUAS
-  CONTORNO DA ÁREA DE ESTUDO



PRANCHA VI

AUTOR: PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS

DATA: 11/12/2019

Apesar de analisado como um conjunto, os três pontos de força que constituem esse perímetro – cada um em seu bairro específico – apresentam características particulares que merecem ser estudadas também separadamente a partir da bibliografia disponível, da análise fotográfica atual e antiga e dos resquícios materiais disponíveis. São eles o Porto, as Fábricas e a Praça.

2.5.2 O PORTO

O Porto Velho possui aproximadamente 107m de extensão e está situado na margem esquerda do rio Ganhamoroba. De acordo com pesquisas históricas e arqueológicas já realizadas no local (SILVA, 1994; SANTOS, 2009), sua organização espacial se deu em 1860 e foi ali que o imperador Dom Pedro II desembarcou, junto com Tereza Cristina e sua comitiva, no “cais de desembarque, construído pela comissão para esse fim” (SANTOS, 2009, p.87). Na imagem abaixo (Figura 37), em primeiro plano, observa-se uma escadaria, que segundo Maria Lúcia Marques corresponde àquela construída pelo intendente Manuel Souza Macieira, para a recepção do imperador (SILVA, 1994, p. 109).

[Figura 37]
Cais Imperial com
Fábrica de Tecidos

Fonte: SILVA, 1994,
p. 109



Foi montado um cais de atracação (Figura 38) com pedras de grande e médio porte, cujas estruturas podem ser encontradas ainda hoje (SANTOS, 2014, p. 30). Segundo o redator do diário de bordo do imperador, o Cais possuía “80 palmos de largura de escada, com 12 degraus de 200 palmos de comprimento” (SANTOS, 2009, p. 95).

[Figura 38]
Degraus do Cais e
extensão do Porto
Velho

1) Degraus do cais.
Fonte: SANTOS,
2014, p. 30;

2) Extensão do Porto
Velho. Fonte: Autor,
2019



Pelas entrevistas realizadas no bairro São José e Centro, fica claro que a população atribui ao Porto Velho o valor memorial entre os bairros, por ter sido local de desembarque do imperador, e o valor econômico, por ter sido local de embarque e desembarque de mercadorias nos barcos e saveiros no século XIX.

Em suas imediações foi plantado um Tamarineiro (Figura 39) que ao longo dos anos se tornou o principal símbolo da praça. À sua sombra, graças ao seu porte frondoso, as pessoas esperavam as embarcações que chegavam de viagem assim como acontecia em outros portos da época, como no Porto de Laranjeiras-SE, curiosamente com a mesma espécie de árvore. Há relatos que afirmam ainda que existia nesse local uma pedra, denominada pedra da paciência, onde as pessoas costumavam ficar, mas que foi retirada em 1928 (SILVA, 1994, p. 207).

[Figura 39]
Praça do Tamarindeiro

Fonte: SILVA, 1994, p.208



A arquitetura produzida no Porto Velho segue os esquemas já apresentados: casas térreas ou assobradadas, alinhadas às ruas, construídas em pedra ou tijolo. Em geral, eram edificações comerciais e tipologias residenciais que dialogam com esse setor econômico, ou seja, os sobrados. Hoje, o estado de ruína dos sobrados e a má conservação de tantas outras edificações, denunciam a falta de consciência patrimonial que os usuários têm com o bem. Por outro lado, dão pistas concretas do pertencimento dessas edificações ao período áureo da história de Maruim. São os indícios materiais.

Em primeiro lugar, as tipologias, estilos e materiais (Figura 40) indicam que foram construídas no século XIX, algumas já com influências Neoclássicas e Ecléticas. Apresentam a tecnologia construtiva de pedra ou tijolo maciço, que podem aparecer na vedação ou nos vãos de portas e janelas das alvenarias de pedra. Indicam ainda a economia que movia a cidade, o tipo de produção industrial, o modo como se organizava o comércio e até mesmo o que era comercializado. Indicam, finalmente, a diferenciação social e as áreas da cidade com mais prestígio.



◀ [Figura 40]
Resquícios materiais

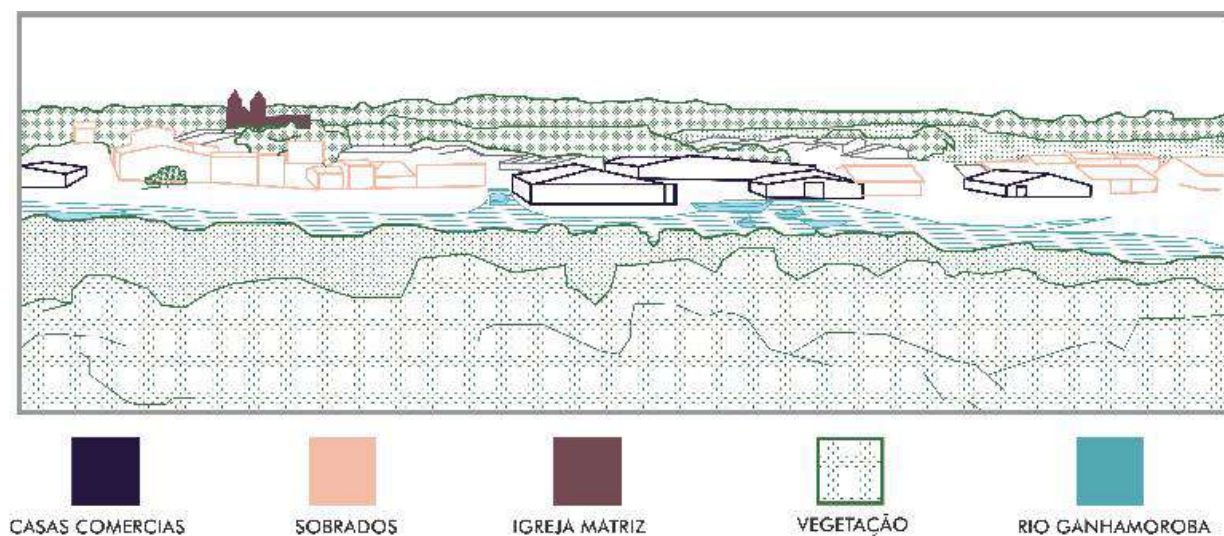
Sobrado, casa e calçamento da rua Porto Velho. Fonte: Autor, 2019

Voltados para o espaço que aos poucos foi se formando como praça, diversos sobrados podem ser identificados através de fotografias antigas e resquícios materiais, confirmando o caráter comercial do espaço. A fotografia (Figura 41) mais significativa corresponde à principal fase econômica da cidade, o ano de 1860, ano em que o comércio ganhou destaque em toda a província e ano em que o Imperador desembarcou.



▲ [Figura 41]
Vista do Porto Velho em 1860
Fonte: SILVA, 2006, p.37

Alguns elementos dessa imagem merecem ser destacados, entre eles as casas comerciais, os trapiches, os sobrados, a igreja matriz, a vegetação e o rio (Figura 42).



[Figura 42]
Mapeamento fotográfico I

Fonte: Autor, 2019

As casas comerciais e trapiches marcam as margens do rio Ganhamoroba e afirmam a vocação da cidade ao comércio. Na fotografia, são identificadas 5 edificações com esse uso, sendo que duas delas resistem até hoje: O trapiche 02 de Julho e o Trapiche Bom Gosto.

Em maior número, estão os sobrados, as tipologias residenciais que nos centros urbanos possuíam papel comercial, como já foi apresentado. Provavelmente destinavam-se, além de servir como residência, às lojas e armazéns.

Outra edificação que marca essa paisagem da segunda metade do século XIX é a Igreja Matriz, concluída em 1862, e que representava a influência do importante Barão de Maruim tanto no desenvolvimento comercial quanto cultural da cidade. Segundo o redator do diário imperial, cuja impressão foi recolhida ainda em 1860, esta obra “atesta, como um monumento, a piedade religiosa do Barão de Maruim que nesse belo templo tem despendido mais de 100:000\$” (SANTOS, 2009, p.91).

Na visão do atual Porto Velho podem ser observados os remanescentes da arquitetura e traçado dessa região. A igreja, alguns sobrados, a vegetação, o rio e sobretudo a praça (Figura 43), são referenciais que ajudam a localizar este patrimônio em meio ao desenvolvimento urbano que se apresentou ao bairro a partir da segunda metade do século XX.



[Figura 43]
Vista Atual do Porto Velho. Colagem de fotografias (Editado para remoção de árvores)
Fonte: Autor, 2019

As ruas do período colonial tinham sua origem nos caminhos lamacentos – durante o período chuvoso – e empoeirados – no período da seca (SANTOS FILHO, 2013). Assim, a primeira constituição da pavimentação é justamente sua ausência, ou seja, a terra batida pelo trânsito de pessoas, animais e transportes (Figura 44). No já mencionado depoimento dos santamarenses, eles queixavam-se das ruas de Maruim em 1833 que “pelo verão demasiado pó de terra de imensidade dos mesmos carros, que emporcalhão as mobílias dos moradores d’ambos os lados das ruas” (IHGS apud ROSA, 1998, p.35).



[Figura 44]
Rua Dr Alcides Pereira, antiga
Baixa da Égua

Sobrado, casa e calçamento da
rua Porto Velho. Fonte: Autor,
2019

Em 1860 houve a pavimentação em pedra calcária e o Porto Velho (o Porto de Desembarque) foi um dos lugares em que primeiro se pensou em aplicar essa urbanização. Contudo, ela foi se perdendo aos longos dos anos, especialmente após a reforma de 2017. A única rua que conserva a pavimentação primitiva é rua Porto Velho, que fica à direita da praça, podendo ser considerada uma espécie de “Rua da Direita” desta centralidade comercial, com menos de 100 m de extensão. Mesmo o remanescente de 1155,22 m² encontra-se em péssimo estado de conservação graças a intervenções contemporâneas que limitam-se a aplicar cimento nas juntas das pedras (Figura 45).

[Figura 45]
Pavimentação atual
Fonte: Autor, 2019



Em 2017, cerca de 704,66m² dessa pavimentação foi retirada com o pressuposto de reforma urbana, aclamada como um serviço de urbanismo, mas em contracorrente ao patrimônio material local. O que resiste hoje é uma certa quantidade de pedras empilhadas que estão esperando o descarte pelos mesmos que operaram essa ação urbana, a Prefeitura Municipal (Figura 46).

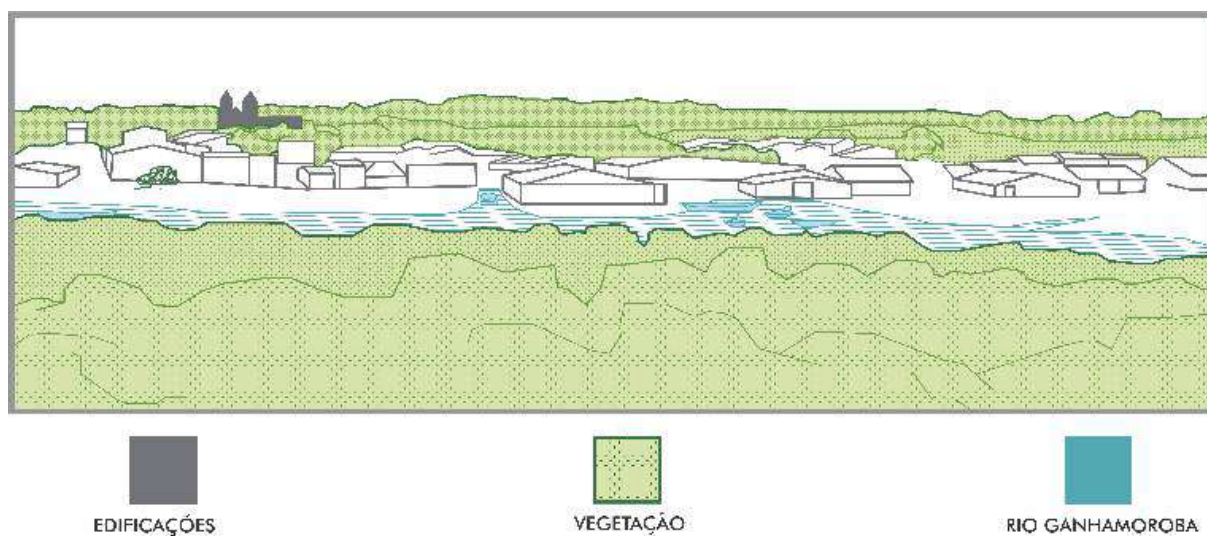


[Figura 46]
Estado de
conservação
Fonte: Autor,
2019

Em viagem à Província, o alemão Robert Ave-Lallement (1859, p. 333), descreve que “a região por trás de Maruim é bonita e simples. Colinas ridentes cobertas de um verde fresco, matas sem grandes árvores, pastagens e canaviais formam a paisagem”. Apresenta ainda, a primeira visão da cidade ao chegar pelo Rio Ganhamoroba:

Surge Maruim por entre Mangues e pântanos, à margem do pequeno rio que aí se perde entre os rizóforos. Não se pode compreender, quando se deixa o barco, como alguém poderia ter situado ali uma povoação. Mas a cidade mesmo e suas construções não causam de forma alguma má impressão. Logo na frente, na piazzeta, veem-se boas casas. A igreja, completamente nova, com duas torres, bonita, e as suas mesmo, expressão que, aliás, nas pequenas cidades do norte do Brasil, é eufemismo, refletem sua atividade comercial intenso trabalho (AVE-LALLEMANT, 1859, p. 332).

Continuando a análise da fotografia dessa região (Figura 47), observa-se que em primeiro plano e ao fundo destacam-se a maciça vegetação dos campos, fazendas e mangues, que tomam a paisagem da cidade em 1860. Como elemento que integra e se relaciona com os anteriormente apresentados, está o rio Ganhamoroba, que possibilita e organiza o desenvolvimento do comércio.



[Figura 47]
Mapeamento fotográfico I, paisagem
Fonte: Autor, 2019

Através de fotografias, é possível observar que a vegetação do Mangue avançou em direção ao perímetro urbano, principalmente tomando a frente do Fábrica de Tecidos. Embora o rio Ganhamoroba seja ainda navegável, é nítida a poluição que toma principalmente essa área por ser próxima a uma grande massa populacional com baixas condições de saneamento (Figura 48).



[Figura 48]
Mangues e rio Ganhamoroba

Fonte: Autor, 2019

2.5.3 AS FÁBRICAS

No bairro Lachez, o único que fica no lado direito do rio Ganhamoroba, o ponto B foi colocado no principal cruzamento entre as ruas, de onde se pode observar as duas Fábricas: a Fábrica de tecidos Sergipe Fabril e a Fábrica de Bebidas Hannequim. Desse local se tem a melhor visual da Avenida vereador João Gomes dos Santos (na margem oposta do rio) e o Porto Velho, além da colina que fica atrás da fábrica e do mangue.

Nas entrevistas feitas aos residentes do Lachez, fica explícita a importância que os moradores desse bairro atribuem as essas duas fábricas, principalmente por ser ela uma importante fonte de renda. Além disso, as consideram como lugar de grande importância para a história da cidade e muitos ainda como a edificação histórica que está mais perto deles.

A Fábrica de tecidos, atual Color Textil Nordeste Ltda, encontra-se com o mesmo uso e em bom estado de conservação. Já o terreno onde está a antiga Fábrica de bebidas teve seu uso alterado para fábrica de gesso (PUV) e em seguida para uma fábrica metalúrgica (Metal Ferro). De acordo com o funcionário da Metal Ferro, o sr. Alexandre Santos (2019), como essas atividades não fizeram uso do prédio da antiga fábrica, ele está em estado de ruína e os maquinários destinados à produção de bebida foram levados pelo dono para outros lugares (Figura 49).



[Figura 49]
Color Textil Nordeste Ltda e Metal Ferro
Fonte: Autor, 2019

Existem outras edificações residenciais com formas simples, mas que não chamam a atenção dos moradores nem no sentido histórico nem para cumprir sua função social de habitação, pois todas elas estão em estado de ruína. Contudo, o que o bairro Lachez não têm de patrimônio edificado ele tem de patrimônio ambiental. Graças sua topografia, ele possibilita uma boa visualização do Porto Velho.

Na margem do rio Ganhamoroba, existem ainda construções de madeira e troncos feitas pelos pescadores, onde os mesmos costumam guardar suas embarcações. No espaço livre que fica ao lado dessas construções, os pescadores costumam confeccionar e consertar suas redes.

2.5.4 A PRAÇA

No bairro Centro, a 300 m da Igreja Matriz do Senhor dos Passos e da Praça Barão de Maruim, a centralidade identificada como o Ponto C foi a Praça João Rodrigues. Contudo, esse espaço urbano não existe mais, pois um Colégio Estadual (Figura 50) foi construído nele na década de 1960, graças ao Deputado Estadual Alcides Pereira, antigo político em Maruim (SILVA, 1994, p. 189).



[Figura 50]
Colégio Estadual Dr.
Alcides Pereira, 1994

Fonte: Silva, 1994, p. 189

A área corresponde a 2.414,74 m². No entanto, do ponto de vista do Patrimônio Cultural, sua relevância continua sendo afirmada, conforme identificado nas entrevistas. Nenhuma fotografia da Praça foi encontrada, contudo, alguns moradores do entorno do atual colégio Alcides Pereira recordam d existência da praça e de alguns elementos como palmeiras, bancos e canteiros.

Através da leitura urbana desse fragmento da cidade, se observa como as edificações se organizaram em torno e em relação de dependência com este espaço (figura 51).



[Figura 51]
Placas com o nome da
praça. Edifício Cruz e
sobrado Cruz
Fonte: Autor, 2019

A Praça recebeu esse nome em homenagem ao baiano João Rodrigues da Cruz, que chegou a Maruim em 1872, abrindo a casa comercial Cruz e Cia. Foi pioneiro no desenvolvimento da indústria têxtil em Sergipe, fundando em 1882 a Sergipe Industrial, localizada em Aracaju (NUNES, 2006, p. 34). João Rodrigues da Cruz foi o principal responsável pelo Instituto Cruz, além de desempenhar papel significativo no desenvolvimento da indústria e do comércio em Maruim (AGUIAR, 2004, p.29).

Comerciante, mas também intelectual, foi o principal patrocinador do Gabinete de Leitura de Maruim, sendo grande defensor da existência de uma edificação digna para esse espaço de conhecimento. E como era defensor da educação, uma das cláusulas do seu testamento era que se mandasse construir o Instituto Cruz, concluído em 1902, oito anos após sua morte (Figura 52).

Uma casa, em uma praça da cidade de Maruim, com duas ou três salas e mais cômodos preciosos, assoleradada ou assoalhada, colocando por cima da entrada principal um letreiro em pedra ou bronze, “Instituto Cruz”, e faça dele entrega à Câmara Municipal pra que estabeleça pelo o menos duas aulas de aritmética elementar, caligrafia e escrituração comercial, a fim de que a mocidade mais adiantada possa facilmente habilitar-se para a profissão comercial. (AGUIAR, 2004, p.29-30)



[Figura 52]

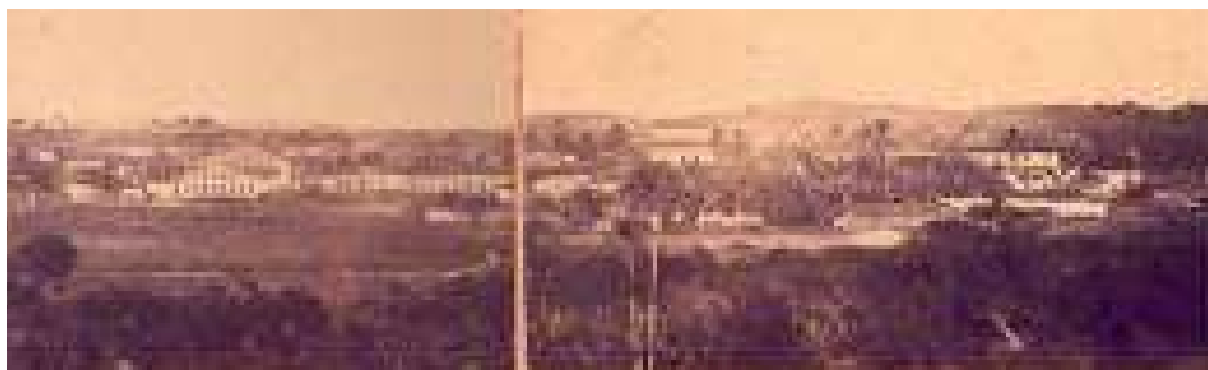
Instituto Cruz, século XX

Fonte: Adailton Andrade, 2006

Instituto Cruz, século XXI

Fonte: Autor, 2019

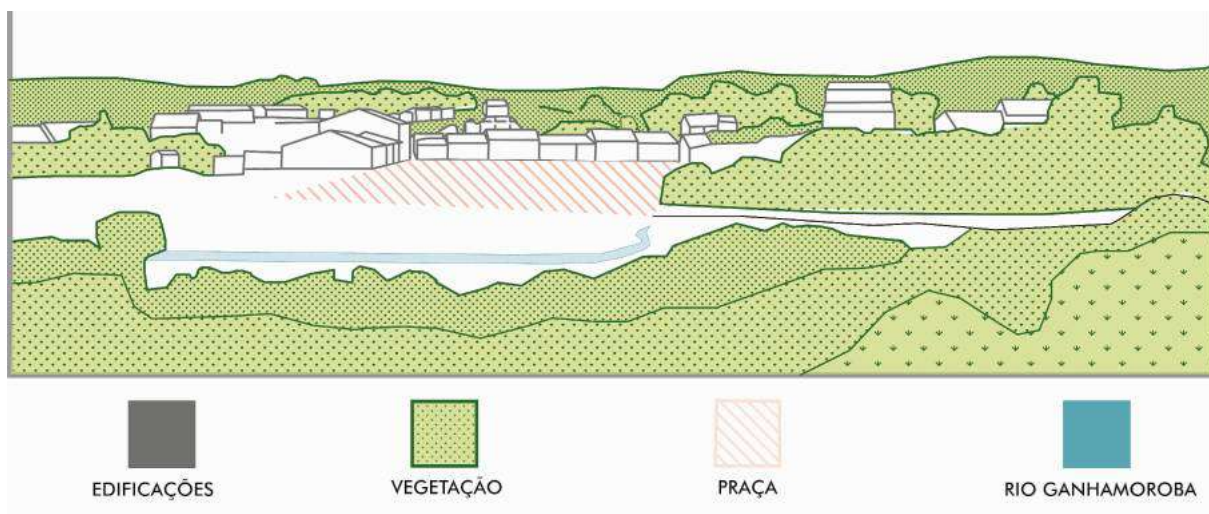
A fotografia (Figura 53) abaixo é o recorte de uma foto panorâmica que corresponde à cidade de Maruim em 1875. Nele, é possível identificar o espaço da Praça João Rodrigues e as edificações que estão em seu entorno imediato.



[Figura 53]

Fotografia Panorâmica de Maruim em 1875

Fonte: Autor, 2019



[Figura 54]
Mapeamento fotográfico I, paisagem
Fonte: Elaborado pelo Autor, 2019

As fotografias antigas indicam que o entorno da praça era constituído principalmente por edificações térreas. As principais são a Delegacia Municipal, o Sobrado dos Rollemberg, o Instituto Cruz e o Posto de Puericultura. Em geral, as edificações que possuem uma tipologia que se encaixa na metade do século XIX encontram-se em ruína e quando não, bastante alteradas (Figura 55).



[Figura 55] Edificações da rua
Trav. Cel. José de Faro
Fonte: Autor, 2019



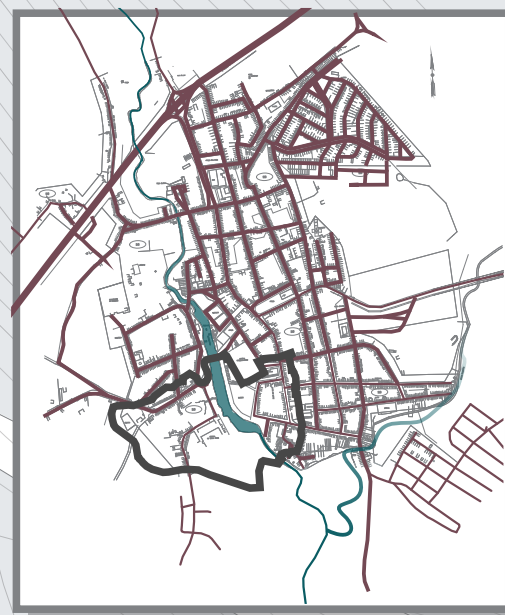
2.6 ANÁLISE URBANA E ARQUITETÔNICA

Para uma análise mais sistemática e aproximada da condição urbana dos bairros mencionados e das edificações que compõe as suas ruas, será feita a análise das faces das quadras identificadas como relevantes a tal conhecimento.

As quadras que fazem parte da Delimitação da área de estudo foram numeradas de 1 a 14 no sentido horário do mapa. Dentro de cada, uma foram nomeadas as faces de a a n, para facilitar a localização das vistas (ver Pranchas VII, VIII e IX).

O mosaico de cada face de quadra é o elemento chave desta análise. Ele é constituído por uma fotografia retificada de cada edificação que compõe a face em questão. As fotografias são agrupadas lado a lado no local que corresponde à sua posição na rua. Além das edificações, foi acrescentada a rua, como forma de demonstrar a pavimentação da rua.

Em seguida, serão analisadas todas as quadras mapeadas, apresentando, se houver, as edificações mais relevantes e o seu estado de conservação. As imagens foram retiradas do Google (2019), tiradas no ano de 2012, para que possam ser comparadas com seu estado atual apresentado no mapamaneto das faces de quadra.

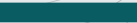
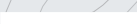


PERÍMETRO URBANO
DE MARUM/SE
SEM ESCALA

MAPEAMENTO ORTOFOTOGRAFICO

Esc.: 1/500

LEGENDA

-  RIO GANHAMOROBA
-  EDIFICAÇÕES
-  FACES DE QUADRA
-  RUAS
-  CONTORNO DA ÁREA DE ESTUDO



QUADRA 14

QUADRA 13

QUADRA 12

QUADRA 11

QUADRA 10

QUADRA 4

QUADRA 2

QUADRA 1

QUADRA 3

QUADRA 6

QUADRA 5

QUADRA 8

QUADRA 7

QUADRA 9

n

a

b

c

d

e

f

m

g

h

k

j

i

l

PRANCHA VII

AUTOR: PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS

DATA: 07/01/2020

QUADRA 1 - RUA RODRIGUES R. QUINTINO BOCAIUVA

Face a



Edificação Nº 02
Blatibanda Século XX - reformada

QUADRA 2 - RUA RODRIGUES R. QUINTINO BOCAIUVA

Face b



Edificação Nº 10 (Ver inventário - Ficha 06)

QUADRA 2- TV. CEL. JOSÉ DE FARO

Face c



Edificações Nº 10, 12, 12a, 13 e 12
(Ver inventários)



Edificação Nº 10
(Ver inventário - Ficha 06)

Edificação Nº 11
Reformada - Século XXI

QUADRA 4 - TV. CEL. JOSÉ DE FARO

Face d



Colégio Estadual Dr Alcides Pereira
Construído por meio de projeto de Lei aprovado em 1960 pelo Deputado Alcides Pereira.

QUADRA 3 - RUA RODRIGUES R. QUINTINO BOCAIUVA

Face e



Edificação Nº 06
(Ver inventário - Ficha 07)

QUADRA 5 - RUA PORTO VELHO

Face f

Edificação s/n (Ver inventário - Ficha 09)



Edificação s/n (Ver inventário - Ficha 08)

QUADRA 5 - RUA RODRIGUES R. QUINTINO BOCAIUVA

Face g



Edificação Nº 49
Blatibanda Século XX - reformada

Edificação - nº desconhecido
(Ver inventário - Ficha 10)



Edificação (nº desconhecido)
Blatibanda Século XX - reformada



Edificação s/n (Ver inventário - Ficha 08)

PRANCHA VIII

AUTOR: PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS

DATA: 11/12/2019

QUADRA 6 - RUA RODRIGUES R. QUINTINO BOCAIUVA
Face h



Edificação Nº 19
Século XX - Art Decó Stream Line

Edificação Nº 09
Século XX - Ecletismo - Descaracterizada

Edificação s/n (Ver inventário - Ficha 11)

QUADRA 7
Face i



Edificação - nº desconhecido
Século XX - Ecletismo

Edificação - nº desconhecido
Século XX - Art Decó Escalonado

Terreno - Antiga Lavadeira Pública
Século XX

QUADRA 8 - RUACEL. GONÇALO PRADO
Face j



Edificação s/n (Ver inventário - Ficha 12)

QUADRA 5 - RUA CEL. GONÇALO PRADO E PRAÇA DA BANDEIRA
Face k



Edificação 02
(Ver inventário - Ficha 15)

Edificação s/n
(Ver inventário - Ficha 14)

Edificação Nº 05
(Ver inventário - Ficha 13)

Edificação Nº 04
Reformada - Século XX - Ecletismo

Edificação - nº desconhecido
Reformada - Século XX - Ecletismo

QUADRA 8 - RUA PRAÇA DA BANDEIRA
Face l



QUADRA 5 - RUA PORTO VELHO
Face m



Edificações Nº desconhecido (Ver inventário - Fichas 16, 17 e 18)

Edificação 02
(Ver inventário - Ficha 15)

QUADRA 4 - RUA VEREADOR JOÃO COSTA
Face n



Edificação Nº 10
Reformada - Século XX - Ecletismo

Edificação Nº 12
Reformada - Século XX - Ecletismo

Edificação Nº 13
Reformada - Século XX - Ecletismo

PRANCHA IX

AUTOR: PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS
DATA: 11/12/2019

Na quadra 1, a face a não apresenta nenhuma identificação a ser inventariada, mas a edificação da esquina (Nº 02) possui uma platibanda que remete às edificações do início do século XX, mais precisamente ao estilo Art Déco (Figura 56).

Na quadra 2, a face b, voltada para a Rua Rodrigues R. Quintino Bocaiuva, há uma edificação de interesse histórico, o Sobrado Cruz, que será inventariada. A outra edificação é uma residência de dois pavimentos. Nessa quadra, a predominância é de edificações térreas e residenciais. Já na face c desta quadra, quase todas as edificações serão inventariadas. A única edificação que não será é a Nº 11, uma residência que passou por reforma nos últimos 10 anos e anteriormente era uma edificação térrea com platibanda do início do século XX (Figura 57).

Na quadra 3, face e, somente uma edificação será inventariada. As demais são predominantemente térreas, residenciais, alguns serviços e uma adaptada ao comércio.

Na quadra 4, a face d apresenta o acesso ao Colégio Estadual Dr. Alcides Pereira. Construída em 1960, a escola, como já foi apresentado, ocupa o terreno da antiga Praça João Rodrigues. As outras 2 faces dessa quadra que não foram representadas correspondem aos muros do colégio. Nessa quadra também está a entrada para o parque Otto Schramm. Voltada para a rua Vereador João Gomes, está a face n, que não possui nenhuma edificação a ser inventariada, mas seu conjunto compõe a vista da orla do rio Ganhamoroba. Várias edificações possuem aspectos arquitetônicos característicos do início do século XX (Figura 58).

Na quadra 5, a face f, voltada para a rua Porto Velho possui duas edificações a serem inventariadas, as demais são somente residenciais. A face g, voltada para a Rua Rodrigues R. Quintino Bocaiuva, possui a edificação duas edificações a serem inventariadas. Nessa face, as edificações são residenciais e com variação de gabarito entre 1 e 2 pavimentos. Uma delas, constituída por pedras calcárias, foi demolida e hoje uma nova está em construção. Outras, três: um bar de esquina e duas residências térreas possuem platibandas ecléticas (Figura 59). Ainda na Quadra 5, na face k, três edificações serão inventariadas. Algumas outras edificações possuem platibandas do século XX. (Figura 60). Na face m da quadra 5, três edificações serão inventariadas. As demais são na maioria térreas, com platibandas do século XX (Figura 61).

Na quadra 6, face h, uma edificação será inventariada e outras duas possuem elementos característicos do início do século XX, principalmente as platibandas. A Nº 19 apresenta elementos do Art Déco Stream Line e a Nº 09, elementos do ecletismo (Figura 62).

Na quadra 7 há algumas edificações que possuem características do Art Déco e do Ecletismo. Há ainda, na esquina, o terreno onde ficava a antiga lavanderia (Figura 63). E por fim na quadra 8, face j, há uma edificação a ser inventariada. Contudo, duas delas possuíam platibanda do início do século XX até pelo o menos 2012 (Figura 64). Ainda na quadra 8, mas desta vez na face l, nenhuma edificação será inventariada. São edificações simples e predominantemente térreas.

Através dessa seleção de edificações e de fotografias é possível perceber a rapidez com que são feitas as alterações na cidade, muitas delas não são apenas repaginações de fachada, mas também de demolições e reconstruções. O que se observa é uma ação desregulada e sem despreocupação com o conjunto da cidade em função do interesse privado.



[Figura 56]
Casa Nº 02



[Figura 57]
Casa Nº 11



[Figura 58]
Casas da rua vereador João Gomes



[Figura 60]
Casas da rua Praça da Bandeira



[Figura 62]
Casas da rua Rodrigues R. Quintino



[Figura 59]
Casas da Rua Rodrigues R. Quintino Bocaiuva



[Figura 61]
Casas da rua Porto Velho

[Figura 63]
Casas da rua Cel. Gonçalo Prado



[Figura 64]
Casas da rua Praça da Bandeira



2.7 SELEÇÃO DOS BENS DE INTERESSE CULTURAL

Após uma macro análise do ambiente urbano e da arquitetura que o constitui, cabe uma compreensão mais aprofundada de algumas edificações e espaços que ao longo desse trabalho foram reconhecidos pela memória oral e mencionados na descrição histórica da cidade. Elas possuem alguma característica tipológica, histórica ou construtiva que não só merece, mas precisa ser documentada como forma de prevenir que sua memória se perca com o passar do tempo.

Foram sinalizadas algumas edificações que se encaixem nessas propriedades e que estão a uma distância considerável do Porto Velho, que é a área de estudo (ver Prancha X). Essas edificações foram mencionadas nas entrevistas ou consideradas relevantes ao Patrimônio Cultural da cidade. As tipologias propostas nesse perímetro são, em geral, quatro: Comerciais, residenciais, institucionais e industriais.

- | | |
|---------------------------------|--------------------------|
| 1. Delegacia | 11. Trapiche 02 de Julho |
| 2. Ruína Nº 15 | 12. Trapiche Bom gosto |
| 3. Casa Nº 14 | 13. Sobrado Nº 05 |
| 4. Casa Nº 13 | 14. Casa de Pedra Rosa |
| 5. Casa Nº 12 | 15. Casa do Tamarineiro |
| 6. Sobrado Cruz | 16. Casa Neogótica |
| 7. Casa Nº 06 | 17. Sobrado MCNA |
| 8. Instituto Cruz | 18. Centro espírita |
| 9. Posto de puericultura | 19. Fábrica Têxtil |
| 10. Fábrica de Bebidas Nortista | 20. Fábrica de Gesso |

Ao observar a disposição das edificações e sítios de valor histórico, fica clara a dependência que a cidade tinha do Ganhamoroba, pois estas nunca se distanciam muito das margens desse rio. Já em relação aos ambientes mencionados nas entrevistas e considerados relevantes para a paisagem dessa área da cidade, alguns espaços públicos e áreas verdes também podem ser elencados.

1. Rio Ganhamoroba
2. Parque Otto Schramm
3. Tamarineiro
4. Praça João Rodrigues
5. Praça da Bandeira
6. A colina da Fábrica Maisa

Essas edificações, pelos motivos que justificam sua seleção, precisam receber uma forma de documentação que assegure sua memória construtiva e memória cultural. São diversas as formas de preservação desse tipo de patrimônio, que conforme a Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) os “inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação”. Cabe aos conservadores analisar qual a forma de ação em cada patrimônio, adequando o modo de ação a cada conjunto e/ou edificação.

2.8 OS INVENTÁRIOS

Entre os instrumentos de preservação do patrimônio Arquitetônico e Urbano, os inventários mostram-se não somente como meio, mas como parte integrante da constituição do próprio conceito de preservação do patrimônio, como afirmam Lia Motta e Maria Rezende (2016, p. 2). Sobre esse instrumento de preservação, Julia Farah Ribeiro explica que são três os tipos de acautelamento dele advindos: os inventários de identificação, os inventários de proteção e os inventários científicos (RUFINONI, 2013, p. 245).

O primeiro passo para o reconhecimento dos bens culturais passa pelos inventários de identificação, pois são a coleta inicial dos dados relativos ao bem. Motta e Rezende (2016) consideram que para produzir tal conhecimento é necessário o estabelecimento de critérios sobre valores territoriais, sociais e até mesmo subjetivos. Desse modo, os dados que serão colhidos nessa etapa, tais como recorte temporal, fotografias e localização, dependem porquê e para que são feitos (MOTTA; REZENDE, 2016, p. 5).

Em seguida, podem ser elaborados inventários de proteção visto que já foram analisados os dados justificam a ação de salvaguarda. Como a própria Constituição de 1988 estabelece, os inventários devem ser aplicados pelo Poder público e pela comunidade como um instrumento de preservação (BRASIL, 1988, art. 216, § 1º). Paulo Ormino de Azevedo é um exímio defensor da produção do conhecimento associada a uma ação legal, afirmando que “o inventário poderá ser a base de uma nova política de preservação, que ao invés de tutelar apenas os bens excepcionais normalmente produzidos pelas elites, buscará administrar o patrimônio amplo e pluralista construído por todos os brasileiros (AZEVEDO, 1987, p. 85).

Por fim, os inventários científicos são levantamentos mais minuciosos dos imóveis, a fim de identificar os valores a ele imbuídos. Assim, ele visa orientar as obras de conservação e restauro (RUFINONI, 2013, p. 246).

A partir do que foi identificado como arquitetura e elemento constitutivo de paisagem na poligonal delimitada acima, foram elaboradas fichas de inventariação que documentem de forma sistemática e técnica o Patrimônio Cultural de Maruim. As fichas seguem os modelos apresentadas pelo CECI (LACERDA; ZANCHETTI, 2012) no que diz respeito aos bens urbano-arquitetônicos e aos bens paisagísticos. Nelas, foram elencados 11 pontos a serem preenchidos, considerados como relevantes para a análise do bem e para sua descrição.

Como as edificações possuem poucas informações históricas e nenhuma informação técnica, foi necessária uma busca individual com cada proprietário ou morador sobre o histórico da edificação, principalmente no que diz respeito às alterações. Por isso, a Pesquisa Oral foi mais uma vez um importante subsídio para a construção da informação. Já quanto à parte técnica, foi necessário elaborar o mapa de localização de todas as edificações que seriam inventariadas. E para a compreensão da edificação além da fachada, foi feito o levantamento

cadastral in loco e a posterior elaboração da planta baixa de algumas edificações. A escolha de que edificação levantar foi pautada na relevância do bem e na disponibilidade de acesso.

As demais informações como fotografias e avaliação de estado de conservação foram concluídas através de consulta a acervos particulares dos proprietários e de visitas à edificação.

[Quadro 2]
Modelo de ficha de inventário

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 01

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 05/01/2020



1. NOME		3. QUADRA	
2. TIPO		4. LOTE	
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO	
1.1 ESTADO:		Legenda: Fonte:	
1.2 MUNICÍPIO			
1.3 BAIRRO			
1.4 LOGRADOURO			
1.5 Nº			
11		6.1 IDENTIFICAÇÃO	
7. PROPRIETÁRIO			
7.1 ANTIGO			
7.1 ATUAL			
8. CARACTERIZAÇÃO			
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO		8.2 PROPRIEDADE	
Século XIX		Privada	
Século XX		Pública	
Século XXI			
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO	
Largura		1 Acima da rua	
Comprimento		Abaixo	
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA	
Eclético		Comercial	
Neoclássico		Industrial	
Neogótico		Residencial	
Art Decó		Institucional	
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA	
Antigo	Institucional	Plano	
Atual	Sede da Guarda Municipal	Declive	
		Active	
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA			
Legenda. Fonte:			

ARQUITETÔNICA		
		Legenda:. Fonte:
10. MATERIAIS		
PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS
11. CONSERVAÇÃO		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
☐ Integro	☐ Bom	☐ Histórico
☐ Pouco alterado	☐ Precário	☐ Artístico
☒ Muito alterado	☐ Em arruinamento	☐ Paisagístico
☐ Descaracterizado	☐ Arruinado	☐ Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	Obs.:
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)		
-		
REFERÊNCIAS		

DESCRIÇÃO

1. NOME: Modo como a edificação é chamada, conhecida ou a quem pertence.
 2. TIPO: Especificar se a edificação é térrea, se é geminada, se há recuo e onde está localizado no lote.
 3. QUADRA: Nomenclatura dada a cada porção do ambiente urbano delimitado por ruas. Neste trabalho, a numeração foi estabelecida de 01 a 14, em sentido horário a partir da rua Fausto Cardoso, perpassando as quadras inseridas no poligonal de estudo.
 4. LOTE: Numeração dada a cada divisão de terra a ser estudado pelos inventários. São ao todo 20 lotes.
 5. LOCALIZAÇÃO: apresentação do mapa e descrição do local em que a edificação está implantada: Estado, Município, Bairro, Logradouro e Nº.
 6. IDENTIFICAÇÃO: apresentação, se possível, da planta baixa da edificação. Além disso, a localização da face de quadra (quando a edificação faz parte de um conjunto) em que está inserido. Em seguida, fotografias da fachada e dos detalhes construtivos e arquitetônicos.
 7. PROPRIETÁRIO: Nome do dono mais antigo e do atual do imóvel.
 8. CARACTERIZAÇÃO: apresentação da época de construção (do século XIX a XXI); se a propriedade é pública ou privada; dimensões (largura e comprimento); gabarito (acima ou abaixo da rua); definição quanto ao estilo arquitetônico; quanto à tipologia; apresentação do uso e da topografia.
 9. DESCRIÇÃO: Apresentação de um breve histórico sobre a edificação e a descrição dos elementos arquitetônicos e construtivos.
 10. MATERIAIS: Apresentação do material construtivo das paredes internas e externas, da cobertura e das aberturas e esquadrias.
 11. CONSERVAÇÃO: análise do estado de conservação, no que diz respeito à integridade. Do estado de preservação, no que diz respeito ao grau de arruinamento. Análise do grau de interesse da edificação quanto à história, a arquitetura e o urbanismo da cidade.
- INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES: apresentar, se houver, alguma informação sobre práticas culturais, informações que estimulem análise por outras disciplinas e áreas de conhecimento.
- REFERÊNCIAS: Apresentar a fonte das pesquisas e informações usadas para o preenchimento das fichas.

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 01

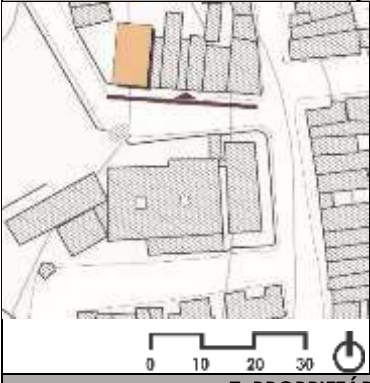
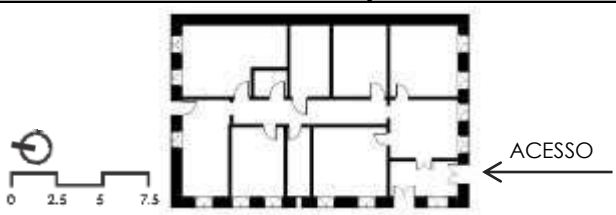
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 05/01/2020



1. NOME		3. QUADRA											
Delegacia		2											
2. TIPO		4. LOTE											
Edifício geminado à direita, de esquina		1											
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO											
		<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="background-color: #d3d3d3;">1.1 ESTADO:</td> <td>Sergipe</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #d3d3d3;">1.2 MUNICÍPIO</td> <td>Maruim</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #d3d3d3;">1.3 BAIRRO</td> <td>Centro</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #d3d3d3;">1.4 LOGRADOURO</td> <td>Trav. José de Faro (Praça João Rodrigues)</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #d3d3d3;">1.5 Nº</td> <td>11</td> </tr> </table>		1.1 ESTADO:	Sergipe	1.2 MUNICÍPIO	Maruim	1.3 BAIRRO	Centro	1.4 LOGRADOURO	Trav. José de Faro (Praça João Rodrigues)	1.5 Nº	11
		1.1 ESTADO:	Sergipe										
		1.2 MUNICÍPIO	Maruim										
		1.3 BAIRRO	Centro										
		1.4 LOGRADOURO	Trav. José de Faro (Praça João Rodrigues)										
1.5 Nº	11												
 Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2020													
6.1 IDENTIFICAÇÃO													
 Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019													
7. PROPRIETÁRIO		 Legenda: Fachada Principal. Fonte: Autor, 2019											
7.1 ANTIGO	Eduardo Wynne												
7.1 ATUAL	Prefeitura Municipal de Maruim												
8. CARACTERIZAÇÃO													
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	8.2 PROPRIEDADE												
☒ Século XIX	☐ Privada												
☐ Século XX	☒ Pública												
☐ Século XXI													
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO											
Largura	12,03	☒ 1	Acima da rua										
Comprimento	18,56	☐	Abaixo										
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA											
☐ Eclético	☐ Comercial												
☐ Neoclássico	☐ Industrial												
☐ Neogótico	☐ Residencial												
☒ Art Decó	☒ Institucional												
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA											
Antigo	Institucional	☒	Plano										
Atual	Sede da Guarda Municipal	☐	Declive										
		☐	Active										
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA													
De acordo com Lucia Marques (1994, p. 52, 94), neste local funcionava a antiga fundição da Casa Inglesa, fundada em 1860 pelo inglês Eduardo Wynne, que na época era Vice-Cônsul da Noruega e da Suécia. Diante de uma crise econômica, Wynne vendeu a Casa Inglesa													
		 Legenda: Detalhes de gradil e jardim. Fonte: Autor, 2019											

ao alemão Adolph Schramm, também proprietário da Schramm & Cia. Segundo a autora, a casa inglesa pode ser considerada a primeira Casa Bancária em Sergipe. Após o fechamento da Schramm & Cia, o prédio passou a sediar a Secretaria de Segurança Pública e a delegacia Municipal de Polícia. Passou por duas importantes reformas: a primeira em 1984 e a segunda em 1999.																												
ARQUITETÔNICA																												
Edificação térrea sem, contudo, ocupar todo o lote, deixando a lateral esquerda e o fundo livres e constituindo um pátio cercado por colunas e gradis. O acesso principal é feito pela Trav. José de Faro. A fachada é constituída por uma porta e três janelas, todas elas com vãos em arco abatido e emolduradas por elementos geométricos. Para o pátio estão voltadas outras seis janelas e uma porta. O telhado em duas águas é escondido por uma platibanda decorada com elementos geométricos. Uma empena lateral esconde o telhado.																												
			as demais fachadas. Fonte: Autor, 2019																									
10. MATERIAIS																												
PAREDES EXTERNAS - Alvenaria de pedra calcária - Revestimento de argamassa - Platibanda		COBERTURA Telhado cerâmico em duas águas		ABERTURAS - Aberturas em arco abatido com fechamentos de madeira. - Os vãos são criados pelo assentamento dos tijolos cerâmicos - Os fechamentos (portas e janelas) em madeira constituídos por duas folhas																								
11. CONSERVAÇÃO																												
ESTADO DE CONSERVAÇÃO <table><tr><td>☐ Integro</td><td>☒ Bom</td></tr><tr><td>☐ Pouco alterado</td><td>☐ Precário</td></tr><tr><td>☒ Muito alterado</td><td>☐ Em arruinamento</td></tr><tr><td>☐ Descaracterizado</td><td>☐ Arruinado</td></tr></table>		☐ Integro	☒ Bom	☐ Pouco alterado	☐ Precário	☒ Muito alterado	☐ Em arruinamento	☐ Descaracterizado	☐ Arruinado	ESTADO DE PRESERVAÇÃO <table><tr><td>☒ Bom</td><td>☐ Histórico</td></tr><tr><td>☐ Precário</td><td>☐ Artístico</td></tr><tr><td>☐ Em arruinamento</td><td>☐ Paisagístico</td></tr><tr><td>☐ Arruinado</td><td>☒ Arquitetônico</td></tr><tr><td></td><td>☐ Urbano</td></tr></table>		☒ Bom	☐ Histórico	☐ Precário	☐ Artístico	☐ Em arruinamento	☐ Paisagístico	☐ Arruinado	☒ Arquitetônico		☐ Urbano	INTERESSE <table><tr><td>☒ Histórico</td><td rowspan="5">Obs.:</td></tr><tr><td>☐ Artístico</td></tr><tr><td>☐ Paisagístico</td></tr><tr><td>☒ Arquitetônico</td></tr><tr><td>☐ Urbano</td></tr></table>	☒ Histórico	Obs.:	☐ Artístico	☐ Paisagístico	☒ Arquitetônico	☐ Urbano
☐ Integro	☒ Bom																											
☐ Pouco alterado	☐ Precário																											
☒ Muito alterado	☐ Em arruinamento																											
☐ Descaracterizado	☐ Arruinado																											
☒ Bom	☐ Histórico																											
☐ Precário	☐ Artístico																											
☐ Em arruinamento	☐ Paisagístico																											
☐ Arruinado	☒ Arquitetônico																											
	☐ Urbano																											
☒ Histórico	Obs.:																											
☐ Artístico																												
☐ Paisagístico																												
☒ Arquitetônico																												
☐ Urbano																												
Obs.: As principais alterações são advindas da abertura e fechamento de janelas. Outro fator são as caixas de ar condicionado em toda a edificação.		Obs.: A edificação recebe constantes reparos advindos do uso como delegacia.																										
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)																												
-																												
REFERÊNCIAS																												
- SILVA, M. L. M. C. E. Inventário Cultural de Marum; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.																												

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 02

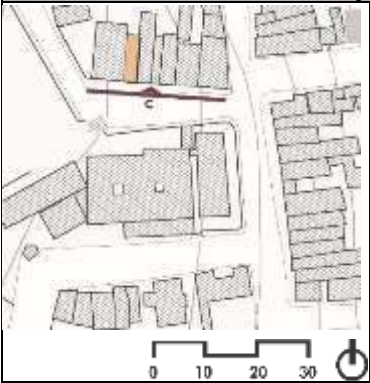
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 05/01/2020



1. NOME		3. QUADRA			
Ruína Nº 12		2			
2. TIPO		4. LOTE			
Edifício geminado, térreo		2			
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO			
	1.1 ESTADO:				
	Sergipe				
	1.2 MUNICÍPIO				
	Maruim				
	1.3 BAIRRO				
Centro			Planta indisponível		
1.4 LOGRADOURO					
Trav. José de Faro (Praça João Rodrigues)					
1.5 Nº					
12					
7. PROPRIETÁRIO					
7.1 ANTIGO	Manoel Preto				
7.1 ATUAL	Sra. Isabel				
8. CARACTERIZAÇÃO				Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019	
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO					
☒ Século XIX	☒ Privada				
☐ Século XX	☐ Pública				
☐ Século XXI					
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO			
Largura	6,64	☒ 1	Acima da rua		
Comprimento			Abaixo		
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA			
☒ Eclético	☐ Comercial				
☐ Neoclássico	☐ Industrial				
☐ Neogótico	☐ Residencial				
☐ Art Decó	☐ Institucional				
		☒ Sem uso			
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA			
Antigo	Residencial	☒ Plano			
Atual	Sem uso	☐ Declive			
		☐ Aclive			
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA					
- Nenhuma referência foi encontrada.					
Legenda: Interior. Fonte: Autor, 2019					

ARQUITETÔNICA					
Edificação térrea e em estado avançado de ruína. A fachada do edifício é bem dividida em base, corpo e coroamento. Possui uma porta de entrada com abertura retangular entre duas colunas. As duas janelas de madeira possuem vãos em arco pleno, marcadas com elementos decorativos geométricos diferenciados da porta. A cimalha que sustenta a platibanda também possui elementos decorativos em cubo, enfileirados em um dos frisos da cimalha.					
			Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos. Fonte: Autor, 2019		
10. MATERIAIS					
PAREDES EXTERNAS		COBERTURA		ABERTURAS	
- Alvenaria de tijolo de adobe - Revestimento de argamassa - Platibanda também de tijolo		Sem telhado		- Aberturas em arco pleno com fechamentos de madeira com duas folhas. - As aberturas são criadas pelo assentamento de tijolos - O atual fechamento da porta é por um portão de ferro.	
9. CONSERVAÇÃO					
ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTADO DE PRESERVAÇÃO		INTERESSE	
☐	Íntegro	☐	Bom	☐	Histórico
☒	Pouco alterado	☐	Precário	☐	Artístico
☐	Muito alterado	☐	Em arruinamento	☐	Paisagístico
☐	Descaracterizado	☒	Arruinado	☐	Arquitetônico
Obs.:		Obs.:		☒	Urbano
O último reparo visível na fachada foi a aplicação de cimento no vão da porta, cobrindo a marcação da mesma. Apesar, preserva características na fachada que permanecem inalteradas.		A edificação está em estado de ruína, restando somente a fachada e algumas divisões internas.		Obs.: exemplar notável de arquitetura do século XIX, compondo o conjunto observado na rua em que se encontra.	
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)					
-					
REFERÊNCIAS					
- JESUS, Miguel de. Entrevista concedida a Paulo Makalyster Martins Santos, 2020. Data: 24 de Janeiro de 2020.					

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 03

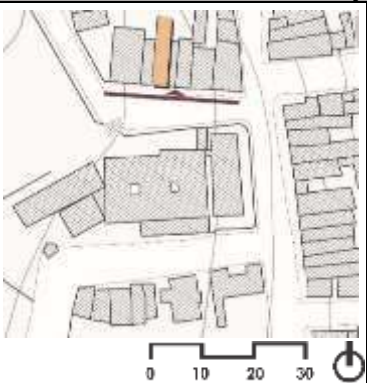
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 24/01/2020



1. NOME		3. QUADRA	
Casa Nº 12A		2	
2. TIPO		4. LOTE	
Edifício geminado, térreo			
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO	
	1.1 ESTADO:	Planta Indisponível	
	Sergipe		
	1.2 MUNICÍPIO		
	Maruim		
	1.3 BAIRRO		
Centro	6.1. IDENTIFICAÇÃO		
1.4 LOGRADOURO			
Trav. José de Faro (Praça João Rodrigues)			
1.5 Nº			
12A			
7. PROPRIETÁRIO			
7.1 ANTIGO	Manoel de Jesus		
7.1 ATUAL	Miguel de Jesus		
8. CARACTERIZAÇÃO			
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO		8.2 PROPRIEDADE	
☒ Século XIX		☒ Privada	
☐ Século XX		☐ Pública	
☐ Século XXI			
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO	
Largura	5,59	☒ 1	Acima da rua
Comprimento			Abaixo
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA	
☒ Eclético		☐ Comercial	
☐ Neoclássico		☐ Industrial	
☐ Neogótico		☒ Residencial	
☐ Art Decó		☐ Institucional	
☐		☐ Sem uso	
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA	
Antigo	Residencial	☒	Plano
Atual	Sem uso		Declive
			Active
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA			
Segundo o atual proprietário, o sr. Miguel de Jesus (2020), quando o seu pai adquiriu o imóvel, diversos objetos antigos foram encontrados, tais como algemas, correntes			
			
		Legenda: Fachada antes da alteração. Fonte: Google, 2012	

e moedas. Afirmou ainda que a edificação era uma só com a número 12 (FICHA 02). Foi dividida e teve as duas janelas transformadas em abertura para garagem. Ao longo dos anos, ele acompanhou diversas reformas, a principal mencionada foi o rebaixamento no telhado. Os cômodos internos foram bastante alterados. Em 2017, aplicou revestimento cerâmico na fachada, substituindo os elementos arquitetônicos (colunas, capitéis e cimbras) por pastilhas cerâmicas. Segundo ele, o Iphan chegou a reprimor-lo por destruição de um "bem arquitetônico histórico".

ARQUITETÔNICA

Edificação térrea com porta e garagem. Possui a mesma proporção da residência vizinha, com a qual divide a parede e, como se comprova por fotografias antigas, o telhado. A porta que fica entre as duas marcações de antigas colunas, hoje revestimento cerâmico, é quadrada e fechada com porta e portão de ferro. A garagem também é fechada por porta e portão de ferro. Possui uma platibanda arrematada por uma fileira de telhas cerâmicas e argamassa. Toda a fachada é revestida por três tipos de cerâmica em cores distintas.



Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos.
Fonte: Autor, 2019

10. MATERIAIS

PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS
- Alvenaria de tijolo de adobe - Revestimento cerâmico	Telhado cerâmico em duas águas	- Aberturas retangulares de porta comum e porta de garagem - Portas e portões de ferro.

9. CONSERVAÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
Íntegro	Bom	Histórico
Pouco alterado	Precário	Artístico
Muito alterado	Em arruinamento	Paisagístico
Descaracterizado	Arruinado	Arquitetônico

Obs.: Toda a fachada foi descaracterizada. Os elementos arquitetônicos como colunas e cimbras foram destruídos e refeitos com desenhos na cerâmica.	Obs.: A edificação serve como residência e está em bom estado de preservação ao que se pode aferir da sua fachada.	Obs.: Suas características arquitetônicas principais foram perdidas. Contudo sua presença no ambiente compõe o conjunto, principalmente por ser par da edificação nº 12.
--	---	---

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)

-

REFERÊNCIAS

- JESUS, Miguel de. Entrevista concedida a Paulo Makalyster Martins Santos, 2020. Data: 24 de Janeiro de 2020.

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 04

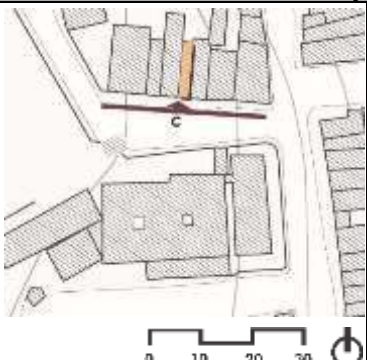
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 24/01/2020



1. NOME		3. QUADRA									
Casa Nº 13		2									
2. TIPO		4. LOTE									
Edifício geminado, térreo		4									
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO									
		1.1 ESTADO: Sergipe 1.2 MUNICÍPIO Maruim 1.3 BAIRRO Centro 1.4 LOGRADOURO Trav. José de Faro (Praça João Rodrigues) 1.5 Nº 13		Planta Indisponível							
						6.1. IDENTIFICAÇÃO					
											
										Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019 	
7. PROPRIETÁRIO											
7.1 ANTIGO	Sr. Lau										
7.1 ATUAL	Ibrantina Gomes Santos Costa										
8. CARACTERIZAÇÃO											
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO		8.2 PROPRIEDADE									
☐ Século XIX	☒ Privada										
☒ Século XX	☐ Pública										
☐ Século XXI											
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO									
Largura	3,46	1 Acima da rua									
Comprimento		Abaixo									
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA									
☒ Eclético	☐ Comercial										
☐ Neoclássico	☐ Industrial										
☐ Neogótico	☒ Residencial										
☐ Art Decó	☐ Institucional										
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA									
Antigo	Residencial	☒ Plano									
Atual	Residencial	☐ Declive									
		☐ Aclive									
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA											
A proprietária adquiriu o imóvel há 45 anos quando só havia no lote a parede frontal. A casa então foi reerguida e construída no estilo da época. Ao longo dos anos, ela colocou o revestimento cerâmico.											
		Legenda: Platibanda. Fonte: Autor, 2020									

ARQUITETÔNICA		
Edificação térrea com porta e janela. A platibanda começa a partir dos limites da porta e da janela. É emoldurada por um friso retangular. Dentro da platibanda, existem cinco elementos geométricos horizontais que se afunilam à medida que descem.		
10. MATERIAIS		
PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS
- Alvenaria de tijolo de adobe - Revestimento de argamassa e de cerâmica - Platibanda também de tijolo	Telhado em duas águas	- Aberturas retangulares de porta comum e porta de garagem - Portas e portões de ferro.
11. CONSERVAÇÃO		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
☐ Íntegro	☒ Bom	☐ Histórico
☒ Pouco alterado	☐ Precário	☐ Artístico
☐ Muito alterado	☐ Em arruinamento	☐ Paisagístico
☐ Descaracterizado	☐ Arruinado	☐ Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	☒ Urbano
A principal alteração foi a aplicação do azulejo até a altura da platibanda.	O uso residencial garante a manutenção dos reparos necessários.	Obs.: Conjunto urbano da rua Trav. José de Faro
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)		
-		
REFERÊNCIAS		
- COSTA, Ibrantina Gomes Santos. Entrevista concedida a Paulo Makalyster Martins Santos, 2020. Data: 24 de Janeiro de 2020.		

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 05

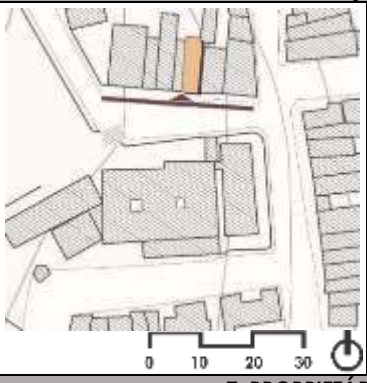
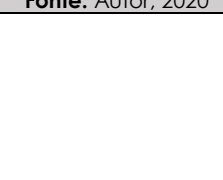
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 24/01/2020



1. NOME		3. QUADRA							
Casa Nº 12		2							
2. TIPO		4. LOTE							
Edifício geminado, térreo		5							
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO							
		1.1 ESTADO: Sergipe 1.2 MUNICÍPIO Maruim 1.3 BAIRRO Centro 1.4 LOGRADOURO Trav. José de Faro (Praça João Rodrigues) 1.5 Nº 12							
				6.1 IDENTIFICAÇÃO 					
						7. PROPRIETÁRIO 7.1 ANTIGO Aloísio Gomes 7.1 ATUAL Edenilson Gomes			
								8. CARACTERIZAÇÃO 8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO Século XIX Privada Século XX Pública Século XXI	
8.4 GABARITO 1 Acima da rua Abaixo									
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO Eclético Neoclássico Neogótico Art Decó		8.6 TIPOLOGIA Comercial Industrial Residencial Institucional Sem uso							
8.7 USO Antigo Residencial Atual Residencial		8.8 TOPOGRAFIA Plano Declive Aclive							
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA									
O Proprietário reside nessa casa há 52 anos e segundo ele poucas mudanças ocorreram desde então. As alterações mencionadas por ele foram: substituição do piso avermelhado por cerâmica, mudança na fachada									
		Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019 							
		Legenda: Fachada. Fonte: Autor, 2019 							
		Legenda: Detalhes de abertura de janela e materias. Fonte: Autor, 2020 							

(azulejo e platibanda) e da porta e janela, que eram maiores e de madeira. Foi mencionada ainda a existência de uma fonte de água nos fundos da casa, hoje não existe mais.		
ARQUITETÔNICA		
Edificação térrea com porta e janela. A platibanda começa a partir dos limites da porta e da janela. É emoldurada por um friso retangular. A platibanda é dividida ao meio por uma linha vertical. Por dentro, as portas e janelas são maiores, do tamanho das aberturas antigas.		
		Legenda: Vão antigo da porta e portão. Fonte: Autor, 2020
10. MATERIAIS		
PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS
- Alvenaria de pedra calcária - Revestimento de argamassa - Platibanda também de tijolo - Revestimento cerâmico até a platibanda - As divisões internas são de tijolo de adobe	Telhado em duas águas	- Aberturas retangulares de porta e janela - Por dentro, arcos abaulados constituídos pelo agrupamento de tijolos - Portões de ferro e vidro - Janela de vidro.
11. CONSERVAÇÃO		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
☐ Íntegro	☐ Bom	☐ Histórico
☒ Pouco alterado	☒ Precário	☐ Artístico
☐ Muito alterado	☐ Em arruinamento	☐ Paisagístico
☐ Descaracterizado	☐ Arruinado	☒ Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	☒ Urbano
A única alteração visível na fachada é a colocação da cerâmica. Por dentro, se percebe a diferença entre a abertura do vão e o tamanho das envasaduras.	A edificação serve como residência e está em bom estado de preservação ao que se pode aferir da sua fachada, embora precise de alguns reparos no telhado e no reboco das paredes internas.	Obs.: Exemplo de edificação do século XIX que teve sua fachada modernizada no século XX.
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)		
-		
REFERÊNCIAS		
- GOMES, Ednilson. Entrevista concedida a Paulo Makalyster Martins Santos. Data: 25 de janeiro de 2020.		

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 06

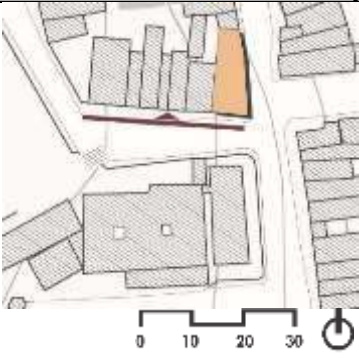
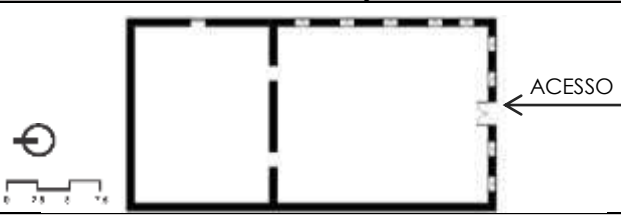
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 04/01/2020



1. NOME		3. QUADRA			
Sobrado da Família Cruz		2			
2. TIPO		4. LOTE			
Edifício geminado, de esquina					
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO			
		 Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019			
				1.1 ESTADO:	
				Sergipe	
				1.2 MUNICÍPIO	
				Maruim	
1.3 BAIRRO		 Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019			
Centro					
1.4 LOGRADOURO					
Trav. José de Faro (Praça João Rodrigues)		 Legenda: Fachada Principal. Fonte: Autor, 2019			
1.5 Nº					
10					
7. PROPRIETÁRIO					
7.1 ANTIGO	João Rodrigues da Cruz				
7.1 ATUAL	Sra. Edileusa Vieira				
8. CARACTERIZAÇÃO					
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO		8.2 PROPRIEDADE			
☒ Século XIX		☒ Privada			
☐ Século XX		☐ Pública			
☐ Século XXI					
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO			
Largura	14,96	2	Acima da rua		
Comprimento	28,65		Abaixo		
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA			
☒ Eclético		☐ Comercial			
☐ Neoclássico		☐ Industrial			
☐ Neogótico		☒ Residencial			
☐ Art Decó		☐ Institucional			
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA			
Antigo	Residencial	☒ Plano			
Atual	Sem uso	☐ Declive			
		☐ Aclive			
9. DESCRIÇÃO					
HISTÓRICA					
Segundo AGUIAR (2004, p. 29), a família Cruz chegou à província de Sergipe em 1874 e colaborou com o empreendedorismo, com o comércio e com a educação em Maruim e em toda a província. A historiadora SILVA					
					
				Legenda: Interior e cimalha. Fonte: Autor, 2019	

(1994) afirma que o sobrado foi construído pela família Cruz. Uma fotografia tirada em 1990 mostra que a edificação ainda era usada e possuía coberturas, portas e janelas. Em 2019, uma pequena parte da parede que separa o sobrado da edificação do lado esquerdo foi demolida, porque ameaçava cair sobre a edificação vizinha. Hoje, a proprietária faz a limpeza da vegetação no interior de tempos em tempos e mantém a edificação fechada.			
ARQUITETÔNICA			
Edificação assobradada que se encontra em ruína, com cinco portas voltadas para a Trav. Cel. José de Faro e mais três voltadas para a Rua Fausto Cardoso. O acesso principal se dava pela porta central na Trav. Cel José de Faro, sendo este marcado pela maior abertura. Janelas acima de todas as portas. Todas as quinas da edificação constituídas por colunatas, marcando na edificação a tríplice base, corpo e coroamento. A Cimalha simples apoiava o beiral, que hoje, junto com todo o telhado, não existe mais.		Legenda: Detalhes de materiais, aberturas e janelas e elementos construtivos. Fonte: Autor, 2019	
10. MATERIAIS			
PAREDES EXTERNAS		COBERTURA	
- Alvenaria de pedra calcária - Revestimento de argamassa - Cimalhas de Tijolo cerâmico e argamassa		- Não há cobertura, mas pelos resquícios materiais encontrados, tratava-se de um telhado com cinco águas. - As telhas que o constituíam eram capa e canal	
		ABERTURAS	
		- Aberturas em arco abaulado com fechamentos de madeira. - As aberturas são criadas pelo assentamento de tijolos - Os fechamentos (portas e janelas) em madeira constituídos por duas folhas e algumas de metal e vidro - Várias portas foram preenchidas e tapadas com alvenaria de bloco cerâmico	
11. CONSERVAÇÃO			
ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTADO DE PRESERVAÇÃO	
☐ Íntegro		☐ Bom	
☐ Pouco alterado		☐ Precário	
☐ Muito alterado		☐ Em arruinamento	
☒ Descaracterizado		☒ Arruinado	
Obs.:		Obs.:	
A edificação encontra-se em estado de ruína.		A edificação encontra-se em estado de ruína. Ao longo dos anos e das fotografias antigas, se percebe que não há interesse na sua preservação.	
		Obs.: A edificação de esquina é bastante simbólica e funciona como um marco visual. Forma com as edificações vizinhas um conjunto importante para a histórica e para a paisagem urbana.	
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)			
-			
REFERÊNCIAS			
- AGUIAR, J. Traços da História de Maroim. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda, 2004. - SILVA, M. L. M. C. E. Inventário Cultural de Maruim; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.			

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 07

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 05/01/2020



1. NOME		3. QUADRA	
Residência Nº 06		3	
2. TIPO		4. LOTE	
Edifício geminado de um lado e com recuo do outro, térreo		7	
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO	
		1.1 ESTADO:	
		Sergipe	
		1.2 MUNICÍPIO	
		Maruim	
		1.3 BAIRRO	
Centro		Planta Indisponível Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019	
1.4 LOGRADOURO			
Rua Fausto Cardoso (Praça João Rodrigues)			
1.5 Nº		6.1 IDENTIFICAÇÃO	
06			
7. PROPRIETÁRIO			
7.1 ANTIGO	Lauro Monte Alegre		
7.1 ATUAL	Clóvis Alberto Menezes		
8. CARACTERIZAÇÃO			
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO		8.2 PROPRIEDADE	
☒ Século XIX	☒ Privada		
☐ Século XX	☐ Pública		
☐ Século XXI			
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO	
Largura	12,71	1	Acima da rua
Comprimento			Abaixo
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA	
☒ Eclético	☐ Comercial		
☐ Neoclássico	☐ Industrial		
☐ Neogótico	☒ Residencial		
☐ Art Decó	☐ Institucional		
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA	
Antigo	Residencial	☒ Plano	
Atual	Residencial	☐ Declive	
		☐ Aclive	
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA			
A primeira referência histórica dessa edificação é em uma fotografia de 1875. Os atuais proprietários residem na casa desde 1985. A partir de então diversas alterações foram feitas no imóvel. A primeira e mais significativa foi a substituição do telhado em duas águas por laje de			
			
Legenda: Detalhes dos portões de ferro. Fonte: Autor, 2019			

concreto e do forro de madeira por outro também de madeira. Depois as portas e as janelas tanto do interior quanto do exterior foram substituídas. A organização dos cômodos foi quase totalmente refeita, restando da configuração original somente a cozinha.,

ARQUITETÔNICA

Edificação térrea com entrada lateral localizada em recuo no lado esquerdo da edificação. Três janelas cujas bandeiras pivotantes são em arco abaulado. Acima das janelas laterais existem almofadas retangulares e da janela central uma almofada em arco abaulado. Todas elas possuem decorações florais. A janela central apresenta balcão e balaustrada ligeiramente salientes na fachada.

Acima das janelas, há uma platibanda tripartida sustentada por cimbalha que por sua vez é sustentada por duas mísulas (cachorros). A platibanda possui movimentos curvilíneos e também apresenta almofadas, guirlandas e decoração floral em seu centro.

No lado direito há uma entrada maior com abertura retangular (que leva a uma área descoberta), portão de ferro e platibanda simples com frisos retangulares.

A fachada é revestida à meia parede por revestimento quadricular.



Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos.
Fonte: Autor, 2019

10. MATERIAIS

PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS
- Alvenaria de tijolo de adobe - Revestimento à meia parede - Platibanda também de tijolo	Telhado em quatro águas	- Aberturas das janelas em arco abaulado. A abertura da entrada lateral e da garagem é retangular. - Portões de ferro nas entradas - Janelas de madeira.

11. CONSERVAÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
Integro	Bom	Histórico
Pouco alterado	Precário	Artístico
Muito alterado	Em arruinamento	Paisagístico
Descaracterizado	Arruinado	Arquitetônico
Obs.: Portões de ferro sem semelhança entre eles.	Obs.: Pintura descascada, argamassa destacando e reparada com cimento exposto. Revestimento quadricular faltante. Ataque vegetativo	Obs.: Na quadra 3, é a única edificação que preserva alguma herança da modernização estilística dada pelo ecletismo.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)

-

REFERÊNCIAS

- MENEZES, Zélia. Entrevista concedida a Paulo Makalyster Martins Santos, 2020. Data: 25 de Janeiro de 2020.

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 08

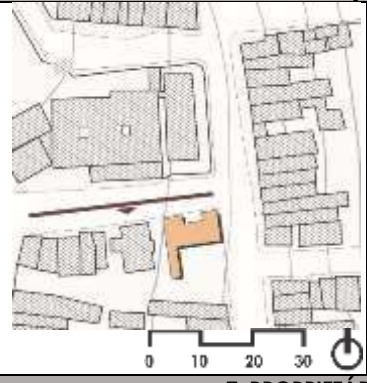
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 02/01/2020



1. NOME		3. QUADRA			
Edifício Cruz		5			
2. TIPO		4. LOTE			
Edifício isolado do lote, térreo		8			
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO			
		Planta Indisponível			
				1.1 ESTADO:	
				Sergipe	
				1.2 MUNICÍPIO	
				Maruim	
1.3 BAIRRO		6.1 IDENTIFICAÇÃO			
Centro					
1.4 LOGRADOURO					
Rua Porto Velho (Praça João Rodrigues)					
1.5 Nº					
s/n					
7. PROPRIETÁRIO					
7.1 ANTIGO	João Rodrigues da Cruz				
7.1 ATUAL	Prefeitura Municipal de Maruim				
8. CARACTERIZAÇÃO					
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO		8.2 PROPRIEDADE			
Século XIX		Privada			
Século XX		Pública			
Século XXI					
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO			
Largura	20,34	1	Acima da rua		
Comprimento	36,09		Abaixo		
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA			
Eclético		Comercial			
Neoclássico		Industrial			
Neogótico		Residencial			
Art Decó		Institucional			
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA			
Antigo	Educacional		Plano		
Atual	Sem uso		Declive		
			Aclive		
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA					
O instituto Cruz foi mandado construir por testamento deixado pelo comerciante e intelectual João Rodrigues da Cruz. Foi construído com o objetivo de ser um centro de educação que ofertasse "pelo o menos duas aulas de					
					
				Legenda: Fachadas laterais e jardim. Fonte: Autor, 2019	

aritmética elementar, caligrafia e escrituração comercial, a fim de que a mocidade mais adiantada possa facilmente habilitar-se para a profissão comercial". (AGUIAR, 2004, p.29-30). Ao longo dos anos, segundo entrevista a funcionária da prefeitura (SANTOS, 2020) o prédio abrigou a Secretaria de Educação, Secretaria da Juventude e Fórum Alberto Deodato. Hoje, encontra-se fechado e em estado de arruinamento.		
ARQUITETÔNICA		
A fachada principal é constituída por três partes, sendo a parte central recuada e as outras duas simétricas, seguindo o alinhamento da calçada. Trata-se de uma edificação de porão alto, embora as aberturas a ele, como mostram as fotografias antigas, tenham sido fechadas ao longo do tempo. O acesso é feito pela parte recuada que fica após a escadaria central. As duas portas de madeira, assim como todas as 13 janelas, são levemente arqueadas. As duas portas possuem bandeiras de gradil de ferro com desenhos curvilíneos que emolduram as letras IC (Instituto Cruz) Ainda na fachada principal, as empenas do telhado foram marcadas com dois frontões. A parte recuada possui uma platibanda mais detalhada, com um frontão acima do letreiro: "Edifício Cruz 1902". As fachadas laterais possuem o mesmo tratamento da frontal: frisos horizontais em todo o corpo da edificação e levemente sinuosos acima das aberturas das janelas e portas. Possui ainda um local para hastear bandeiras, mas já não possui mais os mastros.		
		
Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos. Fonte: Autor, 2019		
10. MATERIAIS		
PAREDES EXTERNAS - Alvenaria de tijolo de adobe - Revestimento de argamassa - Platibanda também de tijolo	COBERTURA - Telhado com seis águas - Telha cerâmica	ABERTURAS Aberturas das janelas em arco abaulado. As portas da entrada possuem gradis de ferro nas bandeiras.
11. CONSERVAÇÃO		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
☐ Íntegro	☐ Bom	☒ Histórico
☒ Pouco alterado	☐ Precário	☐ Artístico
☐ Muito alterado	☒ Em arruinamento	☐ Paisagístico
☐ Descaracterizado	☐ Arruinado	☒ Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	☒ Urbano
Aberturas para o porão foram tapadas. Duas mísulas na parte recuada foram retiradas para a inscrição do letreiro "Fórum Alberto Deodato"	Pintura descascada, argamassa destacando, manchas negras do envelhecimento da pintura e da umidade. Ataque vegetativo.	Obs.: Funciona como um marco urbano, destacado pela singularidade arquitetônica e valorizado pela importância histórica que trouxe ao lugar.
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)		
-		
REFERÊNCIAS		
- SANTOS, Joelma Ferreira Martins Santos. Entrevista concedida a Paulo Makalyster Martins Santos. Dia 01 de Janeiro de 2020. - AGUIAR, J. Traços da História de Maroim. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda, 2004.		

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 09

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 05/01/2020



1. NOME		3. QUADRA			
Posto de Puericultura		2			
2. TIPO		4. LOTE			
Edifício isolado do lote		9			
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO			
		← ACESSO			
				1.1 ESTADO:	
				Sergipe	
				1.2 MUNICÍPIO	
				Maruim	
1.3 BAIRRO		Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019			
Centro					
1.4 LOGRADOURO					
Rua Porto Velho (Praça João Rodrigues)		6.1. IDENTIFICAÇÃO			
1.5 Nº					
12					
7. PROPRIETÁRIO					
7.1 ANTIGO	Prefeitura Municipal de Maruim				
7.1 ATUAL	Prefeitura Municipal de Maruim				
8. CARACTERIZAÇÃO		Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019			
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	8.2 PROPRIEDADE				
Século XIX	Privada				
Século XX	Pública				
Século XXI					
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO			
Largura	15,00	1	Acima da rua		
Comprimento	18,40		Abaixo		
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA			
Eclético			Comercial		
Neoclássico			Industrial		
Neogótico			Residencial		
Art Decó			Institucional		
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA			
Antigo	Posto de Puericultura		Plano		
Atual	Sede da S.C. Juventude Maruim		Declive		
			Active		
9. DESCRIÇÃO					
HISTÓRICA					
Foi construída na gestão do Prefeito Alcides Pereira (1955-1960) para ser um Posto de Puericultura. Em Sergipe, esses postos têm papel fundamental no entendimento					
		Legenda: Detalhes do jardim e da lateral esquerda. Fonte: Autor, 2019			

das políticas desenvolvidas pelo Departamento Nacional da Criança (DNCR). Segundo Jussara Maria Silveira (SILVEIRA, 2012), o objetivo era ensinar a puericultura principalmente para o público mais carente. Enquanto prédio da prefeitura, já foi Secretaria da Indústria e Comércio, Secretaria de Agricultura, irrigação, abastecimento e Meio ambiente. Também serviu à assessoria de planejamento. Hoje, é a Sede da Associação S.C. Juventude Maruim, clube de futebol da cidade. Além disso, nas segundas, quartas e sextas-feiras, um projeto de alfabetização é realizado com crianças e adolescentes: o Educamor, conduzido pela Conselheira Tutelar Leana da Silva Santos.

ARQUITETÔNICA

O conjunto é constituído por vários cubos. Possui pequena varanda na frente. Janelas e portas com design próprio do Art Déco. Anteriormente, possuía um frontão, que faz referência ao Art Decó Escalonado. Possui revestimento interno de cerâmica à meia parede. Possui área destinada a jardim, cercada por meias paredes com curvas.



Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos.

Fonte: Autor, 2019

10. MATERIAIS

PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS
- Alvenaria de tijolo de adobe - Revestimento de argamassa	- Telhado com seis águas - Telha cerâmica	Aberturas retangulares com caixilhos desenhados no estilo Art Déco.

11. CONSERVAÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
Íntegro	Bom	Histórico
Pouco alterado	Precário	Artístico
Muito alterado	Em arruinamento	Paisagístico
Descaracterizado	Arruinado	Arquitetônico
Obs.: O frontão foi retirado e no lugar dele foi colocado um beiral. Fechamento de algumas janelas.	Obs.: Pintura descascada, argamassa destacando, manchas negras do envelhecimento da pintura e da umidade. Ataque vegetativo.	Obs.: Um dos poucos postos de puericultura do estado, além de ter sua construção associada a um importante político da cidade.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)

REFERÊNCIAS

- SILVEIRA, Jussara Maria Viana. Os postos de puericultura alicerce para a educação das mães brasileiras. VI Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade". São Cristóvão-SE/Brasil. 2012
 - JORNAL DE MARUIM, 6 de setembro de 2006. **Alcides Pereira: 107 anos deste baiano de nascimento e sergipano de coração.** Disponível em: <<https://www.jornaldemaruim.com/2010/09/alcides-pereira-107-anos-deste-baiano.html>>
 Acesso em: 04 de jan. 2020

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 10

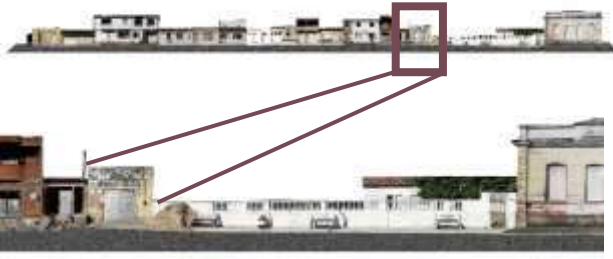
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR C

DATA: 22/02/2020



1. NOME		3. QUADRA		
Fábrica de bebidas Nortista		2		
2. TIPO		4. LOTE		
Edifício geminado no lado esquerdo, térreo		10		
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO		
		1.1 ESTADO: Sergipe		
		1.2 MUNICÍPIO Maruim		
		1.3 BAIRRO Centro		
		1.4 LOGRADOURO Rua Fausto Cardoso		
		1.5 Nº S/N		
7. PROPRIETÁRIO				
7.1 ANTIGO	Júlio Costa			
7.1 ATUAL	Herança da família de Júlio Costa			
8. CARACTERIZAÇÃO				
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO ☐ Século XIX ☒ Século XX ☐ Século XXI				8.2 PROPRIEDADE ☐ Privada ☒ Pública
8.3 DIMENSÕES (m) Largura: 5,59 Comprimento: 29,98		8.4 GABARITO 1 Acima da rua Abaixo		
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO ☐ Eclético ☐ Neoclássico ☐ Neogótico ☒ Art Decó		8.6 TIPOLOGIA ☐ Comercial ☒ Industrial ☐ Residencial ☐ Institucional		
8.7 USO Antigo: Industrial Atual: Garagem		8.8 TOPOGRAFIA ☒ Plano ☐ Declive ☐ Aclive		
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA				
Também conhecida como "O Bumba", era uma fábrica de aguardente de cana, vinagre e diversos vinhos. Foi fundada em 1960 por Júlio Costa, que por muitos anos foi gerente da próspera Fábrica de Bebidas Hannequim, e				
				
		Legenda: Fachada, séc. XX. Fonte: SILVA, 1994, p.114		



Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2020

6.1 IDENTIFICAÇÃO

Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019



Legenda: Fachada principal. Fonte: Autor, 2019

foi lá que adquiriu conhecimento no ramo. Quando fechou como fábrica, permaneceu vazio por um tempo. Hoje, o prédio é usado como garagem.

ARQUITETÔNICA

O prédio da antiga Fábrica é estreito e possui somente uma abertura, que é a larga porta de entrada, emoldurada por frisos retangulares. Seguindo o estilo característico da segunda metade do século XX, apresenta formas retangulares sóbrias, preferencialmente horizontais, conforme Art Déco Stream line.

Possui ainda as marcações horizontais onde estava escrito "Fábrica de Bebidas Nortista".

No interior, há poucas divisões internas. Aberturas nas paredes feitas a partir do encaixe dos tijolos.

Possui uma fonte de água no meio da edificação.



Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos.

Fonte: Autor, 2019

10. MATERIAIS

PAREDES	COBERTURA	ABERTURAS
- Alvenaria de tijolo de adobe - Revestimento de argamassa - Platibanda também de tijolo - Meia parede com cerâmica branca.	- Telhado com duas águas - Telha de fibrocimento na maior parte da edificação - Telha capa e canal em uma pequena parte da edificação	- Abertura retangular fechada com portão de ferro. - Aberturas nas paredes constituídas a partir do encaixe de tijolo cerâmico

11. CONSERVAÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
☐ Integro	☐ Bom	☒ Histórico
☐ Pouco alterado	☒ Precário	☐ Artístico
☒ Muito alterado	☐ Em arruinamento	☐ Paisagístico
☐ Descaracterizado	☐ Arruinado	☒ Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	Urbano
Partes da cobertura foi substituída. Alguns revestimentos cerâmicos foram aplicados, também existem diversos tipos de pisos. Houve uma parede demolida, restando somente uma viga.	O uso como garagem não exige grandes cuidados com a edificação. Alguns cômodos possuem entulhos e restos de materiais construtivos.	Obs.: A fábrica é um importante marco no desenvolvimento comercial e industrial da cidade. É também um importante indício do potencial comercial na cidade.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)

REFERÊNCIAS

- SILVA, M. L. M. C. E. **Inventário Cultural de Marum; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade.** Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 11

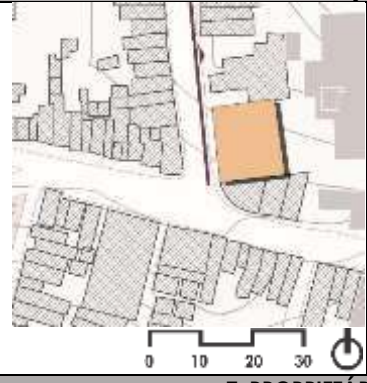
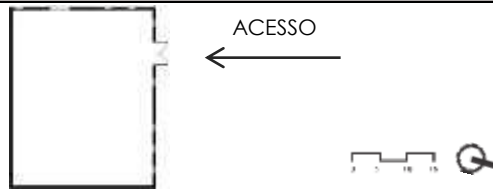
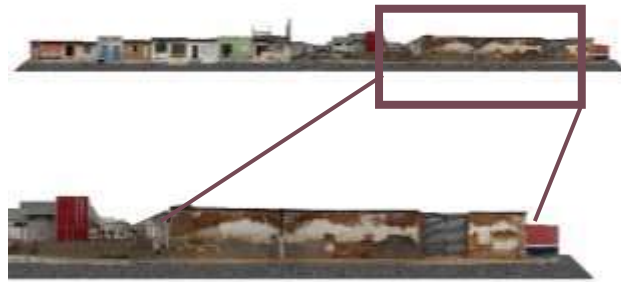
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR A

DATA: 22/01/2020



1. NOME		3. QUADRA			
Trapiche 02 de Julho		6			
2. TIPO		4. LOTE			
Edifício geminado no lado esquerdo e do lado direito, térreo e de esquina		11			
5. LOCALIZAÇÃO		6. PLANTA			
		 ACESSO 3 5 10 15			
				1.1 ESTADO:	
				Sergipe	
				1.2 MUNICÍPIO	
				Maruim	
1.3 BAIRRO		Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019			
Centro					
1.4 LOGRADOURO					
Rua Fausto Cardoso		7. IDENTIFICAÇÃO			
1.5 Nº s/n					
s/n					
7. PROPRIETÁRIO					
7.1 ANTIGO	Irmãos Cruz & Cia				
7.1 ATUAL	Sra. Wanderléa e Sr. Arthur de Andrade				
8. CARACTERIZAÇÃO		Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019			
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	8.2 PROPRIEDADE				
☒ Século XIX	☒ Privada				
☐ Século XX	☐ Pública				
☐ Século XXI					
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO			
Largura	34,11	1	Acima da rua		
Comprimento	27,42		Abaixo		
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA			
☐ Eclético	☒ Comercial				
☐ Neoclássico	☐ Industrial				
☐ Neogótico	☐ Residencial				
☐ Art Decó	☐ Institucional				
☒ Il Reinado					
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA			
Antigo	Trapiche	☒ Plano	Legenda: Fachada principal. Fonte: Autor, 2019		
Atual	Garagem	☐ Declive			
		☐ Aclive			
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA					
Inicialmente conhecida como "Casa Cruz" ou "Irmãos Cruz & Cia", era exportadora e importadora de açúcar e o chefe da firma era o comerciante e intelectual João Rodrigues da Cruz.					
					
				Legenda: Paredes e materiais construtivos. Fonte: Autor, 2019	

O último proprietário é o sr. Artur de Andrade. Como ele também é proprietário da mercearia ao lado, construiu na frente do antigo Trapiche um depósito de botijão de gás. O interior do trapiche foi alugado para a prefeitura e hoje funciona como garagem.

ARQUITETÔNICA

Edificação retangular, de esquina, com o acesso votado para a rua Gonçalo Prado. As aberturas das janelas eram em arco pleno, contudo, todas foram preenchidas. Na parte onde se dava a entrada principal, foi construída uma edificação comercial. Assim, um novo e maior acesso foi aberto a fim de cumprir o papel de garagem. Apresenta ainda beira e sob beira.



Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos.
Fonte: Autor, 2019

10. MATERIAIS

PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	/ABERTURAS
- Alvenaria de pedra calcária - Alvenaria de tijolo maciço - Revestimento de argamassa	- Sem telhado, mas provavelmente possuía um telhado em três águas, com telhas cerâmicas tipo capa e canal. - Apresenta beira e sob beira sobre paredes.	Abertura interna com verga reta e externa com arco pleno

11. CONSERVAÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
Íntegro	Bom	Histórico
Pouco alterado	Precário	Artístico
Muito alterado	Em arruinamento	Paisagístico
Descaracterizado	Arruinado	Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	Urbano
Sem cobertura, janelas e entrada principal fechadas com alvenaria, abertura de um grande portão na lateral. Construção de espaço de Serviço na frente.	Pintura descascada, argamassa destacando, manchas negras do envelhecimento da pintura e da umidade. Alvenaria aparente.	Obs.: Fundamental no desenvolvimento comercial da cidade, exemplar de arquitetura estilizada e vetor de desenvolvimento urbano.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)

-

REFERÊNCIAS

- SILVA, M. L. M. C. E. **Inventário Cultural de Marum; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade**. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.
- Acervo digital da Oficina de Projetos LTDA
- Acervo digital de Tatiana Silva Sales

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 12

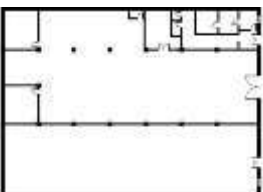
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR A

DATA: 22/01/2020



1. NOME		3. QUADRA							
Trapiche Bom Gosto		8							
2. TIPO		4. LOTE							
Edifício isolado no lote, térreo e de esquina		12							
5. LOCALIZAÇÃO		6. PLANTA							
									
				1.1 ESTADO: Sergipe 1.2 MUNICÍPIO Maruim 1.3 BAIRRO Centro 1.4 LOGRADOURO Cel. Gonçalves Prado 1.5 Nº S/N Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019					
						7.1 ANTIGO Ribeiro & Cia 7.1 ATUAL Prefeitura Municipal de Maruim 7. IDENTIFICAÇÃO			
									
7. PROPRIETÁRIO									
8. CARACTERIZAÇÃO									
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO									
8.2 PROPRIEDADE									
8.3 DIMENSÕES (m)									
8.4 GABARITO									
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO									
8.6 TIPOLOGIA									
8.7 USO									
8.8 TOPOGRAFIA									
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA									
Segundo SILVA (1994, p. 94), inicialmente chamava-se Rosa de Queiroz, depois Sabino Ribeiro & Cia e finalmente Ribeiro & Cia. Esta era uma importante firma comercial									

Legenda: Interior: garagem e secretaria. **Fonte:** Autor, 2019

em Maruim, que trabalhava a exportação de açúcar. A Ribeiro & Cia possuía na cidade o Trapiche Bom Gosto. Hoje a edificação concentra funções públicas da Prefeitura Municipal: Secretaria de Obras e Infraestrutura, Garagem e Almoxarifado Central.

ARQUITETÔNICA

Edificação retangular, de esquina, com o acesso votado para a rua Cel Gonzalo Prado. Na fachada principal, apresenta três portas e uma janela, todas em arco abaulado. Na lateral esquerda possui mais dois acessos em arco pleno. Na extremidade deste mesmo lado apresenta duas janelas altas. Todas as quinas da edificação são marcadas por colonatas. O beiral é sustentado por cimbalha. O interior é dividido em três partes, a partir do alinhamento das colunas.



Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos.
Fonte: Autor, 2019

10. MATERIAIS

PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS
- Alvenaria de pedra calcária - Alvenaria de tijolo maciço - Revestimento de argamassa	Apresenta telhado com quatro águas. As telhas cerâmicas são tipo capa e canal.	- Esquadrias simples de madeira, com duas folhas. - Vãos de abertura com vergas retas e também arcos plenos em tijolos maciços. - Presença de gradis em porta lateral e frontal.

11. CONSERVAÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
Integro	Bom	Histórico
Pouco alterado	Precário	Artístico
Muito alterado	Em arruinamento	Paisagístico
Descaracterizado	Arruinado	Arquitetônico
Obs.: Abertura e fechamento de janelas. Novas divisões internas.	Obs.: Pintura descascada, argamassa destacando, manchas negras do envelhecimento da pintura e da umidade. Alvenaria aparente.	Obs.: De suma importância para o desenvolvimento comercial da cidade, localizado às margens do rio Ganhamoroba

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)

REFERÊNCIAS

- SILVA, M. L. M. C. E. **Inventário Cultural de Maruim; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade.** Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.
- Acervo digital da Oficina de Projetos LTDA
- Acervo digital de Tatiana Silva Sales

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 13

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR A

DATA: 22/01/2020



1. NOME		3. QUADRA							
Sobrado Nº 15		5							
2. TIPO		4. LOTE							
Edifício geminado no lado esquerdo e do lado direito, assobradado		13							
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO							
		1.1 ESTADO: Sergipe 1.2 MUNICÍPIO Maruim 1.3 BAIRRO Centro 1.4 LOGRADOURO Praça da Bandeira 1.5 Nº 05							
				Planta Indisponível Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019					
						6.1 IDENTIFICAÇÃO 			
									
7. PROPRIETÁRIO									
7.1 ANTIGO	Colégio								
7.1 ATUAL	Luciene Silva Viana								
8. CARACTERIZAÇÃO									
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO		8.2 PROPRIEDADE							
Século XIX		Privada							
Século XX		Pública							
Século XXI									
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO							
Largura	-	1 Acima da rua							
Comprimento	-	Abaixo							
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA							
Eclético		Comercial							
Neoclássico		Industrial							
Neogótico		Residencial							
Art Decó		Institucional							
Il Reinado									
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA							
Antigo	Colégio	Plano							
Atual	Residencial	Declive							
		Active							
9. DESCRIÇÃO									
HISTÓRICA									
Segundo informações coletadas em entrevistas (VIANA, 2020), o imóvel foi sede de um colégio de Freiras. Segundo esta fonte, ainda hoje existem túmulos de padres e freiras que morreram e foram sepultados no local. Contudo, essas informações precisam ser									
		Legenda: Fachada principal. Fonte: Autor, 2019 							
		Legenda: Esquadrias, grades e cimbalhas. Fonte: Autor, 2019 							

analisadas e comprovadas com visita ao interior da edificação, o que até o momento não foi possível.		
ARQUITETÔNICA		
Sobrado de dois pavimentos com duas portas e quatro janelas. É possível perceber que a porta que havia no meio foi transformada em uma janela. Possui nas extremidades marcações verticais de colunas e uma cimalha sustentando o beiral. Telhado em duas águas. Internamente, o sobrado foi transformado em duas residências, uma em cada pavimento.		
		Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos. Fonte: Autor, 2019
10. MATERIAIS		
PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS
- Alvenaria de tijolo maciço - Revestimento de argamassa - Revestimento cerâmico no térreo	- Sem telhado, mas provavelmente possuía um telhado em três águas, com telhas cerâmicas tipo capa e canal. - Apresenta beira e sob beira sobre paredes.	Aberturas externas com verga reta
11. CONSERVAÇÃO		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
☐ Íntegro	☒ Bom	☒ Histórico
☐ Pouco alterado	☐ Precário	☐ Artístico
☐ Muito alterado	☐ Em arruinamento	☐ Paisagístico
☒ Descaracterizado	☐ Arruinado	☒ Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	Urbano
Esquadrias substituídas, revestimento cerâmico aplicado, fechamento de porta, divisão interna do sobrado em duas.	A fachada, que foi a única parte acessível da edificação, encontra-se em bom estado de conservação. A pintura e o revestimento estão íntegros.	Obs.: Sua importância histórica como um dos poucos sobrados restantes no perímetro é ressaltada pelo contexto urbano de conjunto que ajuda a criar para a Praça da Bandeira.
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)		
REFERÊNCIAS		
- SILVA, M. L. M. C. E. Inventário Cultural de Marum; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994. - Acervo digital da Oficina de Projetos LTDA - Acervo digital de Tatiana Silva Sales - VIANA, Alaíde. Entrevista concedida à Paulo Makalyster Martins Santos, 2020.		

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 14

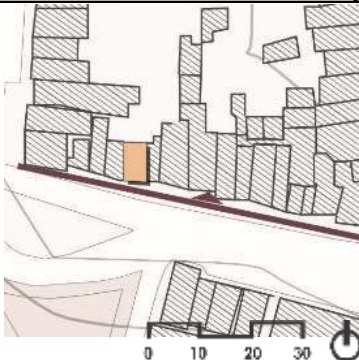
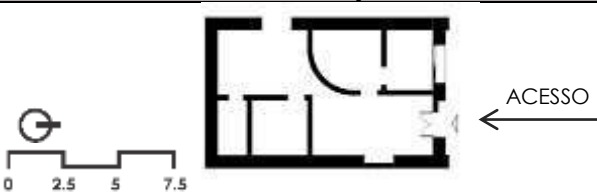
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR A

DATA: 22/01/2020



1. NOME		3. QUADRA					
Casa da Sra. Alaíde Viana		5					
2. TIPO		4. LOTE					
Edifício geminado no lado esquerdo e do lado direito, térreo		14					
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO					
		 Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019					
				6.1. IDENTIFICAÇÃO			
				 Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019			
						 Legenda: Fachada principal. Fonte: Autor, 2020	
1.1 ESTADO:							
		Sergipe					
1.2 MUNICÍPIO							
		Maruim					
1.3 BAIRRO							
		São José					
1.4 LOGRADOURO							
		Praça da Bandeira					
1.5 N° S/N							
		S/N					
7. PROPRIETÁRIO							
7.1 ANTIGO	Ananias Carlos Viana						
7.1 ATUAL	Alaíde Viana						
8. CARACTERIZAÇÃO							
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO		8.2 PROPRIEDADE					
Século XIX		Privada					
Século XX		Pública					
Século XXI							
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO					
Largura	6,11	1 Acima da rua					
Comprimento	9,76	Abaixo					
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA					
Eclético		Comercial					
Neoclássico		Industrial					
Neogótico		Residencial					
Art Decó		Institucional					
II Reinado							
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA					
Antigo	Fábrica de Mamona	Plano					
Atual	Residência	Declive					
		Aclive					
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA							
De acordo com proprietária (VIANA, 2020), o imóvel foi comprado pelo seu pai na década de 1970, quando havia lá uma Fábrica de Mamona.							

Quando a fábrica deixou de funcionar, a atual proprietária passou a residir com sua família, do início da década de 1990 até os dias de hoje, e nesse período fez as adaptações necessárias para o uso residencial, como a alteração do nível, construção dos cômodos e substituição das esquadrias.

ARQUITETÔNICA

Edificação térrea, porta e janela. Os vãos da porta e da janela foram preenchidos para comportar fechamentos de dimensões menores. Nas extremidades da edificação, existem duas colunatas com base, corpo e coroamento, sustentando o beiral (beira e sob beira).



Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos.
Fonte: Autor, 2019

10. MATERIAIS

PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS
- Alvenaria de pedra calcária - Alvenaria de tijolo maciço - Revestimento de argamassa	- Telhado duas águas, com telha capa e canal. - Apresenta beira e sob beira sobre paredes da fachada principal.	- Abertura interna com verga arco abaulado. - Portas de janela e madeira.

11. CONSERVAÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
Íntegro	Bom	Histórico
Pouco alterado	Precário	Artístico
Muito alterado	Em arruinamento	Paisagístico
Descaracterizado	Arruinado	Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	Urbano
O nível foi alterado, as paredes do 2º Pav. foram demolidas e as esquadrias foram substituídas.	A sob beira está em estado de arruinamento. Maior parte das paredes estão com o material exposto, sem revestimento.	Obs.: Enquanto antiga fábrica, possui papel importante para a história. Enquanto objeto construído, constitui a paisagem da praça da bandeira.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)

REFERÊNCIAS

- VIANA, Alaíde. Entrevista concedida à Paulo Makalyster Martins Santos, 2020.

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 15

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR A

DATA: 25/01/2020



1. NOME		3. QUADRA	
Casa do Tamarineiro		5	
2. TIPO		4. LOTE	
Edifício geminado no lado esquerdo e do lado direito, térreo e de esquina		15	
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO	
	1.1 ESTADO:	Planta indisponível	
	Sergipe		
	1.2 MUNICÍPIO		
	Maruim		
	1.3 BAIRRO		
São José	6.1 IDENTIFICAÇÃO		
1.4 LOGRADOURO	Praça da Bandeira		
1.5 Nº S/N	S/N		
7. PROPRIETÁRIO			
7.1 ANTIGO	Desconhecido		
7.1 ATUAL	Desconhecido		
8. CARACTERIZAÇÃO			
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	8.2 PROPRIEDADE		
☒ Século XIX	☒ Privada		
☐ Século XX	☐ Pública		
☐ Século XXI			
8.3 DIMENSÕES (m)	8.4 GABARITO	Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019	
Largura	1 Acima da rua		
Comprimento	Abaixo		
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO	8.6 TIPOLOGIA		
☐ Eclético	☐ Comercial		
☐ Neoclássico	☐ Industrial		
☐ Neogótico	☒ Residencial		
☐ Art Decó	☐ Institucional		
☒ Il Reinado		Legenda: Fachada principal. Fonte: Autor, 2019	
8.7 USO	8.8 TOPOGRAFIA		
Antigo	Residencial		
Atual	Residencial	☒ Declive	
		Active	
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA			
- Nenhuma referência histórica.			
		Legenda: Lateral reformada. Fonte: Autor, 2019	

			
ARQUITETÔNICA			
Edificação retangular, de esquina, com o acesso votado para a rua Porto Velho. Possui diversos pilares de pedra calcária espalhados pelo lote que a edificação ocupa, devendo-se investigar sua localização e distribuição dentro da casa. Possui uma porta e uma janela, além de uma espécie de varanda na lateral direita.			
		Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos. Fonte: Autor, 2019	
10. MATERIAIS			
PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS	
▪ Colunas de pedra calcária ▪ Alvenaria de tijolo cerâmico ▪ Revestimento de argamassa	▪ Telhado em duas águas, com telhas cerâmicas tipo capa e canal.	▪ Aberturas quadradas nas porta e na janela.	
11. CONSERVAÇÃO			
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE	
☐ Integro	☐ Bom	☒	Histórico
☐ Pouco alterado	☐ Precário	☐	Artístico
☐ Muito alterado	☒ Em arruinamento	☐	Paisagístico
☒ Descaracterizado	☐ Arruinado	☒	Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	Obs.:	
A edificação antiga quase não pode ser mais percebida, restando somente antigas colunas e fundações de pedra calcária.	Pintura descascada, argamassa destacando, manchas negras do envelhecimento da pintura, umidade, alvenaria aparente, ataque vegetativo.		
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)			
REFERÊNCIAS			

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 16

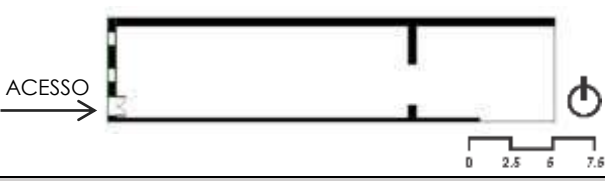
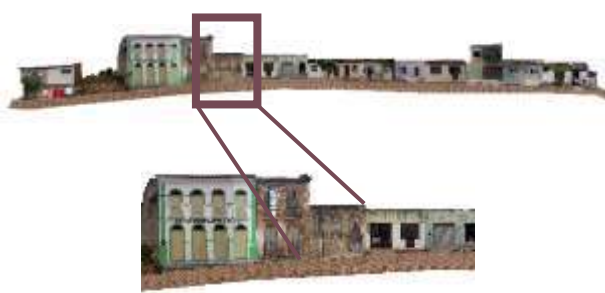
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR A

DATA: 05/01/2020



1. NOME		3. QUADRA																			
Casa Neogótica		5																			
2. TIPO		4. LOTE																			
Edifício geminado no lado esquerdo e do lado direito, térreo e de esquina		16																			
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO																			
		 ACESSO → 0 2.5 5 7.5																			
				6.1 IDENTIFICAÇÃO																	
																					
						7. PROPRIETÁRIO															
																					
8. CARACTERIZAÇÃO																					
																					
		8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO																			
		8.2 PROPRIEDADE																			
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30px;">Século XIX</td> <td style="width: 30px;">☒</td> </tr> <tr> <td>Século XX</td> <td>☐</td> </tr> <tr> <td>Século XXI</td> <td>☐</td> </tr> </table> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30px;">Privada</td> <td style="width: 30px;">☒</td> </tr> <tr> <td>Pública</td> <td>☐</td> </tr> </table>		Século XIX	☒	Século XX	☐	Século XXI	☐	Privada	☒	Pública	☐	Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019									
Século XIX	☒																				
Século XX	☐																				
Século XXI	☐																				
Privada	☒																				
Pública	☐																				
8.3 DIMENSÕES (m)																					
8.4 GABARITO																					
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30px;">Largura</td> <td style="width: 30px;">6,52</td> </tr> <tr> <td>Comprimento</td> <td>27,83</td> </tr> </table>		Largura	6,52	Comprimento	27,83	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30px;">1</td> <td style="width: 30px;">Acima da rua</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Abaixo</td> </tr> </table>		1	Acima da rua		Abaixo										
Largura	6,52																				
Comprimento	27,83																				
1	Acima da rua																				
	Abaixo																				
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA																			
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30px;">Eclético</td> <td style="width: 30px;">☐</td> </tr> <tr> <td>Neoclássico</td> <td>☐</td> </tr> <tr> <td>Neogótico</td> <td>☒</td> </tr> <tr> <td>Art Decó</td> <td>☐</td> </tr> <tr> <td>Il Reinado</td> <td>☐</td> </tr> </table>		Eclético	☐	Neoclássico	☐	Neogótico	☒	Art Decó	☐	Il Reinado	☐	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30px;">Comercial</td> <td style="width: 30px;">☐</td> </tr> <tr> <td>Industrial</td> <td>☐</td> </tr> <tr> <td>Residencial</td> <td>☒</td> </tr> <tr> <td>Institucional</td> <td>☐</td> </tr> </table>		Comercial	☐	Industrial	☐	Residencial	☒	Institucional	☐
Eclético	☐																				
Neoclássico	☐																				
Neogótico	☒																				
Art Decó	☐																				
Il Reinado	☐																				
Comercial	☐																				
Industrial	☐																				
Residencial	☒																				
Institucional	☐																				
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA																			
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30px;">Antigo</td> <td style="width: 30px;">Residencial</td> </tr> <tr> <td>Atual</td> <td>Sem uso</td> </tr> </table>		Antigo	Residencial	Atual	Sem uso	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 30px;">Plano</td> <td style="width: 30px;">☐</td> </tr> <tr> <td>Declive</td> <td>☒</td> </tr> <tr> <td>Active</td> <td>☐</td> </tr> </table>		Plano	☐	Declive	☒	Active	☐								
Antigo	Residencial																				
Atual	Sem uso																				
Plano	☐																				
Declive	☒																				
Active	☐																				
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA																					
- Nenhuma referência histórica foi encontrada.																					
Legenda: Detalhes de portas e janelas. Fonte: Autor, 2019																					

ARQUITETÔNICA																													
Edificação térrea de uma porta e duas janelas, geminada nos dois lados. Construída no alinhamento da rua, a edificação possui seu elemento construtivo estrutural exposto, sem revestimento. O material predominante é a pedra calcária, mas possui também tijolos constituindo os arcos ogivais. As aberturas de madeira encontram-se em estado precário. Somente uma parede interna foi identificada, mesmo assim em ruína e baixa, com resquício de desmoronamento ou demolição.																													
			Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos. Fonte: Autor, 2019																										
10. MATERIAIS																													
PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS																											
- Alvenaria de pedra calcária - Alvenaria de tijolo maciço	- Sem telhado, mas provavelmente possuía um telhado em duas águas, com telhas cerâmicas tipo capa e canal. - Cimalha	- Aberturas retangulares de madeira nas janelas e porta. - Bandeiras em arco ogival preenchidas com alvenaria de adobe																											
11. CONSERVAÇÃO																													
ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTADO DE PRESERVAÇÃO																											
<table><tr><td></td><td>Íntegro</td><td></td><td>Bom</td></tr><tr><td></td><td>Pouco alterado</td><td></td><td>Precário</td></tr><tr><td></td><td>Muito alterado</td><td></td><td>Em arruinamento</td></tr><tr><td></td><td>Descaracterizado</td><td></td><td>Arruinado</td></tr></table>			Íntegro		Bom		Pouco alterado		Precário		Muito alterado		Em arruinamento		Descaracterizado		Arruinado	<table><tr><td></td><td>Histórico</td></tr><tr><td></td><td>Artístico</td></tr><tr><td></td><td>Paisagístico</td></tr><tr><td></td><td>Arquitetônico</td></tr><tr><td></td><td>Urbano</td></tr></table>			Histórico		Artístico		Paisagístico		Arquitetônico		Urbano
	Íntegro		Bom																										
	Pouco alterado		Precário																										
	Muito alterado		Em arruinamento																										
	Descaracterizado		Arruinado																										
	Histórico																												
	Artístico																												
	Paisagístico																												
	Arquitetônico																												
	Urbano																												
Obs.: Sem argamassa de revestimento, sem divisórias internas, sem cobertura e sem piso visível		Obs.: Manchas negras nas pedras, vegetação no interior da edificação, madeira das aberturas deteriorada.																											
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)																													
-																													
REFERÊNCIAS																													
-																													

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 17

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

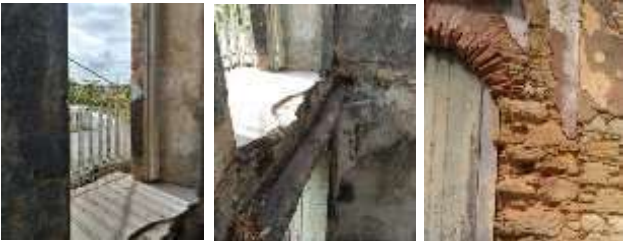
RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR A

DATA: 17/01/2020



1. NOME		3. QUADRA	
Missão Católica Nova Aliança		5	
2. TIPO		4. LOTE	
Edifício geminado no lado esquerdo e do lado direito, assobradado		17	
5. LOCALIZAÇÃO		6. PLANTA	
 1.1 ESTADO: Sergipe 1.2 MUNICÍPIO Maruim 1.3 BAIRRO Centro 1.4 LOGRADOURO Rua Porto Velho 1.5 Nº S/N		ACESSO →  0 2.5 5 7.5 Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019	
7. PROPRIETÁRIO		7. IDENTIFICAÇÃO	
7.1 ANTIGO	Elber Maia	 	
7.1 ATUAL	Cleberton Lima		
8. CARACTERIZAÇÃO			
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	8.2 PROPRIEDADE	Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019 	
Século XIX	Privada		
Século XX	Pública		
Século XXI			
8.3 DIMENSÕES (m)	8.4 GABARITO	Legenda: Fachada principal. Fonte: Autor, 2019 	
Largura	4,60		
Comprimento	32,06		
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO	8.6 TIPOLOGIA	Legenda: Fachadas internas. Fonte: Autor, 2019 	
Eclético	Comercial		
Neoclássico	Industrial		
Neogótico	Residencial		
Art Decó	Institucional		
Il Reinado			
8.7 USO	8.8 TOPOGRAFIA		
Antigo	Residencial		
Atual	Sem uso		
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA			
Segundo os proprietários, o sobrado era parte do Centro espirita que hoje fica ao seu lado esquerdo, que afirmam ter pertencido a um comerciante alemão. Sua data de construção não é conhecida, mas essa edificação consta em fotografia de 1860. Encontra-se em estado de			

ruína desde que perdeu sua função residencial. Em 2017 foi doada ao Padre Cleberton com o objetivo de se tornar um local de incentivo à cultura, ao conhecimento e sirva também a práticas religiosas ligadas à Igreja Católica.		
ARQUITETÔNICA		
Edificação assobradada que se encontra em ruína, com duas portas e duas janelas na fachada frontal. Os vãos das envasaduras são em arco pleno. Nas janelas superiores existe ainda o gradil de ferro que criam balcões para as mesmas. A estrutura é feita de pedra calcária e os arcos de tijolo. Existe no lado esquerdo da edificação uma antiga abertura que dava acesso à edificação vizinha, mas que foi preenchida, restando somente a demarcação do arco que a constituía. Não possui telhado, nem as lajes que constituíam os três pavimentos da edificação, restou somente a marcação que sinaliza onde ficavam as lajes e as escadas.		
 		
Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos. Fonte: Autor, 2019		
10. MATERIAIS		
PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	ABERTURAS
- Alvenaria de pedra calcária - Alvenaria de tijolo maciço - Revestimento de argamassa	- Sem telhado, mas provavelmente possuía um telhado em quatro águas, com telhas cerâmicas tipo capa e canal. - Apresenta beira e sob beira sobre paredes.	- Abertura interna com verga reta e externa com arco pleno - Gradil de ferro nos balcões das janelas da fachada principal.
11. CONSERVAÇÃO		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
☐ Íntegro	☐ Bom	☐ Histórico
☐ Pouco alterado	☐ Precário	☐ Artístico
☐ Muito alterado	☐ Em arruinamento	☐ Paisagístico
☒ Descaracterizado	☒ Arruinado	☒ Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	Obs.:
A edificação encontra-se em estado de ruína.	A edificação encontra-se em estado de ruína. Contudo, os novos proprietários fazem a limpeza e remoção da vegetação que ataca o que restou da estrutura das paredes.	Obs.: Encontra-se em uma rua com forte referência histórica para a cidade e para os visitantes. É uma edificação bastante lembrada quando se menciona o patrimônio arquitetônico da cidade.
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)		
REFERÊNCIAS		
- SILVA, M. L. M. C. E. Inventário Cultural de Maruim; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994. - CANUTO, Odevan. Entrevista concedida a Paulo Makalyster Martins Santos. Data: 14 de agosto de 2019		

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 18

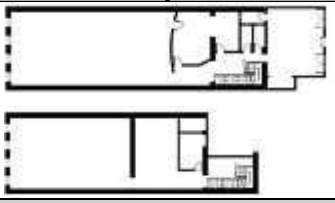
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR A

DATA: 17/01/2020

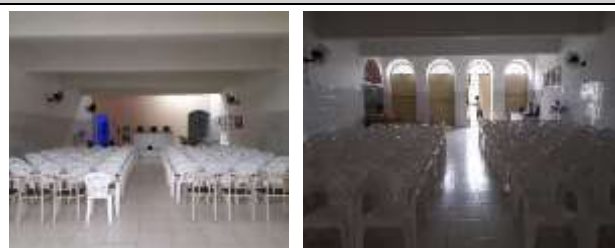


1. NOME		3. QUADRA	
Centro Espírita Amélia Alves		5	
2. TIPO		4. LOTE	
Edifício geminado no lado direito, assobradado		18	
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO	
	1.1 ESTADO:		
	Sergipe		
	1.2 MUNICÍPIO		
	Maruim		
	1.3 BAIRRO		
Centro			
1.4 LOGRADOURO			
Rua Porto Velho			
1.5 N°	Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019		
S/N	6.1. IDENTIFICAÇÃO		
7. PROPRIETÁRIO			
7.1 ANTIGO	Desconhecido		
7.1 ATUAL	Lindinalva Moura Canuto		
8. CARACTERIZAÇÃO			
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	8.2 PROPRIEDADE		
☒ Século XIX	☒ Privada		
☐ Século XX	☐ Pública		
☐ Século XXI			
8.3 DIMENSÕES (m)		8.4 GABARITO	
Largura	8,33	2	Acima da rua
Comprimento Pav. 1	32,71		Abaixo
Comprimento Pav. 2	26,72		
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO		8.6 TIPOLOGIA	
☐ Eclético	☐ Comercial		
☒ Neoclássico	☐ Industrial		
☐ Neogótico	☒ Residencial		
☐ Art Decó	☐ Institucional		
☐ Il Reinado			
8.7 USO		8.8 TOPOGRAFIA	
Antigo	Residencial		Plano
Atual	Centro Espírita	☒	Declive
			Active
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA			
Segundo informações dos atuais proprietários, a edificação pertencia a um comerciante alemão,			
			
Legenda: Interior, térreo. Fonte: Autor, 2019			

Legenda: Edificação e entorno. **Fonte:** Autor, 2019



Legenda: Fachada principal: século XX e **Fonte:** Autor, 2019



contudo essas informações não puderam ser comprovadas por nenhuma bibliografia disponível. Até 1970 esteve em estado de ruína, quando foi doada a uma Instituição religiosa para a criação do Centro Espírita Amélia Alves. Hoje o local serve para reuniões mediúnicas, e evangelização de crianças da comunidade.		
ARQUITETÔNICA		
Edificação retangular com o acesso votado para a rua Porto Velho. Possui quatro portas e quatro janelas na fachada principal. Todas em arco pleno. Possui cimalha que sustenta o telhado do segundo pavimento. Possui decoração na fachada que ora acompanha a curva das janelas, ora faz uma curvatura à altura do guarda corpo, até voltar a contornar as janelas. As quatro janelas possuem balcão e guarda corpo de ferro. As janelas e as portas possuem bandeira de gradil de ferro. As extremidades da edificação possuem uma marcação como de colunas com base, corpo e coroamento.		
		
Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos. Fonte: Autor, 2019		
10. MATERIAIS		
PAREDES EXTERNAS - Alvenaria de pedra calcária - Alvenaria de tijolo maciço - Revestimento de argamassa	COBERTURA - Telhado com duas águas, fibrocimento - Cimalha sustentando o beiral	/ABERTURAS - Abertura interna com verga reta e externa com arco pleno - Abertura à edificação vizinha foi fechada e transformada em estante para livros.
11. CONSERVAÇÃO		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
☐ Íntegro	☐ Bom	☐ Histórico
☐ Pouco alterado	☐ Precário	☐ Artístico
☒ Muito alterado	☐ Em arruinamento	☐ Paisagístico
☐ Descaracterizado	☐ Arruinado	☐ Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	Obs.:
Substituição de esquadrias, demolição do 3º Pavimento, criação de novos cômodos.	Devido ao uso frequente (semanal), a edificação está em bom estado de conservação.	Nesta rua, é a primeira e única edificação que teve o uso restaurado depois de experimentar a ruína por muitos anos.
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)		
- A Instituição tem ações de solidariedade, distribuindo sopa nas segundas-feiras.		
REFERÊNCIAS		
- SILVA, M. L. M. C. E. Inventário Cultural de Maruim; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994. - Acervo digital da Oficina de Projetos LTDA - Acervo digital de Tatiana Silva Sales - CANUTO, ODEVAN. Entrevista concedida a Paulo Makalyster Martins Santos. Data: 14 de agosto de 2019		

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 19

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR B

DATA: 24/01/2020



1. NOME		3. QUADRA			
Colortextil Nordeste Ltda		2			
2. TIPO		4. LOTE			
Edifício geminado no lado esquerdo e do lado direito, térreo e de esquina		19			
5. LOCALIZAÇÃO		6. PLANTA			
		Planta Indisponível			
				1.1 ESTADO:	
				Sergipe	
				1.2 MUNICÍPIO	
				Maruim	
				1.3 BAIRRO	
Lachez		Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019			
1.4 LOGRADOURO					
Rua Industrial					
1.5 Nº		7. IDENTIFICAÇÃO			
S/N					
7. PROPRIETÁRIO					
7.1 ANTIGO	Dantas & Cia				
7.1 ATUAL	Color Textil Nordeste Ltda				
8. CARACTERIZAÇÃO					
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	8.2 PROPRIEDADE				
☒ Século XIX	☒ Privada				
☐ Século XX	☐ Pública				
☐ Século XXI					
8.3 DIMENSÕES (m)	8.4 GABARITO				
Largura	1 Acima da rua				
Comprimento	Abaixo				
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO	8.6 TIPOLOGIA				
☐ Eclético	☒ Comercial				
☐ Neoclássico	☐ Industrial				
☐ Neogótico	☐ Residencial				
☒ Art Decó	☐ Institucional				
☐ Il Reinado					
8.7 USO	8.8 TOPOGRAFIA	Legenda: Fachada principal. Fonte: Autor, 2019			
Antigo	Fábrica				
Atual	Fábrica textil				
					
9. DESCRIÇÃO		Legenda: Vista lateral direita. Fonte: Autor, 2019			
HISTÓRICA					
Segundo SILVA (1994, p. 109), a Fábrica foi fundada em 1928 como Sergipe Fabril e deixou de funcionar em 1967 por causa da crise financeira da época. No dia 05 de					

fevereiro de 1969 foi sucedida pela MAISA – Maruim Industrial S/A. Hoje, a fábrica ainda trabalha com a indústria de tecidos e chama-se Color Têxtil Nordeste Ltda.		
ARQUITETÔNICA		
Edificação constituída por vários blocos. O principal, no estilo Art Decó, possui elementos escalonados na platibanda. Mais próximo da rua, está um bloco retangular, com varandas e alpendres. Mais próximo do rio está outro bloco com aspecto mais moderno. Na frente do rio os resquícios do porto de pedras que servia à fábrica.		
Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos. Fonte: Autor, 2019		
10. MATERIAIS		
PAREDES EXTERNAS	COBERTURA	/ABERTURAS
- Alvenaria de pedra calcária - Alvenaria de tijolo maciço - Revestimento de argamassa	- Não é possível perceber a formação da cobertura do prédio principal - O bloco mais próximo da rua possui telhado de fibrocimento	Abertura interna com verga reta e externa com arco pleno
11. CONSERVAÇÃO		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO	ESTADO DE PRESERVAÇÃO	INTERESSE
☒ Íntegro	☒ Bom	☒ Histórico
☐ Pouco alterado	☐ Precário	☐ Artístico
☐ Muito alterado	☐ Em arruinamento	☐ Paisagístico
☐ Descaracterizado	☐ Arruinado	☒ Arquitetônico
Obs.:	Obs.:	☒ Urbano
O edifício principal conserva íntegra sua estrutura, do que se pode observar do exterior.	O uso fabril, o mesmo para o qual foi criada, possibilita ao edifício bom desempenho funcional.	Obs.: A Fábrica foi extremamente importante para o desenvolvimento econômico e histórico da cidade. Possui uma arquitetura íntegra e significativa, além da relação urbana criada com o bairro Lachez, que se organizou em dependência da fábrica.
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)		
-		
REFERÊNCIAS		
- SILVA, M. L. M. C. E. Inventário Cultural de Maruim; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.		

INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

Nº 20

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

RESPONSÁVEL: Paulo Makalyster Martins Santos

SETOR B

DATA: 24/01/2020



1. NOME		3. QUADRA		
Fábrica de Bebidas Hannequim				
2. TIPO		4. LOTE		
Edifício isolado		20		
5. LOCALIZAÇÃO		6. IDENTIFICAÇÃO		
		1.1 ESTADO:		
		Sergipe		
		1.2 MUNICÍPIO		
		Maruim		
		1.3 BAIRRO		
Lachez		Planta Indisponível Legenda: Planta baixa. Fonte: Autor, 2019		
1.4 LOGRADOURO				
Rua Lachez de Baixo				
1.5 N°		6.1 IDENTIFICAÇÃO		
S/N				
7. PROPRIETÁRIO				
7.1 ANTIGO	José Francisco de Hannequim			
7.1 ATUAL	Metal PUV			
8. CARACTERIZAÇÃO				
8.1 ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	8.2 PROPRIEDADE	Legenda: Edificação e entorno. Fonte: Autor, 2019		
☐ Século XIX	☒ Privada			
☒ Século XX	☐ Pública			
☐ Século XXI				
8.3 DIMENSÕES (m)	8.4 GABARITO			
Largura	-	1 Acima da rua		
Comprimento	-	Abaixo		
8.5 ESTILO ARQUITETÔNICO	8.6 TIPOLOGIA			
☐ Eclético	☐ Comercial			
☐ Neoclássico	☒ Industrial			
☐ Neogótico	☐ Residencial			
☒ Art Decó	☐ Institucional			
☐ Il Reinado				
8.7 USO	8.8 TOPOGRAFIA	Legenda: Fachada principal. Fonte: Autor, 2019		
Antigo	Fábrica de bebidas			☒ Plano
Atual	Sem uso			☐ Declive
		☐ Aclive		
9. DESCRIÇÃO HISTÓRICA				
Foi fundada em 1904 por José Francisco Hannequim como destilaria de cachaça e com o tempo transformou-se em Fábrica. Segundo SILVA (1994, p.114), a fábrica chegou a ganhar o maior prêmio da Exposição Nacional				
Legenda: Detalhes da fachada. Fonte: Autor, 2019				

em 1908. Com a morte de Hannequim, a fábrica foi sendo passada para diversos proprietários até ter seu uso alterado para fábrica de gesso (PUV) e em seguida para uma fábrica metalúrgica (Metal Ferro). De acordo com o funcionário da Metal Ferro, o sr. Alexandre Santos (2019), como essas novas atividades não fizeram uso do prédio da antiga fábrica, ele está em estado de ruína e os maquinários destinados à produção de bebida foram levados pelo dono para outros lugares.				
ARQUITETÔNICA Edificação quadrada, localizada em um ponto isolado no lote. Pouco restou da edificação, somente suas paredes estão de pé do que é possível perceber diante do atual estado de ruína. Se percebe ainda os vãos das portas e janelas, além da platibanda em Art Déco escalonado. Em anexo, foi construída outra estrutura que serviu e serve aos usos posteriores (Fábrica de gesso e Metal PUV).				
			Legenda: Detalhes de materiais e elementos construtivos. Fonte: Autor, 2019	
10. MATERIAIS				
PAREDES EXTERNAS - Alvenaria de tijolo maciço - Revestimento de argamassa		COBERTURA Sem telhado, mas provavelmente era constituído por telhas cerâmicas tipo capa e canal.		/ABERTURAS Aberturas retangulares
11. CONSERVAÇÃO				
ESTADO DE CONSERVAÇÃO		ESTADO DE PRESERVAÇÃO		INTERESSE
Íntegro		Bom		Histórico
Pouco alterado		Precário		Artístico
Muito alterado		Em arruinamento		Paisagístico
Descaracterizado		Arruinado		Arquitetônico
Obs.:		Obs.:		Urbano
Esquadrias faltantes, sem cobertura, tomada por vegetação alta, e diversos níveis de danos na estrutura, como umidade, crostra negra, fungos, etc.		Pintura descascada, argamassa destacando, manchas negras do envelhecimento da pintura e da umidade. Alvenaria aparente.		Obs.: De suma importância para o desenvolvimento da cidade e do bairro, além de contar com uma arquitetura significativa para a cidade e para o contexto histórico da época.
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES (manifestações culturais, ocorrências de interesse arqueológico)				
REFERÊNCIAS				
- SILVA, M. L. M. C. E. Inventário Cultural de Marumim; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994. - Acervo digital da Oficina de Projetos LTDA - Acervo digital de Tatiana Silva Sales - SANTOS, Alexandre dos Santos. Entrevista concedida a Paulo Makalyster Martins Santos. Data: 1 de agosto de 2019				

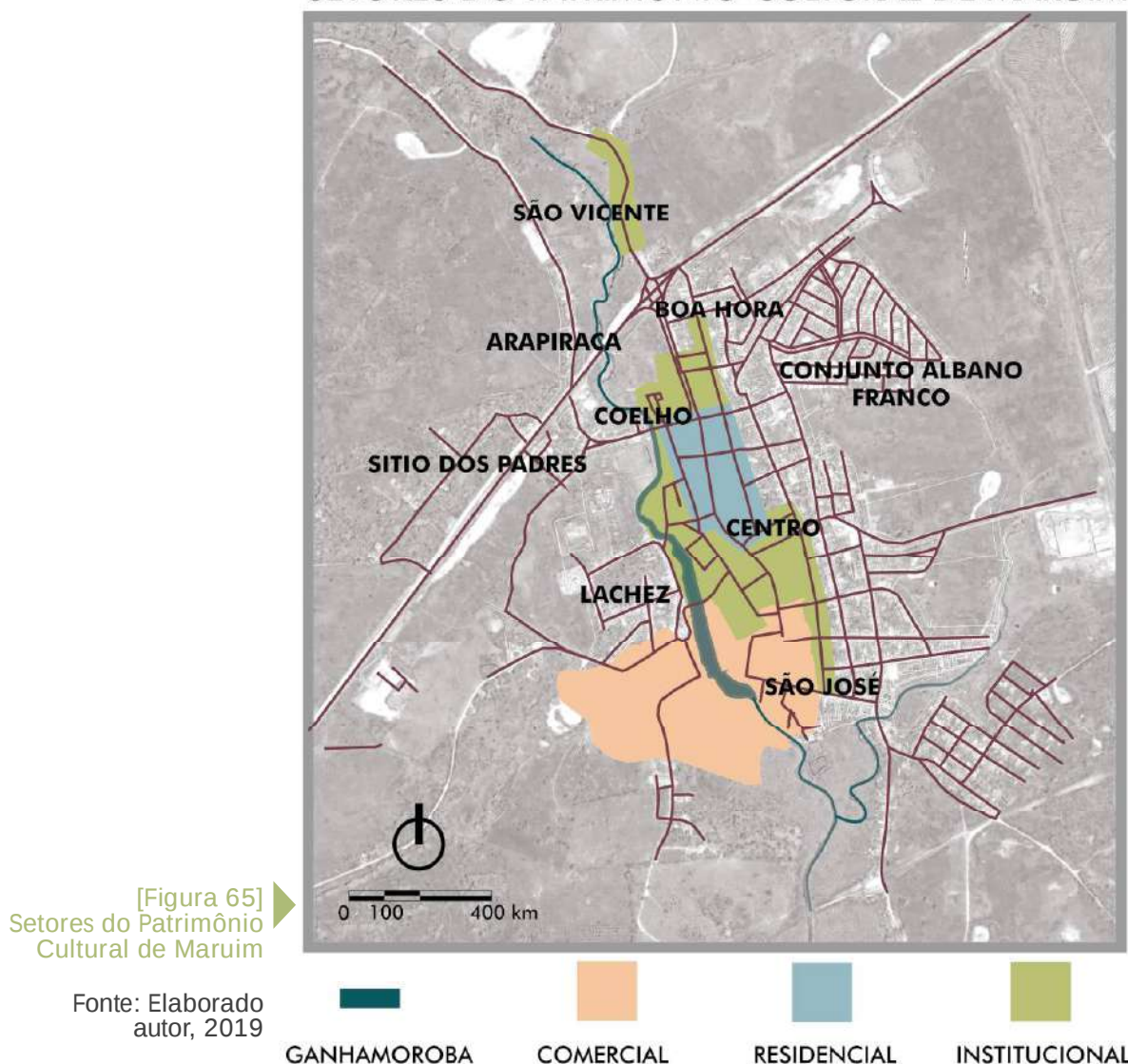
capítulo três



Concluídas as etapas de Aproximação e Diagnóstico, já existem subsídios históricos e técnicos suficientes para a elaboração de uma proposta de PGC-Maruíim que considere os valores do Patrimônio, que não seja prejudicial ao desenvolvimento harmônico da cidade e que seja capaz de conciliar preservação e modernidade.

A poligonal sobre a qual atuará o PGC considera os critérios estabelecidos ao longo deste trabalho para a delimitação do perímetro de estudo (rever Prancha I). É importante esclarecer que o Patrimônio Cultural de Maruíim não se restringe a essa poligonal. Enquanto cidade, o patrimônio pode ser dividido - a nível de análise para este trabalho - em três setores: Comercial, Institucional e Residencial (Figura 65). A poligonal em questão diz respeito somente ao Setor Comercial. Assim, é clara a necessidade de posterior ampliação deste plano para os demais setores da cidade a fim de que todo o seu patrimônio seja contemplado.

SETORES DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MARUIM



O PGC-Maruim possui Jurisdição Municipal, ou seja, tem total liberdade de estabelecer e selecionar áreas de interesse cultural e incluí-las no conjunto tombado. No uso de suas atribuições e tendo por base as Legislações Internacionais do Patrimônio, além da própria Constituição Brasileira, o Plano estabelece diretrizes e critérios de preservação para o perímetro selecionado. Além disso, as áreas que estiverem inseridas nele também receberão estímulos nas funções públicas e privadas de modo que seja um conjunto dinâmico e multifuncional.

Os objetivos do Plano de Gestão da Conservação do Patrimônio de Maruim/SE são:

1. Desenvolver, fiscalizar e implementar políticas de preservação para imóveis, espaços urbanos e paisagem natural da área delimitada;
2. Desenvolver a seleção e o cadastro de edificações e espaços que serão atingidos por esse Plano;
3. Apresentar os instrumentos técnicos com os quais os órgãos municipais poderão agir sobre o patrimônio;
4. Instituir um comitê que seja responsável pela Gestão do patrimônio de Maruim

3.1 GESTÃO DO PATRIMÔNIO

A Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988) atribui aos Poderes Públicos a proteção e a promoção do Patrimônio Cultural Brasileiro. Partindo deste princípio, propõe-se a criação do Departamento do Patrimônio, a ser instituído como uma atribuição da Secretaria de Cultura. No município de Maruim, este será o órgão responsável pela gestão e administração da área selecionada e dos imóveis cadastrados. Suas funções serão, especialmente:

1. Fiscalização e monitoramento do PGC-Maruim;
2. Disponibilizar suporte técnico que participe do processo de cadastro de imóveis e espaços
3. Permitir e estimular a difusão dos resultados da política de gestão
4. Dialogar com os órgãos, entidades ou proprietários, afim de obter deles os planos individuais, planilhas orçamentárias, relatórios e documentos que explicitem o planejamento individual de cada imóvel ou área.
5. As edificações, conjuntos e paisagens tombadas pelo PGC-Maruim serão da sua inteira responsabilidade no que diz respeito à fiscalização, acompanhamento, documentação e mapeamento.

3.2 AS ESCALAS DE PRESERVAÇÃO

O patrimônio identificado neste estudo requer diretrizes distintas quanto às exigências para sua conservação e isso se deve às diferentes escalas em que ele pode ser analisado. Podem ser entendidas como três: Arquitetônica, Urbana e Paisagística. Assim, a PGC do Patrimônio em Maruim deve preservar as características fundamentais de cada uma dessas escalas trazendo diretrizes específicas para cada uma delas.

a) A Escala Arquitetônica diz respeito aos bens de interesse arquitetônico que apresentam valores construtivos, históricos e estéticos e que por isso merecem um nível de proteção diferenciado. Assim, algumas edificações se tornam objeto de preservação integral ou parcial, passando pelo processo de tombamento. Esta escala pode ser subdividida em:

1. Preservação Integral e Arqueológica (PIA)
2. Preservação da Edificação (PE)
3. Preservação do Volume (PV)
4. Preservação da Fachada (PF)

b) A Escala Urbana é a escala que relaciona as edificações umas com as outras, com os seus lotes e quadras. É melhor entendida como o conjunto das edificações mais simples, que em si mesmas não possuem nenhuma característica irrepetível e única. Mas que em conjunto com as demais edificações, com as ruas e com a vegetação que toma o interior das quadras (e que muitas vezes pode ser observada da rua) constituem o patrimônio urbano e ambiental da cidade. Elementos importantes dessa escala são: o alinhamento das edificações na calçada; o segmento, por vezes, do mesmo gabarito; a relação que as edificações têm umas com as outras tanto de estrutura (parede) quanto de cobertura (telhado). Esta escala pode ser subdividida em:

6. Preservação Urbana de Conjunto Histórico (PUCH)
7. Preservação Urbana de Ambiência (PUA)

c) A Escala Paisagística se refere principalmente aos bens de interesse ambiental, que são as colinas, a cobertura vegetal, o rio e o manguezal, visto que juntos constituem a principal paisagem do perímetro de estudo. Esta escala pode ser subdividida em:

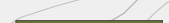
7. Preservação da Paisagem Natural de Encostas (PPNE)
8. Preservação da Paisagem Natural (PPN)

O mapa de Escalas de Preservação (Prancha XI) sintetiza as áreas de preservação, além de fazer a divisão das edificações, ruas e paisagens nos grupos em que elas melhor se encaixarem.

**PERÍMETRO URBANO
DE MARUIM/SE
SEM ESCALA**

**ESCALAS DE PRESERVAÇÃO
Esc.: 1/500**

LEGENDA

-  RIO GANHAMOROBA
-  EDIFICAÇÕES
-  ESCALA ARQUITETÔNICA
-  01 - PRESERVAÇÃO INTEGRAL E ARQUEOLÓGICA
-  02 - PRESERVAÇÃO INTEGRAL DA EDIFICAÇÃO
-  03 - PRESERVAÇÃO DO VOLUME
-  04 - PRESERVAÇÃO DA FACHADA
-  ESCALA URBANA
-  05 - PRESERVAÇÃO URBANA DE CONJUNTO HISTÓRICO
-  06 - PRESERVAÇÃO URBANA DE AMBIÊNCIA
-  ESCALA PAISAGÍSTICA
-  08 - PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL DE ENCONSTAS
-  09 - PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL
-  ESPAÇOS PÚBLICOS E ÁREAS VERDES

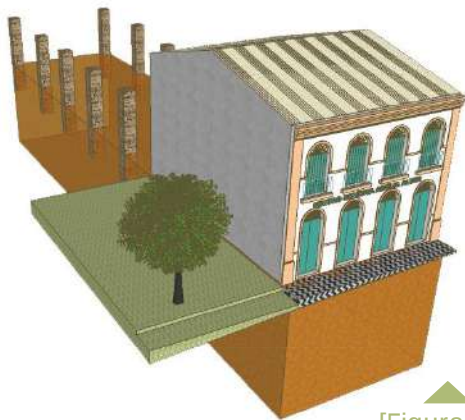
PRANCHA XI

AUTOR: PAULO MAKALYSTER MARTINS SANTOS
DATA: 11/03/2020

3.2.1 ESCALA ARQUITETÔNICA

As características de algumas edificações, suas particularidades, valores históricos e arquitetônicos, justificam os mecanismos de salvaguarda que assegurem a integridade do imóvel, ou seja, o tombamento. Dentro do perímetro, algumas edificações foram selecionadas graças ao seu grau de importância para a história e para a arquitetura de Maruim. As edificações selecionadas devem manter as características de tipologia e de ocupação que garantam a manutenção dos valores do conjunto tombado. Para fins de preservação, estas edificações podem ser classificadas em quatro grupos:

1. PRESERVAÇÃO INTEGRAL E ARQUEOLÓGICA (PIA)

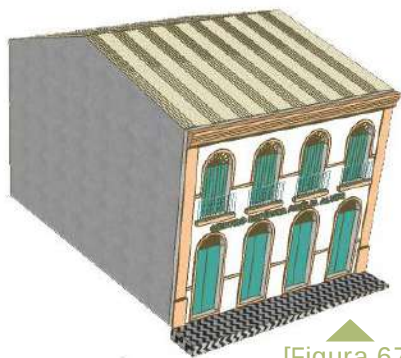


[Figura 66]
Preservação Integral e Arqueológica
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

São as edificações que tiveram papel direto na história da cidade graças à função que desempenharam/desempenham para a constituição do patrimônio histórico. Além disso, mantêm íntegras ou bastante perceptíveis as características arquitetônicas que lhe conferem valor e autenticidade interna e externamente. Estas edificações são mantidas em relação direta e de dependência com o sítio arqueológico, também ainda a investigar futuramente. Para as edificações que estão sob a Preservação Integral e arqueológica, são deixados os seguintes critérios:

- i. Manutenção da relação entre a edificação e o arruamento, de modo a garantir que a forma de implantação seja a mais próxima do original no que diz respeito aos recuos frontais, posteriores e laterais.
- ii. Determinar a preservação integral de todos os elementos arquitetônicos e construtivos externos e dos elementos arquitetônicos e construtivos internos que estão em análise nas fichas de cadastro e nos inventários construídos para esse fim.
- iii. As divisões internas devem ser mantidas inalteradas, assim como os elementos integrados que já fazem parte do conjunto da edificação. As alterações nesses elementos podem acontecer tendo em vista a acessibilidade, a segurança e integridade dos usuários, desde que sob os critérios estabelecidos pelo município a partir de seu departamento de patrimônio histórico quanto às alterações em bens tombados.
- iv. Propor a requalificação do espaço externo da edificação, compreendendo sua relevância como parte constitutiva da bem, sejam eles jardins, largos ou quintais.
- v. A permeabilidade do solo e da densidade arbórea será preservada integralmente nos recuos frontais, laterais e posteriores.

2. PRESERVAÇÃO DA EDIFICAÇÃO (PE)



[Figura 67]
Preservação da edificação

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Compreende as edificações históricas com valor estético e construtivos inegáveis para a memória da cidade. A PE trata da preservação integral das características arquitetônicas externas, dos elementos que as compõem, como marquises, brises, cobogós, desenho de caixilharia, coberturas.

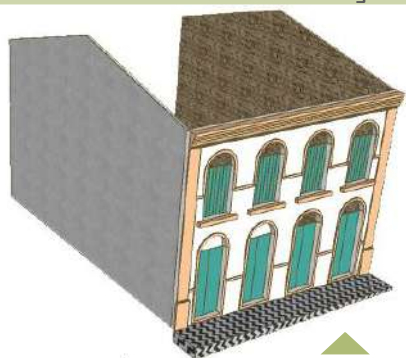
i. Para as edificações que estão em estado de ruína, propor restauração arquitetônica, seja ela de estabilização ou de uso, a depender do caso.

ii. As edificações históricas desocupadas devem ter seus usos definidos e isso de modo compatível com seu estado, sem lhe causar nenhum dano à integridade.

iii. As intervenções que objetivem melhorias nas instalações sanitárias, na funcionalidade e nas condições de habitabilidade das edificações de uso habitacional serão avaliados pelos gestores, que deverão considerar a importância dessas melhorias e o estímulo ao uso residencial.

iv. Outras intervenções são admitidas, tais como reparos sem modificação de estruturas, vedos, envasaduras, esquadrias, revestimentos, materiais e componentes arquitetônicos. Ou seja, são intervenções que visam a conservação.

3. PRESERVAÇÃO DO VOLUME (PV)



[Figura 68]
Preservação do volume

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Este nível de preservação determina o controle da volumetria externa, quando o interior já foi consideravelmente alterado. Assim, a preservação se volta às paredes, esquadrias, cobertura e piso.

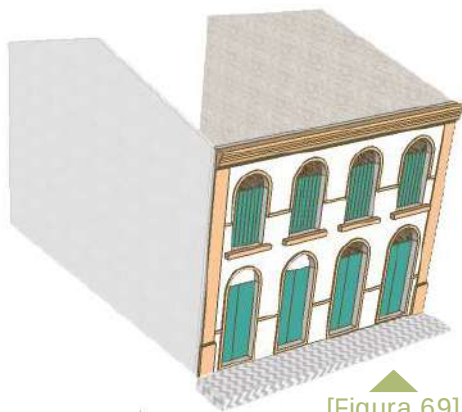
i. Manutenção da harmonia volumétrica e da orientação espacial das edificações.

ii. Em eventuais intervenções, devidamente aprovadas pelos gestores, as características volumétricas e tipológicas devem ser mantidas segundo o volume original, sem destacamentos ou alterações na tipologia.

iii. Os materiais construtivos das esquadrias e da cobertura devem ser mantidos, bem como sua geometria e tipologia.

4. PRESERVAÇÃO DA FACHADA (PF)

Nas fachadas, os elementos que marcam o estilo e a tipologia devem ser mantidos inalterados. E para esse fim, não serão permitidas quaisquer instalações que interfiram na integridade do imóvel como as instalações elétricas públicas e antenas.

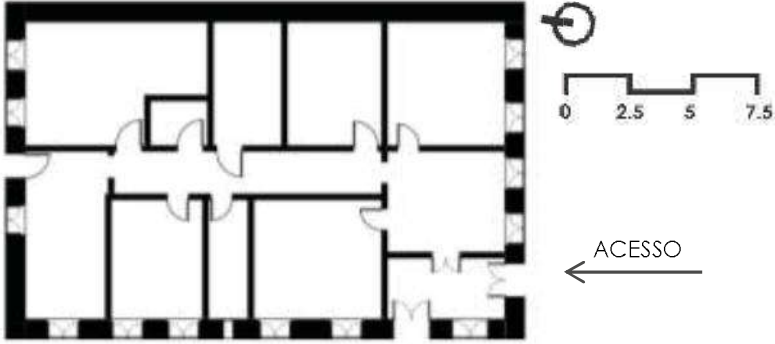


[Figura 69]
Preservação da fachada

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Propõe-se a Preservação Arquitetônica das seguintes edificações:

[Quadro 3] Preservação Delegacia

1	A sede da guarda municipal, antiga Delegacia	
		
Fonte: Autor, 2019	Fonte: Autor, 2019	
INVENTÁRIO - Ficha 01	Nível de Preservação: 01 – PIA	
Uso atual:	Sugestão de uso:	
Guarda Municipal	Como o uso atual se adequa bem à edificação e a mesma possui característica tipológicas da antiga Delegacia, deve-se optar pela manutenção do uso.	

[Quadro 4] Preservação

2	Ruína Nº 12	
	(Planta baixa indisponível)	
INVENTÁRIO - Ficha 02	Nível de Preservação: 02 – PIE	
Uso atual:	Sugestão de uso:	
Sem Uso	A tipologia residencial antiga apresentava logo após o portão de entrada um corredor descoberto e à direita a parte residencial coberta. A área descoberta, as grandes aberturas e a calçada larga sugerem um potencial comercial desde que esteja associado ao uso residencial. A proximidade com a escola já oferece um público alvo.	

[Quadro 5] Preservação Nº 12A

3	Casa Nº 12A	
	(Planta baixa indisponível)	
INVENTÁRIO - Ficha 03	Nível de Preservação: 04 – PF	
Uso atual:	Sugestão de uso:	
Residencial	A tipologia se adequa ao uso atual como edificação residencial.	

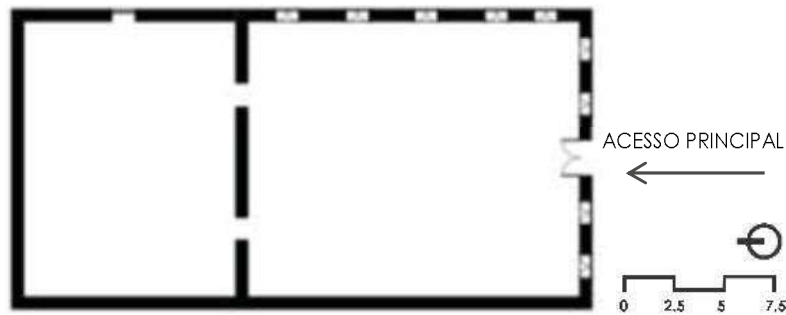
[Quadro 6] Preservação Nº 13

4	Casa Nº 13	
	(Planta baixa indisponível)	
INVENTÁRIO - Ficha 04		Nível de Preservação: 04 - PF
Uso atual:		Sugestão de uso:
Residencial		A tipologia se adequa ao uso atual como edificação residencial.

[Quadro 7] Preservação Nº 12

5	Casa Nº 12	
	(Planta baixa indisponível)	
INVENTÁRIO - Ficha 05		Nível de Preservação: 04 - PF
Uso atual:		Sugestão de uso:
Residencial		A tipologia se adequa ao uso atual como edificação residencial.

[Quadro 8] Preservação Sobrado Cruz

6	Sobrado Cruz	
		
Fonte: Autor, 2019		
INVENTÁRIO - Ficha 05		Nível de Preservação: 02 - PIE
Uso atual:		Sugestão de uso:
Sem uso		Por estar situado na esquina e dispor de vários acessos para as duas ruas, cabe neste sobrado um mercado de artesanato.

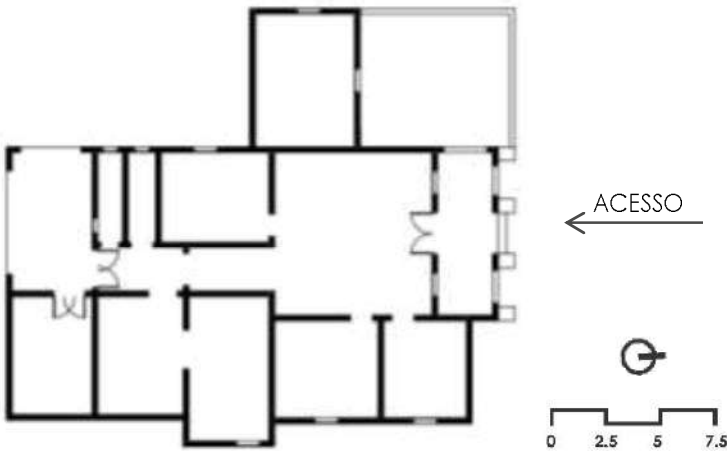
[Quadro 9] Preservação Nº 12A

7	Casa Nº 6	
	(Planta baixa indisponível)	
INVENTÁRIO - Ficha 05		Nível de Preservação: 04 - PF
Uso atual:		Sugestão de uso:
Residencial		A tipologia se adequa ao uso atual como edificação residencial.

[Quadro 10] Preservação Edifício Cruz

8	Edifício Cruz	
	(Planta baixa indisponível)	
INVENTÁRIO - Ficha 08		Nível de Preservação: 01 - PIA
Uso atual:		Sugestão de uso:
Sem Uso		O prédio possui um grande potencial para se tornar um Museu: sua localização, sua disposição interna bem compartimentada, salas grandes e um boa área livre no fundo que possui acesso individualizado e pode servir de jardim para pequenos eventos culturais. Vale destacar a importância de um museu na cidade já que não há nenhum local com esta função na mesma.

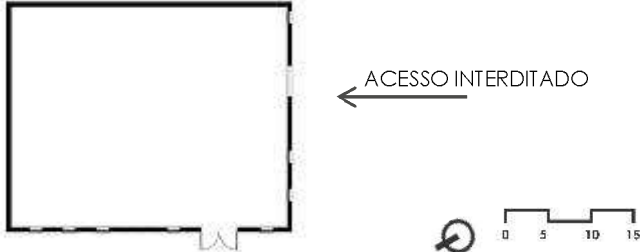
[Quadro 11] Preservação Posto de puericultura

9	Posto de puericultura	
		
Fonte: Autor, 2019		Fonte: Autor, 2019
INVENTÁRIO - Ficha 09		Nível de Preservação: 01 - PIA
Uso atual:		Sugestão de uso:
Sede da Associação S.C. Juventude Maruim e salas do Educamor.		O novo uso se adequa bem à tipologia da edificação, então pode ser mantido. O seu potencial educacional pode ser melhor explorado e valorizado a partir de uma restauração que torne mais viável os atuais usos.

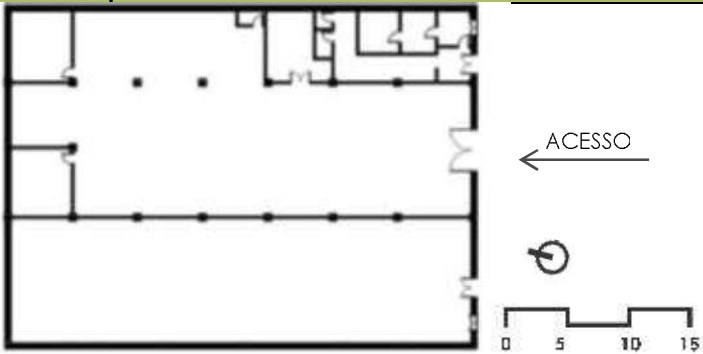
[Quadro 12] Fábrica de bebidas Nortista

10	Fábrica de Bebidas Nortista	
		
Fonte: Autor, 2019	Fonte: Autor, 2019	
INVENTÁRIO - Ficha 10	Nível de Preservação: 03 - PV	
Uso atual:	Sugestão de uso:	
Garagem	O grande vão livre permite utilização diversificada, que pode ser comercial ou, como o uso antigo sugere, fabril.	

[Quadro 13] Preservação do Trapiche 02 de Julho

11	Trapiche 02 de julho	
		
Fonte: Autor, 2019	Fonte: Autor, 2019	
INVENTÁRIO - Ficha 11	Nível de Preservação: 01 - PIA	
Uso atual:	Sugestão de uso:	
Garagem	Sem cobertura, o volume pode servir como um espaço cultural para atividade noturnas como apresentações, cinema público e o comércio cultural.	

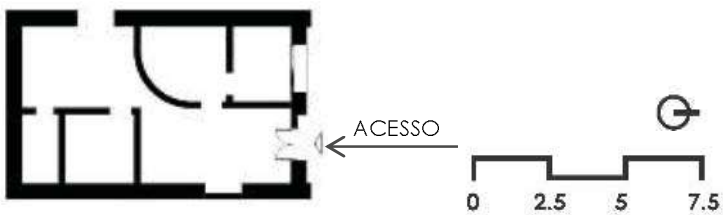
[Quadro 14] Preservação do Trapiche Bom Gosto

12	Trapiche Bom Gosto	
		
Fonte: Autor, 2019	Fonte: Autor, 2019	
INVENTÁRIO - Ficha 12	Nível de Preservação: 01 - PIA	
Uso atual:	Sugestão de uso:	
Secretaria de Obras e Almoxarifado	Pode-se destinar à sede da secretaria de Cultura e à Secretaria do Patrimônio, além de um posto de Informações turísticas e de apoio administrativo para o turismo aquático do rio Ganhamoroba.	

[Quadro 15] Preservação do Sobrado verde

13	Sobrado Verde	
	(Planta baixa indisponível)	
Fonte: Autor, 2019		
INVENTÁRIO - Ficha 13		Nível de Preservação: 03 – PV
Uso atual:		Sugestão de uso:
Residencial		O uso atual se adequa à tipologia, já que corresponde ao uso original.

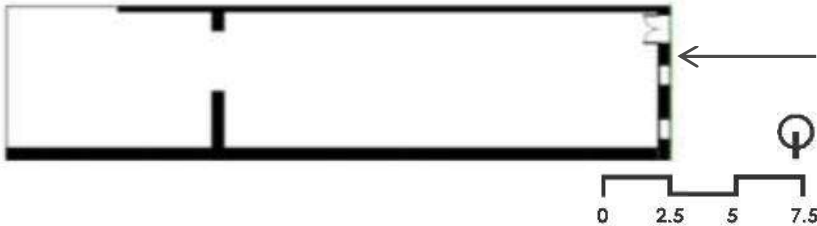
[Quadro 16] Preservação da Casa da Sra Alaíde Viana

14	Casa da Sra Alaíde Viana	
		
Fonte: Autor, 2019		Fonte: Autor, 2019
INVENTÁRIO - Ficha 14		Nível de Preservação: 03 - PV
Uso atual:		Sugestão de uso:
Residencial		Trata-se de um imóvel pequeno e que não possuía divisórias internas. A compartimentação foi feita pelos atuais proprietários sem gerar grandes perdas materiais. Assim, o uso residencial pode ser mantido, depois de feita a devida restauração.

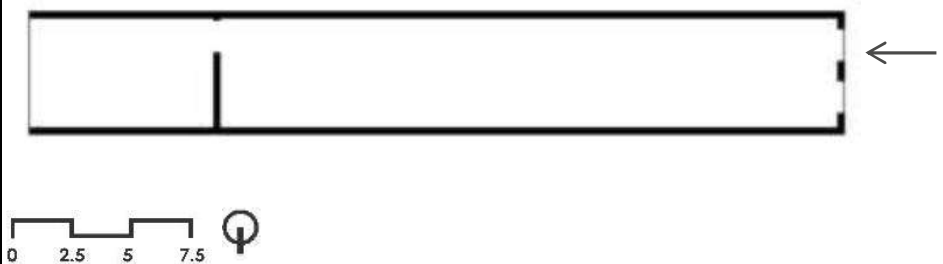
[Quadro 17] Preservação da Casa do Tamarineiro

15	Casa do tamarineiro	
	(Planta baixa indisponível)	
Fonte: Autor, 2019		
INVENTÁRIO - Ficha 15		Nível de Preservação: 03 – PV
Uso atual:		Sugestão de uso:
Residencial		A tipologia se adequa ao uso atual como edificação residencial.

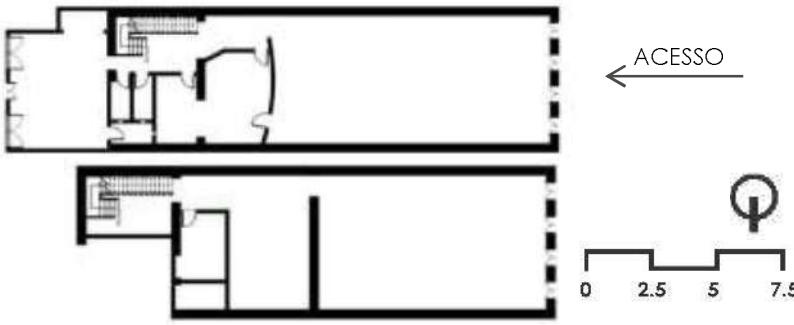
[Quadro 18] Preservação da Casa Neogótica

16	Casa Neogótica
	
Fonte: Autor, 2019	Fonte: Autor, 2019
INVENTÁRIO - Ficha 16	Nível de Preservação: 02 – PIE
Uso atual:	Sugestão de uso:
Sem Uso	Como o imóvel não apresenta divisórias internas, isso pode ser aproveitado para o estabelecimento de um restaurante ou bistrô, já que fica em frente ao parque e é uma rua bastante visitada. Existe ainda a possibilidade de utilização da rua para mesas e cadeiras do estabelecimento.

[Quadro 19] Preservação da Casa do Tamarineiro

17	Missão Católica Nova Aliança
	
Fonte: Autor, 2019	Fonte: Autor, 2019
INVENTÁRIO - Ficha 17	Nível de Preservação: 02 – PIE
Uso atual:	Sugestão de uso:
Sem Uso	Os atuais proprietários desejam estabelecer no local uma casa de oração com o foco no público jovem, além de criar programas culturais em parceria com museus e escolas. Esse uso se apresenta como uma boa opção na medida em que traz movimento à rua, principalmente no período da noite.

[Quadro 20] Preservação da Centro Espírita Amélia Alves

18	Centro Espírita Amélia Alves
	
Fonte: Autor, 2019	Fonte: Autor, 2019
INVENTÁRIO - Ficha 18	Nível de Preservação: 02 - PIE
Uso atual:	Sugestão de uso:
Centro Espírita	O atual uso é bastante estruturado e por isso deve ser mantido e estimulado, na medida em que diversifica o uso na região.

[Quadro 21] Preservação da Colortextil Nordeste Ltda

19	Colortextil Nordeste Ltda	
	(Planta baixa indisponível)	
Fonte: Autor, 2019		Fonte: Autor, 2019
INVENTÁRIO - Ficha 19		Nível de Preservação: 01 – PIA
Uso atual:		Sugestão de uso:
Fábrica de tecidos		O uso atual se adequa à tipologia, já que corresponde ao uso original.

[Quadro 22] Preservação da Fábrica de Bebidas Hannequim

20	Fábrica de Bebidas Hannequim	
	(Planta baixa indisponível)	
Fonte: Autor, 2019		
INVENTÁRIO - Ficha 20		Nível de Preservação: 01 - PIA
Uso atual:		Sugestão de uso:
Sem uso		O prédio de interesse encontra-se em desuso enquanto um outro em anexo é usado pela Metal PUV. Como se trata de uma área industrial, o prédio pode ser aproveitado pela própria empresa como administração.

3.2.2 ESCALA URBANA

A Área de Preservação Urbana é constituída pelo conjunto de edificações em relação ao seu entorno e aos espaços públicos. Podem ser citados os parques, praças, logradouros e demais elementos com características históricas. Estas áreas são de interesse do Patrimônio Cultural por terem sido importantes na construção da história da cidade, isto graças às suas características formais, morfológicas e históricas.

São diretrizes gerais para a APU:

- i. Promover ações de recuperação e requalificação dos espaços públicos, seguindo as normas de restauração definidas pelas determinações internacionais e pelo Iphan.
- ii. Rever e se preciso adequar os usos das edificações à conservação, quando estes oferecerem risco à integridade e à autenticidade do bem. Recomenda-se que sejam prioritariamente residenciais com habitações uni e multifamiliares. Os comércios e pequenos serviços também podem ser admitidos desde que não sejam prejudiciais à integridade das edificações de modo a perder as suas características autênticas.
- iii. Preservar a pavimentação em pedra calcária e dar a ela o tratamento devido, além de conservar por meio da limitação do acesso de veículos grandes e pesados.
- iv. Manter o desenho urbano do traçado histórico e da sua relação com os espaços abertos e largos.
- v. As alterações, substituições ou instalações de equipamentos de uso público que sejam necessários para o desempenho harmônico das funções sociais do espaço devem garantir uma coesão de textura e escala com o existente. Isto deve acontecer sem sugerir cópias, mas de forma contemporânea.
- vi. O interior das quadras (os miolos) deve ser preservado impermeável e arborizado.

A Área de Preservação Urbana pode ser subdividida em:

5. PRESERVAÇÃO URBANA DE CONJUNTO HISTÓRICO

Corresponde às áreas com maior concentração de conjuntos, espaços públicos e bens de interesse cultural. Compreende os arruamentos e logicas de implantação antigas, o alinhamento das edificações e as próprias edificações à maneira do século XIX. Nesta área estão inseridas a maioria dos imóveis tombados pelo PGC-Maruim.

São diretrizes específicas para essa área:



[Figura 70]
Preservação Urbana de Conjunto Histórico
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

i. Manutenção da harmonia volumétrica, da tipologia arquitetônica predominante, do ritmo e da proporção, dos materiais de cobertura, do gabarito e da maneira de implantação no lote.

ii. Deve haver a garantia de visualização e ambiência dos monumentos e do seu entorno imediato.

iii. Reabilitar os imóveis e os espaços públicos que estejam em estado de desuso e abandono.

iv. Não serão permitidos desmembramentos de terrenos, visto que os lotes possuem tamanhos insuficientes

v. A cobertura das edificações deve ser de telha cerâmica tipo capa e canal, seguindo o modelo padrão da face de quadra (planos paralelos à via). A inclinação deve estar entre 25% e 50%, não sendo permitida a construção de terraços com ou sem cobertura. A instalação de telhas de vidro, placas solares e antenas parabólicas serão permitidas sempre que o impacto visual observado das vias seja mínimo. A caixa d'água não deve criar um volume próprio, mas deve estar inserido no desvão da edificação, abaixo do plano de cobertura.

vi. Os pavimentos em pedra devem ser preservados em todas as vias públicas, passeios e meios-fios.

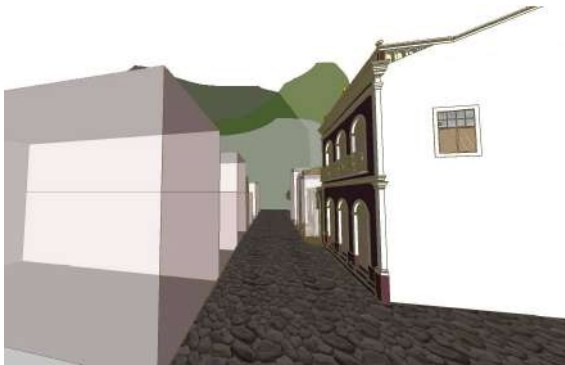
vii. A altura das novas edificações deverá seguir a média observada na cota dos beirais, cimalhas ou platibandas das edificações térreas vizinhas, ou seja 4 m de altura. Não será permitida a construção de mais de um pavimento nesta área, pois isto seria conflituoso para a visualização dos sobrados existentes, como já se observa em ruas com novas construções com 2 pavimentos.

viii. A abertura de vãos de garagem será permitida mediante algumas condições: a aprovação do órgão gestor do patrimônio a partir da análise da face de quadra; após a verificação do impacto compositivo da intervenção no conjunto; e quando não forem alteradas as proporções dos vãos existentes.

ix. Não é permitido o uso de estruturas aparentes nas fachadas como pilotis, pilares e vigas. O fechamento deve ser em alvenaria, reboco e pintura e as esquadrias devem manter o ritmo, o alinhamento e a proporção das edificações observadas na face de quadra.

x. As novas edificações devem seguir o ritmo de abertura das edificações históricas presentes e seguindo o alinhamento dos beirais, cimalhas e platibandas.

6. PRESERVAÇÃO URBANA DE AMBIÊNCIA



[Figura 71]
Preservação Urbana de Ambiência
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Já a área de preservação da ambiência apresenta um número menor de elementos significantes pois a urbanização já está mais consolidada ou em consolidação. Nesta situação, as edificações a serem preservadas encontram-se mais espalhadas pelas quadras, em meio a várias tipologias modernas. Deste modo, a área compreende a ambiência destas edificações e as tem por base para definir intervenções arquitetônicas e paisagísticas.

- i. A cota da cumeeira para as edificações que estiverem nesta área deve ter por base os edifícios tombados.
- ii. A cobertura das edificações deve ser de telha cerâmica tipo capa e canal, seguindo o modelo padrão da face de quadra (planos paralelos à via). A inclinação deve estar entre 25% e 50%, não sendo permitida a construção de terraços com ou sem cobertura.
- iii. A demolição parcial ou total de alguma edificação do conjunto só será autorizada mediante alguns requisitos: apresentação de projeto para a nova edificação; o estado de conservação do edifício for uma ameaça à segurança pública; e quando o órgão responsável considerar que o exemplar não seja de interesse patrimonial e o seu projeto contribuir para a requalificação da paisagem.
- iv. As edificações devem seguir o alinhamento das edificações existentes de modo a garantir a harmonia do conjunto edificado.
- v. A abertura de vãos de garagem na PUA será permitida mediante algumas condições: a aprovação do órgão gestor do patrimônio a partir da análise da face de quadra; após a verificação do impacto compositivo da intervenção no conjunto; e quando não forem alteradas as proporções dos vãos existentes.
- vi. A arquitetura de grande porte deverá ser desestimulada e só será permitida mediante comprovação de que o projeto será de valorização da arquitetura e da paisagem da PUA.

3.2.3 ESCALA PAISAGÍSTICA

A escala paisagística corresponde à maior parcela do poligonal e sua maior parte está situada no bairro Lachez. Assim, essa escala constitui a Área de Preservação da Paisagem, que em geral é uma área não edificada.

São diretrizes para a esta de área de interesse paisagístico:

- i. Estimular ações de recuperação das áreas de mangue
- ii. Promover a recuperação das matas ciliares e preservação das áreas não degradadas com o intuito de preservar o rio Ganhamoroba.
- iii. Coibir a instalação de qualquer atividade danosa ao ambiente natural e urbano no que diz respeito à poluição das ruas e mananciais.
- iv. Combater a poluição do rio Ganhamoroba através da fiscalização e do investimento em saneamento ambiental.
- v. Nas colinas e encostas dos morros, não será permitida a construção de edificações públicas ou privadas. Nas margens do rio, que nesse caso possui entre 30 e 50 m de largura, deverá ser mantida uma distância mínima de 50 m, segundo o Código Florestal (atualizado pela Lei nº 12.727/12) para qualquer edificação.
- vi. Nas áreas de preservação da paisagem serão estimuladas ações de Turismo e Lazer, tendo em vista o potencial do hidrográfico e a vegetação nativa. Contudo, as ações de intervenção nas proximidades do rio Ganhamoroba somente com a apresentação do estudo de Impacto Ambiental que será apresentado ao órgão responsável pela gestão.

Dentro da Área de Preservação da Paisagem (APP) ainda é possível estabelecer subdivisões de acordo com as especificidades:

7. PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL DE ENCOSTAS (PPNE)



[Figura 72]
Preservação da paisagem Natural de encostas
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Corresponde à área pouco urbanizada, com baixa densidade construtiva e que possui uma notável formação topográfica, hidrográfica ou vegetal. Compreende área urbanizada das encostas dos morros. Assim, as diretrizes específicas para ela são:

- i. A ocupação deve ser desestimulada, visto que ela tem crescido em direção ao morro, pondo em risco as características originais da paisagem.

ii. Novos loteamentos ou parcelamentos urbanos precisam ser aprovados pelo órgão gestor do patrimônio, além de depender das disposições da prefeitura em promover ações de regularização urbana e ambiental da área, dando a ela a infraestrutura necessária.

iii. Tendo em vista a visualização da paisagem natural e das fábricas a partir das APUs, não será permitida a verticalização. As edificações devem permanecer somente térreas.

8. PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM NATURAL (PPN)



[Figura 73]
Preservação da paisagem Natural
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020

Corresponde à área dentro da Escala paisagística que se localiza nos vales e na margem do rio. Nesta área, a urbanização encontra-se mais acelerada como pode ser visto pela diversidade de usos, de gabaritos e adensamento. É uma área frágil ambientalmente pois as edificações localizam-se muito próximas ao rio e ao canal.

São diretrizes para a PPN:

i. Investimento na infraestrutura urbana, a fim minimizar os danos causados pelas constantes cheias do rio Ganhamoroba.

ii. Com ponto de apoio nessa área, desenvolver um consórcio com as cidades de Laranjeiras e Santo Amaro da Brotas tendo em vista o uso dos recursos hídricos de cada município, visto que seus principais cursos d'água se conectam entre si. O Percurso do Cotinguiba, como pode ser chamado, terá como objetivo o turismo nas referidas cidades, valorizando a paisagem natural e a história de cada cidade.

iii. Nesta área, dado o elevado grau de urbanização, as edificações podem ter o gabarito próximo às instalações industriais, ou seja, limitado a 2 pavimentos.

iv. Fiscalizar a ação das indústrias, tanto na retirada quanto na devolução dos recursos naturais.

v. Garantir que seja mantido recuo mínimo do rio, segundo as leis competentes.

vi. Garantir área permeável e arborizada no fundo dos lotes, tanto para a infiltração das precipitações quanto para manutenção da paisagem nativa.

3.3. ESPAÇOS PÚBLICOS E ÁREAS VERDES

As escalas de preservação propostas acima são permeadas por praças, parques, canteiros e orlas, que constituem espaços públicos fortes fundamentais para a compreensão e delimitação do Patrimônio Ambiental Urbano de Maruim. Quando estes espaços são mal geridos, ao invés de promover o desenvolvimento harmônico e sustentável da cidade, acabam por trazer perdas na história e na ambiência do espaço urbano. Assim, cabem algumas diretrizes a serem aplicadas aos espaços públicos que fazem parte das sete áreas de preservação apresentadas até agora.

A Carta de Washington sugere em suas diretrizes que entre o conjunto de elementos que se deve preservar, estão “as relações entre os edifícios, espaços verdes e áreas livres” (ICOMOS, 1987, p. 2). O objetivo é promover a reabilitação dos espaços públicos por meio da sua humanização e da elaboração de projetos de requalificação paisagística e ambiental. Estabelecer critérios de requalificação dos espaços públicos é uma importante estratégia de gestão do patrimônio com foco no desenvolvimento da cidade. Toda proposta deve ser pautada em devolver à população espaços públicos que fazem parte do patrimônio selecionado e que estão em desuso, mostrando que a salvaguarda não objetiva tomar os bens públicos, mas ao contrário, devolvê-los e orientar sua conservação. Isso deve se dar por meio das seguintes diretrizes.

A praça da bandeira e do tamarineiro, elencada como símbolo histórico mais importante, deve receber tratamento especial e prioritário. Seu projeto de requalificação deve considerar sobretudo sua importância histórica para a formação da cidade. Assim, as superfícies planas devem ser realçadas, o mobiliário urbano deve ser discreto, canteiros baixos e arborização adequada, de modo a não interferir na visualização dos conjuntos arquitetônicos, mas sim valorizá-los.

A orla da rua Vereador João Gomes apresenta uma importante continuidade com a Praça da Bandeira, por isso deve oferecer condições de passeio e permanência. Além disso, dar as condições de uso aos moradores da rua que regularmente utilizam este espaço, mesmo sem as condições de mobiliário adequadas.

O parque Otto Schramm, além de ser importante para a história de Maruim, é um importante espaço público para toda a cidade e está dentro da área de preservação urbana. Por isso, merece uma intervenção de modo que fique mais acessível e convidativo, principalmente porque é envolvido por altos muros.

Os espaços abertos localizados nas áreas de preservação devem dispor de boa iluminação pública de modo a valorizar os objetos de preservação arquitetônica e paisagística, realçando o conjunto arquitetônico.

conclusão

Embora o conceito de Patrimônio Cultural já esteja consolidado por meio das Cartas e Declarações e o reconhecimento da importância da sua salvaguarda já seja assegurado pela Constituição, que atua nos órgãos nacionais, estaduais e municipais, há de se observar que preservar ainda é um sinônimo de desafio.

A dificuldade se agrava em pequenas cidades como Maruim, que possuem pouquíssimo ou nenhum suporte documental e institucional que deem embasamento ao estudo. Assim, o primeiro desafio que se impôs foi pensar a preservação de um espaço do qual pouco se conhece e sobre o qual existem informações controversas.

A ausência de qualquer legislação de ordenamento urbano ou até mesmo de um desenho que englobe a cidade atual são sinais claros do que foi comprovado do processo de diagnóstico desta pesquisa: a cidade cresce para todos os lados – inclusive para cima – sem nenhum controle por parte do setor público. Enquanto isto acontece, novas ambiências são colocadas sobre o espaço urbano edificado, sem qualquer critério ou consciência acerca dos valores que têm se perdido.

A existência de outras áreas com potencial histórico e cultural, que estão igualmente necessitadas de preservação, sugere que o PGC seja estendido a toda a cidade. Existem edificações e espaços urbanos não mapeados, sítios arqueológicos não estudados e memórias a serem documentadas. Aliás, não só no perímetro urbano, mas também espalhada pelo território da cidade.

Vale ressaltar que esta situação está longe de ser uma particularidade de Maruim. Em âmbito estadual, é notória a necessidade de criação de órgãos departamentais do Patrimônio Histórico para todas as cidades, pois é fácil observar o estado de esquecimento em que os seus bens históricos têm sido deixados. Assim, esta pesquisa traz uma série de reflexões tanto pertinentes quanto urgentes para os poderes públicos e os moradores da cidade Maruim, inicialmente, mas depois se estende às demais cidades do Estado.

É possível realizar um planejamento urbano que não deixe de lado a história da cidade, mas que pelo contrário, a use como mecanismo de compreensão e análise do espaço, incluindo seus caminhos e perspectivas. O PGC é uma realidade possível para as pequenas cidades e uma solução de fácil acesso, já que não exige tecnologias avançadas, mas sim “a participação e o envolvimento dos habitantes” (ICOMOS, 1987, p.2), junto com a colaboração dos poderes públicos responsáveis pela gestão.

CARVALHO, J. P. DE C. **Apontamentos sobre alguns actos da vida publica do cidadão brasileiro José Pinto de Carvalho**. Bahia: Typ. De Camillo de Lelli Masson & C., rua de Santa Barbara, n. 2, 1863.

CASAL, M. A. DE. **Corografia brasílica ou relação histórico-geográfica do Reino do Brazil**. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume, 2009.

CELSE, 2017. **Plano de Conservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Arqueológico: PBA do complexo termoeletrico Porto de Sergipe I**. Ch2m: setembro, 2017.

CHOAY, F. **A alegoria do Patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CONSELHO DA EUROPA. **Declaração de Amsterdã de 1975**. IPHAN, 1975

DINIZ, D. M. et al. **Textos para a História de Sergipe**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/BANESE, 1991.

ENNES, M. A. A Imigração estrangeira em Sergipe (1875-1930). **História (São Paulo)**, v. 30, n. 2, p. 312–334, 2011.

FREIRE, F. **História de Sergipe (1575 - 1855)**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1891.

FREITAS, J. E. DE M. **Cartas de Maruim**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1991.

GONÇALVES, Ana Paula Arato. **O que é um plano de conservação?** ConservaFau, São Paulo, mar 2016. Disponível em: < <https://conservafau.wordpress.com/2016/03/18/o-que-e-um-plano-de-conservacao/> > Acesso em: 13 de mar de 2020

IBGE. **Cidades: Panorama da população no ultimo senso**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/maruim/panorama>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

ICOMOS. Carta de Washington. 1987.

ICOMOS. Carta de Veneza. In: **IPHAN: Cartas Patrimoniais**. [s.l: s.n.].

IPHAN. **Oficina de Projetos LTDA**. Aracaju, 2010.

IPHAN. **Desafios da preservação do Patrimônio Cultural nas cidades históricas** BrasíliaMinistério da Cultura, , 2018.

JACOMINI, P. K. T. A Nova Classificação Brasileira De Solos. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica**, v. 5, n. 0, p. 161–179, 2009.

LACERDA, N.; ZANCHETI, S. M. **Plano de Gestão da Conservação Urbana : Conceitos e Métodos**. Olinda: Centro de estudos Avançados da Conservação Integrada, 2012.

LEÃO, L. C. C. O espaço livre público e a visão cotidiana da paisagem : o caso do centro

histórico de Laranjeiras-SE. p. 186, 2011.

MACHADO, J. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Diário Oficial da União**, v. seção 3, n. 174, p. 14, 2014.

MENDES, F. R. et al. **Arquitetura no Brasil de Cabral a Dom João VI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

MENDONÇA, J. U. DE; SILVA, M. L. M. C. E. Maroim nos planos da província de Sergipe (1846): Um olhar sobre a planta de João Bloem. **I Encontro das academias de letras de Sergipe**, 2018.

MENESES, U. T. DE. **O Campo do Patrimônio Cultural**. Ouro Preto: I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, 2009

MOTTA, L.; REZENDE, M. B. Inventário. In: **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

NUNES, M. T. **Sergipe Colonial II**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NUNES, M. T. **Sergipe Provincial II (1840/1889)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Aracaju/SE: Banco do Estado de Sergipe, 2006.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

RIBEIRO, J. F. **Para além do Centro Histórico: Valores e Sentidos do Patrimônio edificado de Espírtio Santo do Pinhal**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2017.

RISCADO, J. E. Patrimônio e cidade: uma análise sobre os centros históricos brasileiros em tempos de reestruturação urbana. **Métis história e cultura**, v. 17, n. 33, p. 293–306, 2018.

RISÉRIO, A. **Uma história do Povo de Sergipe**. Aracaju/SE: Seplan, 2010.

ROLNIK, R. **O que é cidade**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROSA, G. **Maruim - Coisas que ouvi dizer**. Maruim: Gráfica Editora J Andrade, 1998.

RUFINONI, M. R. **Preservação e restauro urbano: intervenções em sítios históricos industriais**. São Paulo: Fap: Unifesp : Edusp, 2013.

SANTOS, R. I. DOS. **Uma fonte para a história da visita de Dom Pedroo II a Sergipe: viagem imperial à Província de Sergipe, (1860), transcrição modernizada**. [s.l.] Universidade Federal de Sergipe, 2009.

SANTOS, W. A. DOS. **Ocupação e dinâmica socioambiental da sub-bacia hidrográfica do rio Cotinguiba/se**. [s.l.] Universidade Federal de Sergipe, 2012.

SANTOS FILHO, O. R. DOS. Calçamento das Ruas de Tiradentes: Notas Históricas. In: **Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes**. [s.l: s.n.].

SANTOS, L. DE S. **Sob as águas do rio Sergipe: relação comercial e marítima do porto de Santo Amaro das Brotas/SE a partir do tráfico interno de escravos no século XIX**. [s.l.] Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SCHLEE, A. **Segundo Andrey Schlee, preservar o patrimônio é questão de sobrevivência**. Disponível em: <<https://www.caugo.gov.br/segundo-andrey-schlee-preservar-o-patrimonio-e-questao-de-sobrevivencia/>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

SEPOG. A história de Sergipe através da Cartografia. 2015.

SILVA, M. L. M. C. E. **Inventário Cultural de Maruim; Edição Comemorativa aos 140 de Emancipação Política da cidade**. Aracaju: Secretaria Especial de Cultura, 1994.

SMITH, R. C. Arquitetura Civil no Período Colonial. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1969. p. 25–125.

SOARES, I. S. R.; OLIVEIRA, C. T. DE A. **Preservação arquitetônica: teoria, legislação e prática** *Revista CPC*, 2013.

SPHAN. Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: Uma Trajetória. v. 31, p. 143, 1980.

SUBRINHO, J. M. DOS P. **História Econômica de Sergipe (1850 - 1930)**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 1983.

SUBRINHO, J. M. DOS P. A casa Schramm e a economia sergipana na segunda metade do século XIX. In: **Cartas de Maruim**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 1991. p. 37–39.

TINOCO, J. E. L. Plano de Gestão da Conservação para edificações de valor cultural. **Revista CPC**, p. 001–205, 2014.

TRIGUEIRO, E. B. F. Sobrados coloniais: um tipo só? **Cadernos PROARQ**, v. 194–211, n. 19, 2012.